

culdade. Em 18 de agosto de 1864 respondeu o ministro do reino com a portaria que nomeava o professor Antonio Augusto da Costa Simões para ir com o respectivo preparador aos paizes estrangeiros exercitar-se nas materias da sua cadeira, observando as instrucções appensas á mesma portaria ¹.

Sahiram do reino os commissionados, e tomaram a direcção de Pariz, aonde chegaram em 22 de dezembro de 1864. Assentaram de alli se demorar, e de inaugurar alli os trabalhos da sua commissão. Foi acertado este alvitre, porque a luz recebida naquelle vasto foco de actividade scientifica habilitou-os para melhor conhecerem e apreciarem o que se passava nas outras escholal. Seguiram pois naquella cidade os cursos de histologia e de physiologia experimental; e, quando tiveram o desgano de que os professores de maior nomeada tambem por lá se viam em difficuldades para levarem a cabo as demonstrações practicas, e de que nem todas as preparações e experiencias lhes sahiam com a nitidez inculcada nos livros e no desenho das estampas, levantaram de Pariz, e deixaram a França para continuarem a viagem ás mais celebres Universidades de outras nações.

Visitaram as escholal de Medicina da Belgica e da Hollanda. Mas, como as intrucções de viagem assignavam encargos communs e especiaes a cada um dos commissionados, separaram-se então e proseguiram na derrota em sentido diverso. O preparador Costa Duarte, que aproveitára o ensejo de se doutorar em Bruxellas, partiu de Amesterdam para Berlim, onde se applicou a algumas particularidades da sua commissão. Voltou ainda a Pariz, e de lá

¹ Eis o que se contem nas instrucções indicadas pela Faculdade, e formuladas na Direcção Geral de Instrucção Publica.

1.ª A viagem scientifica do lente da Faculdade de Medicina, o dr. Antonio Augusto da Costa Simões, verificar-se-ha aos principaes estabelecimentos technicos de Pariz, Londres e Allemanha.

2.ª O dr. Antonio Augusto da Costa Simões será acompanhado pelo preparador de anatomia, Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, devendo este executar os methodos e processos das novas e delicadas operações, filhos do progresso cirurgico, e apreciar os seus resultados.

3.ª De tres em tres mezes o dr. Costa Simões dará conta ao Governo e á Faculdade do estado dos seus estudos, trabalhos e observações relativas á commissão de que é encarregado.

4.ª A viagem scientifica durará um anno para os dous commissionados; podendo ser prolongada mais algum tempo a do lente Costa Simões, se o Governo assim o entender necessario. Secretaria d'Estado etc.

sahiu para Portugal em 24 de junho de 1865. O professor Costa Simões dirigiu-se Rheno acima; deteve-se nas cidades de Bonna, Geissen, Wrzburgo, Heidelberg, Strasbugo e Zurich, e em todas apreciou a organização dos estudos medicos, com especialidade os de histologia e physiologia experimental. Encaminhou-se depois para Munich, Vienna de Austria e Berlim, e nesta ultima capital estudou por algumas semanas certas especialidades com os preparadores de melhor nome. De volta para Pariz tocou em Göttinga, celebre pela sua afamada escola de Medicina. Tendo enfim passado o anno de 1865 em continuas fadigas scientificas, como lhe não prolongassem o tempo da commissão para visitar as Universidades de Inglaterra e de Italia, regressou ao reino e a Coimbra depois de meado dezembro d'aquelle anno.

Dispensam-nos de maiores noticias, attinentes á viagem, os relatorios impressos em 1866, em que se contem especificada menção dos estudos e mais trabalhos emprehendidos pelos dous viajantes¹. Cumpre-nos porém averiguar quaes os resultados da commissão, e referir os serviços, que depois prestaram os commissionados no exercicio das suas occupações academicas juncto da Universidade. Mas, como tem relação com os melhoramentos de alguns gabinetes o que sobre este particular havemos de expôr, dar-lhe-hemos logar mais conveniente quando tractarmos dos estabelecimentos.

As primicias da viagem foram tão satisfactorias, que pouco depois deram motivo para se tentar e auctorisar segunda. O dr. Ma-

¹ *Relatorios d'uma Viagem Scientifica por A. A. da Costa Simões, etc.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866, 4.º de 90 pag. Contem este opusculo os relatorios trimensaes que as instrucções para a viagem recommendavam ao professor commissionado. Acham-se alli designados — o roteiro que seguiram os viajantes, os cursos que frequentaram, a noticia dos estabelecimentos de histologia e de physiologia experimental, que visitaram, com a indicação dos methodos de ensino em cada um, os nomes dos professores e preparadores e com a relação dos instrumentos que possuem, etc. etc. Nas paginas 40, 55 e seguintes vem tambem a descripção do laboratorio ou gabinete de histologia e physiologia experimental de Coimbra, e a enumeração dos instrumentos e apparatus que já naquelle tempo possuia o mesmo gabinete.

Completa os relatorios trimensaes um appendice, em que se expõe o systema geral do ensino medico em França, Belgica, Allemanha e Portugal; e termina o opusculo pela exposição das reformas que o auctor julga convenientes na Faculdade de Medicina e pela publicação da portaria de 18 de agosto de 1864 e mais peças officiaes relativas á viagem.

nuel José da Silva Pereira, substituto esperançoso da Faculdade de Medicina, e peito audaz para grandes commettimentos, pediu e obteve a concessão de ir estudar á sua custa os progressos da sciencia e a organização do ensino medico nas escholas da America. Em 14 de dezembro de 1868 sahio a barra de-Lisboa com destino ao Rio de Janeiro, onde contava demorar-se e seguir depois para os Estados do Norte. Tomou-o a febre amarella na capital do Brazil; lá se finou no vigor da idade e com elle as esperanças de prestantes serviços. Empenhou-se pouco depois a Faculdade de Medicina por alcançar do Governo o costumado subsidio para nova viagem. O seu empenho foi justo e louvavel; aspirava a remediar uma grande necessidade como tornará evidente o que vamos referir.

Anteviam-se prosperos successos já no ensino experimental, já no engrandecimento dos gabinetes, quando por lei foram creados quatro logares para preparadores junto da Faculdade de Medicina. Ninguem duvidava de que as demonstraões e todo o serviço de practica adquirisse desde então notaveis melhoramentos. Aconteceu porem falharem as previsões, porque as prosperidades que a lei promettia foram illididas e contrariadas pelo programma para o primeiro concurso. A lei presuppunha que seriam providos nos logares funcionarios adéstrados no serviço das preparaões, homens habituados ao trabalho assiduo dos laboratorios; o programma, nimiamente escrupuloso nas habilitaões dos pretendentes, impozlhes a clausula de um curso completo de instrucão medica, e excluiu do concurso todos os que não tivessem aquella habilitaão, embora fossem peritos consumados na arte de preparar. Limitado por este modo o concurso aos doutores, bachareis formados e medicos-cirurgiões, era consequencia quasi necessaria que jámais lidariam nos estabelecimentos preparadores, que correspondessem ao nome e encargos do officio; porque, a não ser para lhe succarem os proventos, como prebenda de tresentos mil réis, só por excepção singular se poderia achar quem consumisse o melhor da vida a formar-se em Medicina para depois se entregar ao serviço asqueroso, repellente e insalubre das disseccões cadavericas, etc.

A Faculdade de Medicina, que fôra consultada sobre as bases para um regulamento, tinha dado outras indicaões, e já então apontara a conveniencia de se proverem nos logares individuos com habilitaões technicas e educados no tracto dos gabinetes. Só alli

se adquirir a instrucção practica, só alli se podem formar bons preparadores. Lembrou a Faculdade que serviam nos estabelecimentos tres empregados habilissimos e adextrados pelo tirocinio de longos annos nos trabalhos de preparações chemicas, anatomicas e physiologicas. Pediu, que, para utilidade do ensino, recalissem nestes empregados as primeiras nomeações. O despacho que o Governo deu á petição foi mandar abrir concurso para os quatro logares de preparadores segundo o programma publicado no *Diario do Governo* de 19 de outubro de 1864.

Concorreu um doutor, que obteve collocação no gabinete de chimica medica. Dos tres empregados, que a Faculdade propoz, foi nomeado preparador de histologia e de physiologia experimental aquelle que exercia o logar interinamente, porque, tendo recebido na Belgica o gráu de doutor em Medicina, habilitou-se para exercer a clinica no reino, e pôde por isso ser admittido a concurso. Fizeram em seguida opposição dous bachareis aos dous logares de preparadores de anotomia normal e pathologica, e foram ambos despachados como pretendiam; mas um despediu-se do emprego passados cinco dias, o outro tambem o largou no fim de dous annos. Desde então nunca mais appareceu quem solicitasse aquelles logares. Instou a Faculdade com o Governo para que não exigisse dos candidatos tão subidas habilitações. Réplicou o Governo que se abrisse novo concurso em conformidade com o programma, e assim se fez.

Correu o prazo marcado, e nem um só concurrente se apresentou. Era evidente que nenhum facultativo do reino se prestava a servir. Por este motivo pediu-se auctorisação para se contractar em França ou em Allemanha um preparador que trabalhasse nos gabinetes de anatomia normal e pathologica, e que accumulasse os vencimentos d'um e outro logar. Assentiu o Governo ao pedido, e sem demora diligenciou a Faculdade a acquisição d'um preparador estrangeiro. Baldadas foram porém as diligencias: nem em França nem em Allemanha se encontrou um preparador que quizesse vir para Coimbra. Parece que sinistra influencia arredava da Universidade quem podesse occupar-se nas preparações de anatomia. Os logares continuaram desprovidos; o ensino resentia-se da falta de demonstrações, e muitas peças, que deveriam enriquecer os gabinetes, iam com outros despojos para a valla do cemiterio. Nestas circumstancias deliberou a Faculdade que um dos seus mem-

bro fosse a Pariz exercitar-se nos trabalhos de preparações anatomico-pathologicas e instruir-se nalgumas particularidades, verdadeiros segredos da arte, que só com a practica se podem aprender. O vogal commissionado devia depois ensinar e dirigir em Coimbra as preparações no gabinete de anatomia pathologica, e habilitar para o serviço empregados de segunda ordem, pagos pela folha do expediente. Deu-se conta ao Governo das resoluções tomadas, e pediu-se-lhe que coadjuvasse com os meios necessarios viagem de tanto proveito. Prometteu o Governo a ajuda de custo indispensavel; mas o ruim sestrô, que tanto tem obstado ao provimento dos preparadores, mais uma vez mollogrou os esforços da Faculdade. Quando se tractava dos aprestos para a viagem, cahiu o ministerio, e os ministros que lhe succederam recusaram o subsidio promettido.—Os logares ahi permanecem vagos; as demonstrações anatomicas vão-se remediando como é possível; mas as collecções de preparados, que deviam ter augmentado, estacionaram, e os gabinetes acham-se nas circumstancias que vamos descrever.

Hospitales, dispensatorio pharmaceutico e theatro anatomico foram os primeiros estabelecimentos que a Faculdade de Medicina possuiu depois da Reforma de 1772, e os unicos que por muito tempo lhe attrahiram os cuidados, como temos referido. Completaremos a noticia d'estes, e fallaremos dos que posteriormente se fundaram desde a sua origem até o presente.

Relatámos no capitulo antecedente como a Faculdade de Medicina conseguiu transferir o hospital dos aposentos que lhe destinara o Marquez de Pombal para o edificio do Collegio das Artes. Enquanto a administração economica continuou a cargo da Faculdade, emprehenderam-se muitas bemfeitorias, que logo se reflectiram nos creditos do estabelecimento. Os lentes de clinica, a quem por lei competia a direcção durante o tempo lectivo, prestaram optimos serviços, promovendo a aquisição de roupas e d'outras alfaias, de que muito carecia o novo hospital, e concorrendo para os successivos melhoramentos da casa. Não foi porem menos valiosa a efficaz cooperação dos substitutos, que nos dous mezes de ferias grandes ficavam incumbidos da directoria. O dr. A. A. da Costa Simões, em quanto substituto, foi o primeiro que iniciou obras importantes, construindo no collegio de S. Jeronymo a vis-

tosa sala em que esteve por muito tempo a aula de clinica de mulheres. Seguiu-lhe o exemplo o dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, que, alcançando do Brazil o donativo de quinhentos e quarenta mil réis, embellezou as duas enfermarias, onde estiveram as aulas de clinica medica e cirurgica de homens. Finalmente o dr. Philippe do Quental, que por tres vezes teve o cargo de director, fez sentir a sua actividade em todo o hospital, já reformando o material das officinas existentes e construindo outras de novo, já regulando as obrigações dos empregados e dando melhor ordem ao expediente do serviço.

As obras de arte, que as circumstancias pediam, e que pouco e pouco se iam realisando, melhoravam por certo as condições hygienicas do estabelecimento; mas se continuassem desligadas umas das outras, adstrictas ás necessidades occasionaes, sem risco geral e sem unidade, acabariam finalmente por tornar o edificio desengraçado por fóra, irregular e mal repartido por dentro. Atalhou a Faculdade a semelhante inconveniente, resolvendo que se formasse um plano completo de hospital, accommodado ás exigencias locaes e ao decoro da Universidade, e que as obras futuras se regulassem punctualmente pelo desenho do plano approved. Ao vogal dr. A. A. da Costa Simões, que já tinha estudos sobre a materia, foi commettido o encargo de organizar o plano do hospital. De modo como se desempenhou da incumbencia dá testemunho manifesto a excellente Memoria que apresentou e foi approveda em Conselho da Faculdade. Resumiu alli a historia dos hospitaes que tem havido em Coimbra; traçou em conformidade com os preceitos da sciencia o plano architectonico que importava realisar no Collegio das Artes; e esclareceu a exposição verbal com o desenho das plantas e alçados para a obra¹.

¹ *Projecto de Reconstrucção do Hospital do Collegio das Artes por A. A. da Costa Simões*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1869, 4.º grande, 16 pag. e 14 estampas lithographadas.

A primeira estampa contem a planta do hospital de Rotterdam e a do hospital Lariboisière de Pariz. O sr. dr. Costa Simões modelou a projectada reconstrucção pelos typos d'aquelles dous hospitaes. O seu *Projecto* foi submettido ao exame d'uma commissão, que o adoptou, e como seu o apresentou ao Conselho da Faculdade em congregação de 5 de outubro de 1869, mostrando-se por essa occasião inclinada a que se accrescentassem em cada enfermaria, sendo possivel, duas camas ás que mencionava o *Projecto*. A Faculdade approved plenamente o parecer da commissão.

Em quanto o lyceu permanecesse sob o mesmo tecto que abrigava o hospital, não se podia começar a execução do projecto. Já por vezes se tinha reflectido quanto convinha passar o lyceu para onde estivesse sem dependencias e melhor avisinhado; mas a falta de accommodações em outras casas, e o grosso dispendio que exigia a construcção de aulas espaçosas, justificavam a conservação dentro do mesmo edificio de dous estabelecimentos que reciprocamente se prejudicavam. O remedio, que pedia tão instante necessidade, appareceu quando menos se esperava. O arrendatario, que occupava o Collegio de S. Bento, cedeu em 1869 dos direitos que nelle tinha, mediante as condições a que o Governo satisfez¹. Deu-se logo ao edificio nova disposição interior. As cellas, outr'ora habitadas pelos monges, transformaram-se em amplas salas; effectuaram-se ao mesmo tempo outras obras indispensaveis, e em 1870 alli se installou, e continuou depois a funcionar o lyceu. Desde então a vasta casaria do antigo Collegio das Artes ficou inteiramente sob a directoria e administração dos hospitaes.

Coincidiu este facto no mesmo anno côm outro de muita importancia, qual foi o da publicação do regulamento para a execução da lei, promulgada quatorze annos antes, que alliviava a Faculdade de Medicina da administração economica dos hospitaes da Universidade. O Governo nomeou para administrador o dr. A. A. da Costa Simões, que principiou a exercer o cargo no 1.º de julho de 1870. Em boa ordem e em circumstancias que já se podiam chamar prosperas lhe entregou a Faculdade o estabelecimento, que duas vezes ella tinha installado em casas differentes, e que no decurso de noventa e seis annos, em tempos calamitosos, e através de mil difficuldades, ella tinha dirigido gratuitamente e com tanto zelo, que, para lhe sustentar os creditos nas occasiões de maiores crises, não duvidaram os directores tomar sobre si pesada responsabilidade.

A iniciativa do novo administrador não tem cessado de promover as prosperidades do estabelecimento. Logo nos primeiros dias da sua administração reformou o pessoal, deu nova ordem ás enfermarias, e estabeleceu o serviço em conformidade com o regula-

¹ Para que se realisasse o contracto de cedencia do collegio de S. Bento concorreu efficazmente o sr. José de Moraes Pinto d'Almeida, que no parlamento e fóra d'elle muito se tem interessado pelos hospitaes da Universidade.

mento de 22 de junho de 1870. E, como obtivesse meios pecuniarios para outros melhoramentos, emprehendeu as primeiras obras de arte segundo o plano approved, algumas das quaes vemos já hoje concluidas. Tudo revela que a intelligente direcção de tão desvelado administrador corresponderá aos votos da Faculdade e á confiança do Governo, e que a sua actividade conseguirá transformar o antigo collegio de humanidades num dos melhores hospitaes do reino. Praza a Deus que assim aconteça, e que ao cabo de tantas fadigas decretem os poderes do Estado a recompensa devida a tal funcionario, já que não tiveram uma palavra de reconhecimento para galardoar os bons serviços dos antigos directores.

O dispensatorio pharmaceutico, que em 1822 chegou á beira de completa ruina, seguiu depois com pequena differença as mesmas phases por que passaram os hospitaes. Quando em 1858 eram já sensiveis os melhoramentos nas enfermarias do Collegio das Artes, tambem no dispensatorio, que já então estava incumbido ao actual administrador, Candido Joaquim Xavier Cordeiro, se tornava manifesta a boa administração. Foi porém na directoria do professor de materia medica e pharmacia, o dr. Antonio Eypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, que o estabelecimento adquiriu maior realce. Alem das obras, que repararam alguns estragos, e embellezaram a aula de materia medica, no que teve parte o dr. José Epiphany Marques, augmentou-se o laboratorio da botica com muitos utensilios e apparatus de moderna invenção, e completaram-se as colleções de preparados officinaes com a aquisição de numerosos productos chimicos e pharmaceuticos. Ficou pois o dispensatorio desde aquella epocha em boas circumstancias para satisfazer ao duplo fim de fornecer medicamentos para os hospitaes e de proporcionar os meios convenientes para o ensino da materia medica e da pharmacia. A directoria d'este estabelecimento já hoje não pertence á Faculdade de Medicina: passou para a administração dos hospitaes em virtude do regulamento de 22 de junho de 1870. Bom seria que para junto dos mesmos hospitaes passassem tambem quanto antes todas as pertencas do dispensatorio, e que lograssem estabilidade na antiga igreja de S. Jeronymo, onde ha doze annos lhes preparam accomodações.

Ora prospera, ora adversa, tem corrido a fortuna ao theatro

anatomico nos ultimos cincoenta annos da sua existencia. Emquanto esteve sob a direcção do dr. Carlos José Pinheiro, foi estabelecimento modelo e que realçava pelo seu desenvolvimento progressivo sobre todos os da Universidade. Com a demissão d'aquelle professor em 1834 entrou em phase de decadencia. Não só parou o engrandecimento das collecções com preparados recentes, mas até se perderam pouco a pouco os que já existiam! Cessou emfim a decadencia, quando não havia mais que perder, e ao torpor de dez annos seguiu-se em 1861 a epocha de melhoramentos, que ainda hoje continuam. Vieram por aquelle tempo para o estabelecimento as primeiras peças clasticas artificiaes, e logo começou tambem a reparação das collecções pela preparação de algumas peças naturaes. O amphitheatro, que obstruia a sala da entrada para todos os gabinetes de anatomia e physiologia, mandou-se desmanchar. A meza de marmore para disseccões, que estava no centro, foi removida, e dispozeram-se para as officinas de disseccão as duas salas que se prolongam para o interior do edificio. Reformou-se e decorou-se com os moveis adequados a aula de anatomia. Adquiriram-se desde então por compras successivas muitas peças clasticas, auxiliares dos estudos anatomicos, avultando entre ellas as dos órgãos dos sentidos, as que representam as modificações do utero gravido e do producto da concepção durante a vida intra uterina, e um modelo do homem completo, que permite estudar todos os órgãos da economia e as suas relações. Outras peças artificiaes enriquecem hoje o gabinete, sendo notaveis pela sua belleza e perfeição as que imitam em cera órgãos delicados. Algumas ha de composição mixta, que têm partes osseas por esqueleto e os órgãos molles figurados em cera. Os armarios, que por muito tempo estiveram desoccupados, já na actualidade não têm espaço bastante para a arrumação de tantas peças anatomicas. Accrescem para lhes tomar logar as caixas de instrumentos, de que está provido o gabinete, tanto para a abertura dos cadaveres como para operações cirurgicas.

É indubitavel que nos ultimos doze annos se tem levantado o theatro anatomico do misero estado em que por desleixo cahiu. Nada lhe falta do que é indispensavel para o ensino da anatomia normal. Possui bons livros, optimas estampas, excellentes modelos de preparados artificiaes, abundancia e variedade de preparados naturaes para o estudo da osteologia e syndesmologia; tem

salas expostas ao norte, onde o ar e a luz sobejam, providas de mezas e instrumentos para trabalhos de disseccção. Mas, apesar de taes condições e de tantos meios que facilitam o estudo da anatomia, não devemos escurecer que a pobreza nas collecções de preparados naturaes revelam pouca actividade no gabinete. Desculpam tal empobrecimento a incuria d'outros tempos e a falta de preparador effectivo desde 1867.

Oitenta e sete annos depois da Reforma esteve a Faculdade de Medicina sem ter laboratorio especial para operações de chimica medica. Quando necessitava fazel-as, ou para esclarecimento dos alumnos ou para investigações toxicologicas, recorria, como determinavam os Estatutos, ao laboratorio chimico da Faculdade de Philosophia, onde sempre lhe forneceram os reagentes e utensilios precisos para as analyses. Teve o professor dr. José Ferreira de Macedo Pinto a feliz lembrança de instituir junto dos gabinetes de anatomia e physiologia um laboratorio, que servisse para o ensino practico da toxicologia e para obviar ás continuas applicações da chimica nos estudos anatomicos e physiologicos. No ascenso de substituto para cathedratico coube-lhe a cadeira de medicina legal, onde então se explicava a toxicologia. Apenas tomou posse da cadeira, começou logo a intender na compra de reagentes e nos aprestos necessarios para um laboratorio. Veiu desvial-o d'estas e d'outras occupações scientificas a eleição de deputado ás côrtes; mas, acabados que foram os trabalhos parlamentares, proseguiu com todo o afan na empreza começada. Sabia que no pavimento inferior do antigo hospital da Conceição havia salas com boas proporções para alli se estabelecer um laboratorio. Pediu e apromptou duas convenientemente. Numa collocou armarios e moveis indispensaveis para a arrecadação de vidros, capsulas, reagentes, etc.; destinou a outra para officina de trabalho, e guarneceu-a de estantes, mezas, e de utensilios apropriados para operações chemicas. De tanto lidar perseverante surgiu o novo laboratorio, que em dezembro de 1859 já funcionava com regularidade.

Deve-se inteiramente aos esforços do dr. J. F. de Macedo Pinto a fundação do gabinete de chimica medica. Luctou com difficuldades, sendo a maior de todas a escassez de meios pecuniarios; soube porem regular as cousas com tão acertada economia, que venceu todos os obstaculos, e conseguiu realisar o seu proposito. Quando

aquelle benemerito professor obteve a jubilação, como recompensa dos bons serviços de vinte annos, tomou a direcção e inaugurou prosperos successos ao gabinete o dr. Francisco Antonio Alves, professor de anatomia pathologica e toxicologia. Os melhoramentos promovidos pelo novo director são prova irrefragavel do seu zêlo e actividade. Augmentou o material dos reagentes e utensilios; formou collecções de substancias toxicas segundo a classificação do compendio de toxicologia; adquiriu muitos apparatus e instrumentos de analyse; reformou a officina de operações; demonstrou practicamente a utilidade do gabinete, e estabeleceu-lhe os creditos por trabalhos chimicos incessantes, tanto para instruir os alumnos, como para elucidar o poder judicial nos casos de envenenamento. Attestam os serviços do actual director o estado florescente do laboratorio, e oitenta analyses toxicologicas de substancias remettidas de varias comarcas do reino ¹.

Não é só no laboratorio de chimica medica que o dr. Francisco Antonio Alves tem desenvolvido continua actividade; o gabinete de anatomia pathologica, desde os primeiros fundamentos até o estado em que hoje se encontra, é obra sua, e devida unicamente á perseverança dos seus esforços. É certo que em 1822 começou o dr. Carlos José Pinheiro a preparar peças anatomo-pathologicas, e que nos doze annos, por que serviu na Universidade, conseguiu formar a modesta collecção, em que sobresahia um figado de extraordinaria grandeza, offerecido em 13 de fevereiro de 1823 pelo dr. Angelo Ferreira Diniz. Mas, de tudo quanto colligiu o desvelado professor de anatomia apenas chegaram a 1860 alguns exemplares deteriorados de lesões osseas, e uns frascos em que se continham seis ou oito anomalias e monstruosidades conservadas em alcool. Eis aqui, sem mais commentarios, as reliquias que attesta-

¹ No jornal *O Instituto* tem o sr. dr. Alves publicado as analyses toxicologicas mais interessantes feitas no gabinete. Algumas são recommendaveis não só pelo lado scientifico, mas tambem pelas circumstancias que precederam ou acompanharam o envenenamento. No mesmo jornal deu tambem a noticia da composição chimica das aguas de varias fontes de Coimbra, etc.

Em 1865 publicou o *Catalogo dos gabinetes de Chimica Medica e de Anatomia Pathologica*. Mencionou no catalogo todas as machinas, utensilios e instrumentos de analyse, que possuia o gabinete de chimica, por onde se póde julgar das circumstancias em que estava naquella epocha. De então até hoje continuou melhorando progressivamente.

vam duas epochas differentes do theatro anatomico, uma de prosperidade e outra de desleixo.

Floresciam por toda a parte os estudos anatomo-pathologicos ; importava reanimal-os tambem em Coimbra. O dr. Francisco Antonio Alves, a quem pertenceu a propriedade da cadeira de anatomia pathologica, não se demorou em satisfazer a tão urgente necessidade. Ao tomar sobre si os encargos do ensino começou logo a emprender a fundação d'um gabinete, em que se archivassem, convenientemente preparadas, todas as peças do corpo humano, notaveis por qualquer desvio organico. Conceber e começar logo a executar o projecto foram actos simultaneos. Aproveita os bons serviços de dous antigos empregados do theatro anatomico, e com o seu auxilio consegue reunir em pouco tempo exemplares das lesões que mais frequentes deparam as disseccões cadavericas. Insiste com tenacidade no seu proposito, e applica para compra de peças artificiaes uma parte da dotação da Faculdade. Proseguindo na empreza, ora contrariado ora favorecido, como acontece de ordinario em todas as cousas humanas, logrou enfim o prazer de chegar á meta de seus desejos, e de ver tantos esforços coroados de excellent resultado. Em menos de dous annos colligiu muitos preparados anatomo-pathologicos naturaes e artificiaes, mobilou a casa da antiga drogaria com mezas, estantes e armarios apropriados, e dispoz as peças em collecções, seguindo methodo e ordem scientifica. Em 1865 publicou o primeiro catalogo do gabinete, e já então mencionou cento e oitenta e um exemplares, por onde os alumnos podiam conhecer as particularidades de muitas lesões. Das setenta e quatro peças adquiridas no anno immediato formou segundo catalogo, ou catalogo supplementar, apreciavel pelas notas explicativas. E teria continuado a dar noticia das aquisições subsequentes, se as collecções augmentassem como nos primeiros annos. Mas não augmentaram, porque os empregados, que trabalhavam nas disseccões, e que tanto concorreram para o adiantamento do gabinete, foram desviados para outro serviço.

O gabinete de anatomia pathologica, aindaque instituido ha poucos annos e com pequenos recursos, é sem duvida dos mais vistosos e azeados que a Universidade possui. No material e mão d'obra dos armarios só o gabinete de physica lhe leva vantagem. Contem peças naturaes e artificiaes preparadas com muito apuro. Sobre-sabe d'entre as artificiaes o grupo das affecções cutaneas, mode-

ladas em cera. As naturaes não figuram com tanto apparatus ; são comtudo muito mais numerosas ; quasi todos os generos de lesões estão representados por algum exemplar. Não obstante porém o accio, a boa ordem e o primor dos preparados, sente-se que o gabinete está ainda em principio, e que é mister povoal-o, como interessa ao ensino e aos creditos da Faculdade.

A diligencia do actual director e fundador não se limitou a produzir em quatro annos mais do que outros tinham deixado arruinar em trinta. Vendo que os tractados estrangeiros sobre anatomia pathologica careciam dos requisitos necessarios para servirem de texto na aula, applica-se tambem á composição d'um compendio, adequado para o ensino da anatomia pathologica, e em 1869 publica a primeira obra que d'aquella sciencia se escreveu em portuguez. O livro sahiu acompanhado de numerosas estampas. Ha nellas muitos desenhos originaes, que se referem a peças existentes no gabinete. Se a fortuna quizesse que tão diligente professor tivesse sido coadjuvado por um preparador effectivo, como a lei determina, mais copiosos seriam os fructos de seu trabalho, e mais augmentadas estariam as colleccões anatomo-pathologicas. Mas, no espaço de oito annos, que tantos ha existem creados os logares para preparadores, o gabinete de anatomia pathologica só teve preparador effectivo durante os cinco dias contados de 22 a 26 de maio de 1866.

Para concluirmos a revista aos estabelecimentos da Faculdade de Medicina resta-nos fallar do gabinete de histologia e physiologia experimental, que, se é o ultimo seguindo a ordem da fundação, bem merece o primeiro logar por todas as outras considerações. Depois da reforma litteraria de 1836 coube a propriedade da cadeira de physiologia ao insigne cathedratico, dr. Jeronymo José de Mello, que por vinte e sete annos a illustrou com os recursos do seu muito saber. Sempre que as circumstancias lh'o permittiam, destinava para exercicios practicos alguns dias do anno lectivo com o proposito de esclarecer e de iniciar os discipulos em trabalhos experimentaes. Fazia as experiencias no theatro anatomico, e por muito tempo se serviu dos instrumentos que no gabinete se applicavam para usos variados. Os progressos da sciencia e os desejos de averiguar algumas particularidades dos descobrimentos recentes, fizeram com que adquirisse instrumentos e apparelhos especiaes

para experiencias de physiologia ¹. Mas para que se possa julgar da percimonia, côm que neste particular se houve, bastará dizer que no catalogo do gabinete de physiologia experimental, que elle proprio redigiu e publicou em 1865, apenas se acham mencionados em quatro paginas, que tantas são as do catalogo, cincoapparelhos de simples machinismo, uma caixa de Cl. Bernard, dous microscopios e mais oito instrumentos, sete frascos de reagentes, e outros tantos com substancias toxicas. Vê-se pois que mal se podia considerar laboratorio de physiologia experimental a officina que sómente estava provida d'aquelles meios de trabalho.

¹ Eis um caso que mostra quanto o dr. J. J. de Mello se empenhava para verificar as experiencias relativas a pontos fundamentaes da physiologia.

Tinha como principio inabalavel que a irritabilidade muscular não era uma propriedade insita, privativa dos musculos e independente da influencia nervosa. Quando appareceu a noticia de que pela acção do curáre se abolia a excitabilidade motriz dos nervos, podendo assim extremar-se a irritabilidade muscular, tractou logo de adquirir aquella substancia para lhe apreciar os effectos. Nem de Londres nem de Pariz lh'a enviaram. Dirigiu-se então ao sr. Marquez d'Avila e Bolama, que fazia parte do ministerio, e por intervenção d'aquelle respeitavel estadista obteve do Pará em 1862 grande porção de curáre. Empreendeu logo as primeiras experiencias que em Portugal se fizeram com o terrivel toxico, e dos seus trabalhos experimentaes deu circumstanciada noticia no *Instituto*.

Já que fallei da primeira aquisição do curáre, mencionarei tambem a procedencia d'outras porções da mesma substancia, que depois vieram para o gabinete de physiologia experimental. O sr. dr. Costa Simões, estando em Pariz, pediu ao nosso ministro dos negocios estrangeiros que lhe alcançasse algum curáre por intervenção dos nossos consules da America. O pedido foi satisfeito; pouco depois de regressar da sua viagem scientifica, mandou o Governo entregar-lhe os seguintes objectos enviados pelo consul do Pará.

1.º Arco de frechas, de páu de arco, usado pelos gentios Aráras nas margens do Tapajós.

2.º Tacoáras e frechas de ponta de osso, dos mesmos gentios.

3.º Curabés envenenados com o curáre dos indios dos Solimões e seus affluentes.

4.º Murucus envenenados com o curáre, dos mesmos indios.

5.º Cuidarú de páu molato, lavrado com o dente da cutia; arma dos mesmos indios.

6.º Capsula de curáre das margens do rio Içá.

7.º Urupêma, para a filtração da ervadura ou curáre.

8.º Typyti, para a expressão da ervadura ou curáre.

Acompanhavam estes objectos uma memoria manuscripta «Sobre a droga

Os progressos da sciencia e os melhoramentos da instrucção reclamavam que se instituisse, para trabalhos de physiologia experimental, um gabinete digno da Universidade e da primeira corporação medica do reino. Tomou sob seu cuidado a tarefa de tão momentosa obra o dr. A. A. da Costa Simões. A excursão scientifica que fez pela França, Belgica, Hollanda, Suissa e Allemanha habilitou-o para delinear o plano e seguir por diante com a empreza. Apreciou nas escholas e Universidades d'aquellas nações os methodos de ensino da histologia e physiologia. Obteve larga noticia dos instrumentos e apparatus de moderna invenção; estudou-lhes o mecanismo, e adquiriu a dextreza necessaria para executar experiencias delicadas. Comparando emfim a organização do ensino das diversas escholas, e aproveitando de todas o que nellas vira de mais aperfeiçoado, concluiu que se podia e devia instituir em Coimbra um gabinete com os aprestos para todos os trabalhos de histologia e physiologia experimental, desde as mais simples operações até aos processos de maior complicação e delicadeza, por onde chegaram a resultados surprehendentes os dous luminares da moderna physiologia — du Bois Reymond e Helmholtz. Como sabia que a Faculdade de Medicina lhe não contrariava os intentos, tirou informação sobre a pericia dos constructores, e commendou logo os instrumentos e apparatus que julgou precisos. A dotação annual da Faculdade não chegava para as despesas do expediente ordinario e ao mesmo tempo para o pagamento da

Uirári ou Curáre» pelo dr. Francisco da Silva Castro. A memoria, ainda que resumida, contem passagens interessantes para a historia do curáre. Foi publicada com algumas notas do sr. dr. Costa Simões no *Instituto* vol. xiv (1871) pag. 57 e seguintes.

Ao sr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, arcebispo primaz do Oriente, se dirigiu tambem o sr. dr. Costa Simões pedindo-lhe a remessa de algum curáre. Respondeu-lhe o prelado em 19 de abril de 1866 e mandou o veneno numa frecha, etc.

Haverá tres annos, o sr. José Mendes Northon, hoje clinico em Vianna do Castello, obteve d'um seu cunhado, que regressava da America, duas capsulas de curáre do Pará, preparado pelos habitantes das margens do Amazonas. Deu uma ao sr. dr. Costa Simões e outra ao sr. dr. Sacadura. Este, passados dias, deu a sua ao sr. dr. Costa Simões, que depoz as duas capsulas no gabinete de physiologia, onde se guardam os arcos, frechas envenenadas etc. etc.

Todos estes esclarecimentos me foram ministrados pelo meu amigo e collega, o sr. dr. Costa Simões.

encommenda. Pediu-se ao Governo que por uma só vez accrescentasse a dotação com a verba extraordinaria de um conto e quatrocentos mil réis. Auctorisaram as côrtes que se deduzisse a somma pedida da verba destinada para obras da Universidade. Apromptaram-se casas para o novo gabinete nas salas contiguas ao laboratorio de chimica medica; collocaram-se os apparatus convenientemente; e em outubro de 1866 tudo estava em boa ordem para se emprenderem os trabalhos de histologia e de physiologia experimental.

Prolixa e deslocada seria neste logar a menção de quantos apparatus e instrumentos enriquecem o gabinete. De tudo quanto possuia em 1866 publicou exacta relação o dr. A. A. da Costa Simões no seu opusculo *Relatorios d'uma viagem scientifica*. Neste escripto, apreciavel por muitas qualidades, estão minuciosamente especificados não só os objectos pertencentes ao gabinete de Coimbra, mas tambem os que se encontram nos gabinetes das escholae estrangeiras, onde mais florescem os estudos histologicos e physiologicos. A confrontação não deslustra, nem deprime o recente instituto portuguez, antes o eleva até hombraear com os melhores estabelecimentos de igual natureza, que tanto brilham em outras nações. Em Portugal tambem o nosso gabinete sobresahe por forma, que até de Paris o contemplan com inveja¹. Está bem provido e disposto para satisfazer cabalmente aos fins da sua instituição; dão-lhe porem muito realce as boas condições da casa, o bem acabado dos instrumentos e a rara perfeição de alguns, como é em particular a do famoso microscopio de Smith and Beck². Com

¹ A proposito dos *Relatorios*, do sr. dr. Costa Simões publicou em 1866 a Gazeta Hebdomadaria de Paris um artigo, em que é manifesto o pezar por não haver naquella capital um laboratorio para o ensino da histologia practica, como o que existe em Coimbra, etc.

² Possui o gabinete doze microscopios de diversa gradução, e alguns de construcção bem acabada; sobreleva porem a todos, e até se aponta como dos melhores instrumentos, que d'aquelle genero se conhecem, o microscopio binocular de Smith and Beck que a Faculdade de Medicina adquiriu em 1861. Foi construido em Londres sob as vistas do respeitavel physiologista inglez William B. Carpenter, que de bom grado se promptificou a vigiar a construcção, accrescentando que muito folgava de prestar aquelle serviço á nossa Universidade. Teve parte importante na aquisição do microscopio o sr. dr. Jacintho Antonio de Sousa, distincto professor da Faculdade de Philosophia, a cuja intervenção se devem os bons officios do sabio physiologista inglez.

O sr. dr. Viegas, eximio professor de physica dos imponderaveis, deu noticia circumstanciada do microscopio no jornal o *Instituto* volume x, pag. 81.

justo motivo pois se ufana a Faculdade de Medicina de poder instruir os seus discipulos á luz da experiencia nas materias de que está pendente na actualidade todo o progresso das sciencias medicas. Justos motivos ha tambem para se accumular de louvores aquelle vogal da Faculdade, a quem se deve o gabinete de histologia e physiologia experimental, o primeiro d'este genero que hoje se conhece desde as margens do Rheno até ás praias do Atlantico.

Se a organisação d'este notavel estabelecimento foi serviço assignalado á Universidade e ao reino, em conceito igual se devem ter as lucubrações a que depois se entregou o dr. Costa Simões para completar a sua obra. Consumiu tempo e paciencia a regular e a experimentar os apparatus; verificou experiencias que já tinha emprehendido noutros gabinetes; e quando teve a certeza de que não lhe falhariam os resultados, tomou á sua conta a instrução dos alumnos, e começou então a diffundir as luzes adquiridas na visita que fez ás escholas estrangeiras. Incansavel e renitente em apurar as verdades scientificas por meio dos factos, leva tambem os discipulos por este caminho, e muito se empenha para os adextrar em trabalhos experimentaes. E não tem sido esteril tão louvavel empenho; existem no gabinete, na repartição de histologia, muitos preparados que attestam o aproveitamento dos discipulos, e ao mesmo tempo corroboram os creditos do professor.

Pede a justiça que ao terminarmos o discurso respectivo ao gabinete não esqueçamos os bons serviços que nelle desempenha o habil preparador de histologia e physiologia experimental. Emprega com desvelo a sua pericia, já coadjuvando os dous professores de physiologia nas demonstrações experimentaes, já enriquecendo as collecções de histologia de numerosos preparados. E não se applica a satisfazer unicamente ás obrigações officiaes do seu cargo; pelo contrario, estuda e cultiva a sciencia com dedicação. Vimos já trabalhos originaes, invenções suas, de que a imprensa estrangeira fallou com merecido louvor¹. Se pois quizermos julgar dos fructos que produziu a viagem scientifica do dr. A. A. da Costa Simões e do preparador I. R. da Costa Duarte, basta que

¹ No estudo practico do ovulo o processo para se separar o vitello da membrana vitellina sem confusão de partes nem derrame das granulações foi invenção do sr. dr. I. R. da Costa Duarte. Publicou sobre o seu invento uma memoria, *Histologia do ovulo nos mamíferos*, em que transluzem pontos que podem ser de grandes consequencias.

attendamos para a organização e serviço do gabinete de histologia e physiologia experimental, e para as habilitações dos alumnos que na Universidade têm cursado aquellas sciencias.

Guarnecem a sala, em que estão osapparelhos de physiologia, uns armarios de ligeira construcção, onde se accomoda a parte mais importante d'um legado, que o commendador Gama Machado, fallecido em Paris em 1861, deixou á Universidade de Coimbra¹. Contêm os armarios duzentas e quatorze cabeças de grandeza natural, modeladas em gesso, que com outras peças da mesma substancia constituem uma excellente collecção phrenologica. A Faculdade de Medicina, a quem pertenceu esta parte do legado, resolveu que de tão preciosa collecção se fizesse um gabinete para o estudo da phrenologia, e que o gabinete fosse designado pelo nome de GAMA MACHADO. A falta de casas não permittiu ainda que se pagasse o tributo de gratidão á memoria do legatario. Os votos da Faculdade só poderão cumprir-se quando o dispensatorio pharmaceutico sahir das casas, que actualmente occupa.

Em quanto se passaram os acontecimentos que temos historiado, deram-se vacaturas no quadro da Faculdade, umas por jubilação e outras por fallecimento dos professores. No primeiro concurso, que se abriu para o provimento dos logares, um dos candidatos oppoz suspeição a certos membros do jury. O Governo achou irregularidades no processo; annullou o concurso, e mandou que se fizesse outro. Sahiram então approvados, e por decreto de 29 de setembro de 1865 obtiveram o primeiro despacho os drs. José Epiphanyo Marques, Manuel José da Silva Pereira e Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello.

Em 22 de agosto d'aquelle anno foi publicado novo regulamento de concursos. Nelle se estabeleceu que os candidatos exhibissem provas escriptas e oraes, consistindo as primeiras numa dissertação impressa sobre materia da sua livre escolha d'entre as questões

¹ O legado comprehendia, alem da collecção phrenologica, duas lindas jarras de porcellana, que foram para o Museu, e estão na aula de Historia Natural; dous quadros a oleo, que adornam a aula de anatomia, assim como o busto do legatario sahindo d'um ovo. Um dos quadros mostra Galileu ante o tribunal da Inquisição; no outro representam-se os agentes do mesmo tribunal torturando por meio de fogo a um padecente para o coagirem a confessar-se réu.

mais importantes da sciencia, que pretendessem professor. Para as provas oraes continuaram a exigir-se como d'antes duas prelecções sobre pontos tirados á sorte, mas com a antecipação de quarenta e oito horas. Estabeleceu-se tambem que se explorassem os candidatos pela argumentação tanto nas prelecções como nas materias da dissertação.

O regulamento desagradou em geral ao corpo universitario. Não obstante a Faculdade de Medicina, que necessitava preencher os logares vagos, não se demorou em lhe dar execução. Abriu concurso nos principios de abril de 1866; e como visse que o praso expirava na epocha dos actos, e que as provas dos concurrentes necessariamente viriam a coincidir com as formaturas em Medicina, para que podesse expedir o serviço dos concursos sem prejuizo dos actos, decidiu a Faculdade pedir auctorisação para começar as formaturas antes do dia assignado pelos Estatutos, e logo que estivessem concluidos os actos dos primeiros quatro annos do curso medico. E como não havia em exercicio na Universidade mais do que nove lentes de Medicina, pessoal em verdade diminuto para acudir a todo o expediente durante o bimestre, pediu tambem a Faculdade que lhe fosse permittido encerrar as aulas em algum dos ultimos dias de maio, com a clausula de que só usaria de tal permissão se a urgencia do serviço assim o reclamasse. A consulta expressa nestes termos traduzia claramente o zelo e os bons desejos da Faculdade. Apesar de tudo o Governo deixou passar o mez de maio sem responder. Silencio tão prolongado equivalia á recusa formal da auctorisação pedida. Assim o entendeu o Conselho da Faculdade; e por isso abriu mão dos concursos, e applicou-se a regular o serviço do expediente ordinario.

Não se podiam constituir para os actos mais do que duas mezas de quatro vogaes cada uma conforme determinam os Estatutos. Ora segundo as tabellas propostas pelo fiscal, e approvadas em congregação de 30 de maio, era mister que as aulas se fechassem no primeiro de junho para se expedirem todos os actos e formaturas até o fim de julho. Resolveu-se pois que se pozesse o ponto naquelle dia. O prelado avisou d'esta resolução o Governo sem lhe tornar palpaveis as necessidades do serviço. O ministro do reino, julgando que a Faculdade se tinha desviado das prescripções legaes, enviou um telegramma ao vice-reitor concebido nestes termos. — A Faculdade de Medicina não pode pôr ponto senão na epocha esta-

«belecida pelos Estatutos. Qualquer deliberação em sentido contrario fica sem effeito.» Os Estatutos e a legislação subsequente determinam que se resolva numa das congregações de maio em que dia do mez de junho se devem encerrar as aulas. A Faculdade, conscia de ter procedido conforme ao espirito e letra da lei, e conhecendo que, se não pozesse ponto no primeiro de junho, não poderia concluir os actos até o fim de julho, decidiu em congregação de 2 de junho manter a resolução tomada sobre o encerramento das aulas. Pareceu ao ministro que no procedimento da Faculdade havia proposito acintoso. Dominado por este pensamento desfechou contra ella acres censuras na celebre portaria de 15 de junho de 1866.

Correu por aquelle tempo que as suggestões da politica não tinham sido extranhas ás censuras governamentais; não que o ministro cedesse aos impulsos de animadversão partidaria, que a isso se oppunham todas as qualidades do seu caracter respeitavel; mas porque a falta de informações officiaes, a insistencia talvez das officiosas, e a impossibilidade de averiguar os factos conspiraram para que elle os interpretasse contrariamente á verdade. Mas ou fossem estes ou quaesquer outros os motivos que determinaram o ministro, a Faculdade de Medicina considerou a portaria de censura como um documento official que deprimia os seus serviços, menosprezava o seu zelo, e ultrajava a sua dignidade. Para se desaffrontar dos aggravos e repellir as censuras ergueu-se concorde e altiva com a energia que nasce da tranquillidade da consciencia. O seu primeiro pensamento foi representar a El-rei contra a injustiça de toda a materia da portaria; como porem entendesse que das instancias officiaes escusado era esperar reparação condigna, seguiu antes o alvitre de exarar no livro das actas e de publicar depois pela imprensa um protesto energico em sua defesa, mostrando a legalidade do seu procedimento, a falsa apreciação dos seus actos, os pretextos especiosos dos considerandos da portaria, e a injustiça manifesta das censuras que lhe eram dirigidas quando se occupava com zelo e pontualidade no cumprimento dos seus deveres. O protesto, approved por todo o Conselho, ficou lançado na acta da congregação de 2 de julho, e sahiu publicado num folheto sob o titulo—A Faculdade de Medicina e a portaria de 15 de junho de 1866.

As provas do concurso, que estava pendente, tiveram logar em

dezembro d'aquelle annò. Apresentaram então os candidatos as dissertações impressas como determinava o ultimo regulamento.

O dr. Filippe do Quental intitulou a sua dissertação — *Estudos sobre a degeneração physica e moral do homem, determinada pelas emanações palustres*. Transluzem neste opusculo largas vistas hygienicas; nelle resumiu o seu auctor o que ha de melhor averiguado sobre a materia.

Memorias de epidemiologia portugueza chamou o dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles ao livro que de proposito escreveu para entrar em concurso. É obra apreciavel e de muito trabalho, tão esmerada na linguagem como escrupulosa na exactidão historica. Produções de tal quilate honram a Universidade e as letras portuguezas.

O dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte dissertou sobre o *Modo de obrar do tartaro emetico na pneumonia*, e confrontou o valor d'este agente com o da ipecacuanha no tractamento da mesma molestia. A dissertação do dr. Sacadura é uma excellente monographia, digna de ser consultada, porque nella se comprehendem observações da sua clinica muito importantes.

Os tres candidatos que entraram em concurso foram approvados e tiveram o seu primeiro despacho por decreto de 29 de janeiro de 1867.

As circumstancias da fazenda publica levaram o Governo a supprimir alguns logares do magisterio de instrucção superior por decreto de 14 de dezembro de 1869. O quadro da Faculdade de Medicina ficou circumscripto a doze cathedratice e cinco substitutos ordinarios. Apesar da redução do pessoal, já pelos fins de 1870 havia tres logares vagos. Abriu-se concurso, para o qual se habilitaram quatro candidatos. As dissertações em que deram ás provas escriptas abonam os recursos litterarios e scientificos de seus auctores.

Tractou o dr. Manuel da Costa Alemão *Do Methodo Hypodermico*, e a sua obra tem, alem d'outros predicados, o merecimento, raro em Portugal, de esclarecer por observações proprias a resolução do ponto proposto.

O dr. João Jacintho da Silva Correia colligiu na sua dissertação — *Estudos sobre a ataxia locomotora progressiva* — tudo quanto respeita ao conhecimento de tal enfermidade, e derramou copiosa luz sobre os pontos mais obscuros e controvertidos.

O dr. Raymundo da Silva Motta escreveu sobre a — *Consanguinidade matrimonial considerada no campo da hygiene*. Elevou-se á altura do assumpto; sustentou as suas opiniões com bons fundamentos, e como hygienista combateu prejuizos e abusos extremamente nocivos á sociedade.

Na dissertação do dr. José Carlos Godinho de Faria, *Estudos sobre a vaccinação animal*, condiz o lavor da obra com a importancia da materia. Na resolução de alguns pontos de immediato interesse practico chegou o auctor a conclusões positivas, claras e bem definidas.

Dos quatro candidatos que entraram no concurso obtiveram collocação na Faculdade os tres de que primeiro fallámos. Foram despachados substitutos ordinarios por decreto de 30 de março de 1871.

Fecharemos este capitulo, e com elle a narração das alternativas por que tem passado a Faculdade de Medicina desde 1772, apresentando o quadro do pessoal docente e ministrante, e indicando qual é na actualidade a ordem dos estudos, os livros de texto e a distribuição do serviço.

QUADRO DOS PROFESSORES DA FACULDADE DE MEDICINA EM 1 DE OUTUBRO DE 1872

Professores jubilados

Dr. Francisco Fernandes da Costa.

Dr. Cesario Augusto de Azevedo Pereira.

Dr. João Maria Baptista Callisto.

Dr. José Ferreira de Macedo Pinto.

Professores em serviço effectivo pela ordem de antiguidade e com a indicação das materias que professam

- Dr. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, decano e lente de prima, professor de materia medica e pharmacia.
- Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, lente de vespera, professor de histologia e physiologia geral e director do gabinete de histologia e physiologia experimental.
- Dr. Antonio Gonçalves da Silva e Cunha, professor da 2.^a cadeira de practica — clinica de mulheres.
- Dr. Callisto Ignacio d'Almeida Ferraz, professor de anatomia descriptiva e director do respectivo gabinete.
- Dr. Francisco Antonio Alves, professor de anatomia pathologica geral e toxicologia, director do gabinete de anatomia pathologica e do gabinete de chimica medica.
- Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, professor de tocologia, molestias de puerperas e recém-nascidos e clinica cirurgica de mulheres.
- Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, professor de physiologia especial e hygiene privada.
- Dr. Manuel Pereira Dias, professor de pathologia geral, pathologia cirurgica e clinica cirurgica de homens.
- Dr. José Epiphanyo Marques, professor de pathologia interna, doutrina hippocratica e historia geral da Medicina.
- Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, professor de medicina legal, hygiene publica e policia hygienica.
- Dr. Filippe do Quental, professor da 1.^a cadeira de practica — clinica de homens.
- Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, professor de anatomia topographica e medicina operatoria.

Substitutos ordinarios

- 1 Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte.
- 2 Dr. Manuel da Costa Allemão.
- 3 Dr. João Jacintho da Silva Correia.
- 4 Dr. Raymundo da Silva Motta.
- 5 Vago.

Preparadores

Dr. Jacintho Alberto Pereira de Carvalho, preparador no gabinete de chimica medica.

Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, preparador no gabinete de histologia e physiologia experimental.

Estão vagos os logares de preparadores de anatomia normal e pathologica.

Bedel da Faculdade—Antonio d'Almeida e Silva.

Continuo—Francisco Marques Perdigão.

Distribuição das cadeiras e materias pelos cinco annos do curso medico

PRIMEIRO ANNO

1.^a Cadeira—Anatomia descriptiva humana e comparada.
 Horas da aula—das 11 ás 12 1/2 no gabinete de anatomia normal.
 COMPENDIO—*Jamain*—Nouveau Traité Élémentaire de anatomie descriptive.

2.^a Cadeira—Histologia e physiologia geral.
 Horas da aula—das 9 1/2 ás 11 no gabinete de histologia e physiologia experimental.

COMPENDIO—*Costa Simões*—Elementos de physiologia humana com a histologia correspondente, 3 vol.

SEGUNDO ANNO

3.^a Cadeira — Physiologia especial e hygiene privada.
 Horas da aula — das 9 1/2 às 11 nos geraes da Universidade.
 COMPENDIOS { *Costa Simões* — Elementos de physiologia.
 { *Becquerel* — Traité élémentaire de hygiene privée et
 publique.

4.^a Cadeira — Anatomia topographica e medicina operatoria.
 Horas da aula — das 11 às 12 1/2 no gabinete de anatomia normal e no hospital.
 COMPENDIOS { *Jamain* — Manuel de petite chirurgie.
 { *Guérin* — Éléments de médecine opératoire.

TERCEIRO ANNO

5.^a Cadeira — Materia medica e pharmacia.
 Horas da aula — das 11 às 12 1/2 no dispensatorio pharmaceutico.
 COMPENDIOS { *A. Albano* — Codigo pharmaceutico lusitano.
 { *Bouchardat* — Manuel de matière médicale.

6.^a Cadeira — Pathologia geral, pathologia externa e clinica cirurgica de homens.
 Horas da aula — das 12 1/2 às 2 no theatro anatomico e no hospital.
 COMPENDIO — *Jamain* — Éléments de pathologie chirurgicale.

7.^a Cadeira — Anatomia pathologica geral e toxicologia.
 Horas da aula — das 9 1/2 às 11 no gabinete de anatomia pathologica.
 COMPENDIOS { *F. A. Alves* — Elementos de anatomia pathologica
 geral. Coimbra, 1869.
 { *Macedo Pinto* — Toxicologia judiciaria e administrativa.
 Coimbra, 1860.

QUARTO ANNO

8.^a Cadeira — Pathologia interna, doutrina hippocratica e historia geral da medicina.

Horas da aula — das 11 ás 12 1/2 nos geraes da Universidade.

COMPENDIOS { *Bayle* — *Traité élémentaire de pathologie.*
Hippocratis — *Aphorismi.*

9.^a Cadeira — Tocologia, molestias de puerperas e recém-nascidos, clinica tocologica e clinica cirurgica de mulheres.

Horas da aula — das 8 ás 9 1/2 no hospital.

COMPENDIO — *Chailly* — *Traité pratique de l'art des accouchements.*
 Os alumnos assistem ás aulas de clinica no quinto anno.

QUINTO ANNO

10.^a Cadeira — Clinica de mulheres.

Horas da aula — das 9 1/2 ás 11 no hospital.

11.^a Cadeira — Clinica de homens.

Horas da aula — da 1 ás 2 1/2 no hospital.

12.^a Cadeira — Medicina legal, hygiene publica e policia hygienica.

Horas da aula — das 11 ás 12 1/2 no gabinete de chimica medica.

COMPENDIOS { *Briand et Chaudé* — *Manuel complet de médecine légale.*
Macedo Pinto — *Medicina administrativa e legislativa, 2 vol.*

EPILOGO

Chegados ao termo dos successos, que constituem a historia da Faculdade de Medicina durante o primeiro seculo da sua existencia, seja-nos permittido revolver de novo o passado, e contemplar num lance retrospectivo a influencia que teve a legislação dos novos Estatutos na cultura das sciencias medicas em Portugal.

As doutrinas de Galeno, Hippocrates, Rhazis e Avicena, explicadas promiscuamente e segundo a glosa de obsoletos commentarios, eram o objecto exclusivo da instrucção medica na Universidade antes da Reforma de 1772. Sobre o andamento progressivo da Medicina lavrava pelas escholal tal ignorancia, que, se acreditarmos o testemunho insuspeito d'um notavel contemporaneo ¹, nem de Boerhaave, que fôra a primeira reputação medica da Europa, teve conhecimento a Universidade senão em 1751, treze annos depois do fallecimento do grande professor! Os mestres repetiam nas aulas os textos e apostillas invariaveis; os discipulos costumavam-se áquella toada, e formulavam por ella umas conclusões, que defendiam com argumentos directos e indirectos, quando tinham

¹ Refiro-me ao douto Francisco de Pina e de Mello, que na sua obra *Balança Intellectual*, impressa em Lisboa em 1752, escreveu o seguinte a pag. 165:

«Em Italia, França, Inglaterra, Hollanda, Allemanha etc. estão todos os «medicos persuadidos que nas obras do insigne Hermano Boerhaave é que «se acha o verdadeiro methodo de se acudir aos enfermos; e talvez que a «primeira occasião, em que se ouvisse o seu nome na nossa Universidade «de Coimbra, fosse o anno passado, pela casualidade de se mandarem a um «livreiro francez uns poucos de exemplares, e segundo a noticia, que se me «deu, raros foram os que se resolveram a empregar nelles o seu dinheiro, «reputando-os por cousa bem inutil, etc. etc.»

de dar provas do seu aproveitamento e sufficiencia. Finalmente o ensino medico, tanto theorico, como practico, tinha chegado a extremos de decadencia ; e neste estado mais servia para entreter erroneas crenças, do que para salvaguarda da saude dos povos.

O braço poderoso que levantou a cidade de Lisboa das ruinas do terremoto, e acudiu com opportunos beneficios a todas as instituições patrias, fez tambem sentir a sua influencia nas letras, e operou a restauração das sciencias. A antiga Faculdade de Medicina, em que não havia resquicio aproveitavel, foi inteiramente abolida, e a par de outras Faculdades academicas surgiu a instituição de novos estudos medicos. A assiduidade nas aulas torna-se então effectiva. A confusão e desordem nas materias succede a methodica distribuição dos ramos da sciencia. A determinação, que fixava para as lições textos invariaveis, é substituida pelo preceito de se adoptarem compendios, em que se contenham os progressos scientificos. As argucias e subtilezas da velha escolastica são des-terradas das escholas. O methodo synthetico e analytico dos geometras é mandado seguir no descobrimento e demonstração da verdade. Decreta-se a fundação de estabelecimentos para instrução practica dos alumnos ; ordenam-se sob novo methodo os exercicios academicos, e prescreve-se que no fim de cada anno lectivo se façam exames das materias estudadas.

A practica veio confirmar os resultados que se esperavam de tão acertadas providencias. Os estudos anatomicos tomam a direcção que a lei lhes designa. Os estudantes perdem o horror ás disseccções, e habituam-se a manejar o escalpello. Dos exercicios no cadaver passam ás applicações no vivo, e a eschola medica de Coimbra forma pela primeira vez operadores. As obras de Boerhaave, havidas provisoriamente por texto official nas cadeiras de instituições e de pathologia, tornam-se familiares a mestres e discipulos, e a Medicina em Portugal eleva-se ao nivel, a que chegara em outras nações. As conquistas da sciencia moderna entram gradualmente no ensino por disposição terminante da lei. As *Primeiras Linhas de Physiologia* de Haller substituem as *Instituições Boerhaavianas* e a *Medicina Practica* de Cullen obtem a preferencia para compendio de pathologia. A observancia dos Estatutos faz com que os alumnos tenham verdadeira practica medica e cirurgica nas cadeiras de clinica. A instrução dos medicos habilitados na Universidade contrasta emfim com a ignorancia proverbial

d'outros tempos, e os povos experimentam por todo o reino a utilidade real dos novos estudos.

Largas obrigações prescreviam os novos Estatutos aos professores da Faculdade de Medicina. Se compararmos tantos encargos com os que se impunham aos professores das outras Faculdades, acharemos grande desigualdade, que não foi compensada nem pelo augmento de pessoal por quem se podesse repartir o serviço, nem pela melhoria de ordenados ou de benesses¹. Mas, não obstante a multiplicidade de obrigações, a restricção de proventos, e as contrariedades, que por vezes sobrevieram, a Faculdade de Medicina, insistindo no cumprimento dos Estatutos tanto quanto se podia exigir de seus esforços, logrou estabelecer os seus credits e alcançar boa reputação dentro e fora do reino. Fallam innumeraveis documentos em abono dos seus serviços; corroboram os factos a certeza das provas documentaes. Foi sob a direcção da Faculdade de Medicina que se habilitaram medicos para obviarem a todas as necessidades clinicas de Portugal e de suas vastas colonias. Estudaram nesta Faculdade os escriptores que melhor têm illustrado a Medicina portugueza. E quando o desenvolvimento gradual dos estudos determinou a creação das escholas Medico-Cirurgicas de Lisboa e do Porto, foram tambem os filhos da Faculdade de Medicina que tomaram parte importantissima no magisterio, e concorreram para o engrandecimento successivo d'uma e outra Eschola.

¹ O reformador não egualou nem distribuiu proporcionalmente ao serviço de cada Faculdade os ordenados e benesses academicos; pelo contrario deixou que subsistissem differenças injustificaveis. Por isso os theologos conservaram as fartas prebendas que d'antes tinham nas conesias do reino; os canonistas e juristas continuaram a ter accesso para os tribunaes superiores, onde gosavam da melhoria de posição e de proventos; e para os mathematicos e philosophos instituiram-se de proposito as commendas, que foram confirmadas pela bulla *Scientiarum omnium*. Só os professores de Medicina, a quem se impunham maiores e mais pesados encargos, ficaram excluidos d'aquellas recompensas; e para cumulo de injustiça até lhes arbitraram ordenados inferiores aos que se estabeleceram para os professores das sciencias positivas. Dizia-se que os professores de Medicina tinham a prerogativa de passarem da Universidade para medicos da casa real. Nunca tiveram tal prerogativa: alguns que foram chamados para medicos do paço deveram a posição aos credits de practicos abalisados.

Se considerarmos os serviços da Faculdade na direcção e administração dos estabelecimentos que lhe foram confiados, ahí acharemos motivo para bem merecidos louvores. Basta recordar o desvelo com que se houve nos hospitaes para se lhe não dar por mal barateado qualquer galardão. Mas, se quizerem recusar votos de louvor ao zeloso cumprimento do dever, ao menos nunca poderão negar que a Faculdade de Medicina é credora do reconhecimento publico pela abnegação com que se devotou ao serviço alheio do professorado, affrontando os perigos de quatro calamitosas epidemias.

Quando pois se contempla o movimento scientifico de ha um seculo, e se reflecte na solida instrucção dos medicos formados na Universidade, e no andamento da Medicina em Portugal acompanhando sempre os progressos das escholae estrangeiras, quando se consideram os melhoramentos dos hospitaes e dos gabinetes de instrucção practica, e se attende emfim para os serviços do corpo docente, não se pode desconhecer a benefica influencia dos Estatutos que reformaram a Universidade e lhe restituiram o esplendor. Oxalá que por elles continue a prosperar o ensino das sciencias; e que as gerações futuras, levadas por sentimentos de gratidão, confirmem os votos de reconhecimento que hoje prestamos á memoria do Reformador.

Pontos para dissertações inauguraes, escolhidos pela Faculdade de Medicina desde a Reforma até o presente, e datas das congregações em que foram approvados.

FRANCISCO TAVARES — Circa vires, quibus natura corpus sanum conservat, deperditamque sanitatem restituit, versabitur. — Em 1773 ¹.

BENTO JOAQUIM DE LEMOS — De viribus naturæ medicatricibus. — 28 de julho de 1787.

¹ De 1779 até 1786 foram graduados em Medicina Joaquim de Azevedo, José Pinto da Silva, Caetano José Pinto d'Almeida, João Francisco de Oliveira Alves, João Joaquim Gramacho da Fonseca, e Luiz José de Figueiredo e Souza. A todos se devia ter assignado ponto para dissertação inaugural, excepto a Caetano José Pinto, que foi mandado graduar sem fazer os actos grandes. Na bibliotheca da Universidade não achei as theses nem as dissertações d'aquelles doutores; e como nada consta a seu respeito dos apontamentos que então se tomaram para as actas das congregações, deixo por isso de mencionar o objecto sobre que dissertaram. É possível que sahisses da bibliotheca muitas dissertações, quando por ordem superior se concedeu que os auctores as podessem corrigir a fim de serem impressas. É certo que faltam muitas naquelle estabelecimento; mas não me consta que tivessem sido estampadas.

Cabe aqui a advertencia de que alguns repetentes imprimiram os pontos no ante-rosto das theses, não como foram enunciados pela Faculdade, mas com modificações na collocação das palavras, modificações aconselhadas de ordinario pelo presidente com o intuito de se melhorar a redacção. Em geral adoptei a redacção primitiva como se encontra nos livros das actas; mas nos casos (poucos foram) em que os secretarios não copiaram os pontos com a devida clareza, tomei o arbitrio de os transcrever das theses impressas.

JOÃO DE CAMPOS NAVARRO — Quæ sit vera et genuina caloris animalis causa?—11 de novembro de 1787.

JOAQUIM NAVARRO DE ANDRADE — Udenam palustrium locorum insalubritas? Quænam morborum inde pendentium natura? Quænam generalis therapia?—11 de novembro de 1787.

RICARDO TEIXEIRA MACONELLI — Cur nervosum systema in morbis circa vesperam irritetur, mane vero spasms remittentibus omnes viæ ad excernendum aptiores evadant? Opiata ergo cur in regula melius circa tempus nocturnum, evacuantia matutino tempore administrentur?—11 de novembro de 1787.

(*) **JOSÉ CALHEIROS DE MAGALHÃES** — Utrum abdominis punctio, paracathesis nuncupata, remedium asciti sit proprium, an tantummodo mitigatorium? Quibus circumstantiis, quibusque cautionibus perito medico administranda aut vitanda sit?—24 de outubro 1788.

ANTONIO GOMES DA SILVA PINHEIRO — *Teve o ponto antecedente, que sahiu impresso nas theses da maneira seguinte:* Utrum abdominis punctio, paracathesis nuncupata, remedium asciti sit proprium, an tantummodo mitigatorium? Et quibus in circumstantiis, quibusque cautionibus perito medico administranda aut vitanda sit?—21 de novembro—1791.

ANTONIO JOSÉ DE MIRANDA E ALMEIDA — Potiusne delinquant medici vel sanguinem frequenter mittendo in acutorum morborum initio, vel emesin excitando?—21 de novembro de 1791.

(*) **FRANCISCO GOMES DA MOTTA** — Cur, et quomodo eadem numero medicamenta diversis omnino indicationibus inservire possint; et quousque conformium indicationum nexus intelligendus?—13 de novembro de 1792.

JOSÉ DIOGO DA ROCHA — Ulcerum cava, ac vulnerum cum substantiæ jactura a nova, simili perditæ, carne a fundo sursum replentur? An amplius cum clarissimis Fabre, Ludovico, et aliis carnes semel avulsas haud amplius regenerari stabilire oportet?—13 de novembro de 1792.

(*) **BERNARDO XAVIER CORTEGAÇA** — An ex cicuta intus adhibita eosdem, quos Viennenses maxime medici post Stork prædicare solent, effectus nostris in regionibus sperare liceat; et unde,

1 Não chegaram a ser graduados os individuos, cujos nomes vão notados com o signal (*).

si similes nobis denegati sint, hæc differentia proficiscatur?—13 de novembro de 1792.

ANTONIO IGNACIO GONÇALVES FORTE—De necessariis pulsuum differentiis tam in diagnoscendis morbis, quam in eorum præsa-giendi eventu.—11 de novembro de 1794.

ANTONIO JOAQUIM NOGUEIRA DA GAMA—Utrum præparatiões metallicæ, præcipue plumbeæ, ac staneæ, tuto, et sine vitæ san-itatisque detrimento, intus exhiberi (*sic*) possint?—11 de novembro de 1794.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO—De aëris in corpus humanum viribus tam in producendis morbis quam in restituenda sanitate evidentibus.—11 de novembro de 1794.

FRANCISCO DE SOUSA LOUREIRO—De vario balneorum frigi-dorum gradu, et vi in curandis nervorum morbis, eorumque re-cta administrandorum methodo et cautionibus medicis.—11 de no-vembro de 1794.

PEDRO JOAQUIM DA COSTA FRANCO¹—De differentiis pul-suum etc. ut supra.—17 de novembro de 1795.

EMYDIO MANUEL VICTORIO DA COSTA—De aëris in corpus etc. ut supra.—17 de novembro de 1795. *Repetiu o sexto anno e dissertou sobre outro ponto.*

FRANCISCO SOARES FRANCO—De vario balneorum etc. ut su-pra.—17 de novembro de 1795.

EMYDIO MANUEL VICTORIO DA COSTA—Num ab anima, vel a consensu, optime explicari queat alternæ respirationis causa, vel ab alia?—19 de novembro de 1796.

ANTONIO JOAQUIM DE ANDRADE E SILVA—Quæ sint vasorum et glandularum lymphaticarum vera officia, et morbi?—19 de novembro de 1796.

MANUEL PEREIRA DA GRAÇA—Quæ sit causa mutatæ fluidorum naturæ in morbis præcipue inflammatoriis, febribus putridis et scorbuto.—19 de novembro de 1796.

(*) FRANCISCO MANUEL DE MELLO DE SOUZA ALVIM—Utrum diabetis proxima causa singularis sit, an vero multiplex?—19 de novembro de 1796.

¹ Houve perdão de acto no anno lectivo de 1794 para 1795, e por isso pas-saram para os repetentes do anno immediato os pontos que se tinham assi-gnado para as dissertações inauguraes.

(*) ANTONIO XAVIER DA SILVA — Utrum miasmata paludosa pro februm intermittentium remota causa tantummodo haberi debeant, necne? — 15 de novembro de 1797.

BERNARDO JOSÉ DE ABRANTES E CASTRO — Utrum cruditas, coctio, crisis, et metastasis, in omnibus tum acutis tum chronicis morbis locum habeant? Et quomodo accipiendæ? — 15 de novembro de 1797.

JERONYMO JOAQUIM DE FIGUEIREDO — An theoria circa sanguinis oxydationem, indeque orta quorundam phænomenorum explicatio, adeo firma sit, ut nullus dubio locus omnino supersit? — 21 de novembro de 1798.

ANGELO FERREIRA DINIZ — Ut hominum temperamenta in classes reducantur, qua methodo potius insistendum directane? an indirecta? vel utraque simul? — 21 de novembro de 1798.

ANTONIO DE ALMEIDA CALDAS — Quæ sit causa, cur quidam musculorum ordo voluntaria regatur potestate, alius vero non item? — 21 de novembro de 1798.

HELÉODORO JACINTHO D'ARAÚJO CARNEIRO — Utrum causa proximæ hydrophobiæ contagiosæ, et spontaneæ, una eademque sit, necne? Et qua methodo tractari debeant? — 21 de novembro de 1798¹.

JOSÉ CARLOS BARRETO — Quibusnam signis in febribus exanthematicis agnoscat medicus an agendum sit? Et quomodo an expectandum? — 21 de novembro de 1798.

(*) MANUEL RODRIGUES DA SILVA VEIGA — Medicamenta suos semper effectus præstant stimulando animaliter? — 21 de novembro de 1798.

ADJUTO ANTONIO FURTADO DE MENDONÇA — Ad vis vitalis etiam in fluidis et maxime quidem in sanguine locum habeat? — 3 de novembro de 1799.

¹ Era do espirito da legislação academica, e especificadamente se tinha determinado no aviso regio de 17 de março de 1787, que se publicassem pela imprensa aquellas dissertações inauguraes que as Faculdades julgassem dignas de publicidade. A primeira dissertação de Medicina que logrou as honras da impressão, depois de discutida no acto de conclusões magnas, foi a do dr. Heleodoro Jacintho de Araujo Carneiro, não porque a Faculdade interpozesse para tal fim o seu voto sobre o merecimento litterario e scientifico da dissertação, mas porque o auctor, dous annos depois de graduado, a quiz mandar imprimir com o seguinte titulo: — *Dissertatio de rabie et hydrophobia, etc. Conimbricæ Typis academicis, MDCCCI*, folheto de 44 pag. 4.º portuguez.

ANTONIO DA CRUZ GUERREIRO—Utrum debilitas febrium intermittentium proxima causa sit, necne?—20 de novembro de 1801.

MANUEL BERNARDO PIO—An vaccinae insitio variolarum naturalium inoculationi praeferi debeat, necne?—26 de novembro de 1802.

JOÃO ANGELO CORADO DE MENEZES—Utrum cortex peruvianus, aliaque hujus generis medicamenta in podagrae curatione tuto adhiberi possint, necne?—26 de novembro de 1802.

LUIZ ANTONIO DA SILVA MALDONADO—Quaenam fluidi Galvanici natura? Quodnam ejusdem in animalibus functionibus officium?—25 de novembro de 1803.

ANTONIO JOAQUIM DE CAMPOS—Utrum emetica in apoplexiae curatione tuto ac sine periculo adhiberi possint, necne?—25 de novembro de 1803.

JOAQUIM XAVIER DA SILVA—Quaenam sit elephantiasis natura? Quaenam ejusdem causae? Quaenam therapia?—25 de novembro de 1803.

JOÃO ALBERTO PEREIRA D'AZEVEDO—Quaenam probabilius ex hucusque in lucem editis circa pulsum theoria?—25 de novembro de 1805.

JOSÉ IGNACIO MONTEIRO LOPO—Utrum proxima epilepsiae causa simplex, an composita?—25 de novembro de 1805.

(*) MANUEL D'ALMEIDA E SILVA—Eritne cutaneis morbis communis causa et therapia? An in Lusitaniae regionibus hujusmodi affectionis mira propagatio atque procursus, ex eo quod in eligendis alimentis vulgo parum adhibentur curae?—8 de novembro de 1812.

JOÃO BAPTISTA DE BARROS—In musculorum actione aliquod nervorum opus? Et si detur, quale et quantum in omnibus vitae statibus?—12 de novembro de 1813. *Repetiu o sexto anno e dissertou sobre o seguinte ponto.*

JOÃO BAPTISTA DE BARROS—Inter humanae vitae fines, cum ad propagandum aptiores redduntur sexus, daturne aliqua periodus, qua, si ex lege nuptiae obirentur, proles inde vigentior et ad actiones suas tum morales, tum physicas, persolvendas robustior proveniret?—25 de novembro de 1814.

CARLOS JOSÉ PINHEIRO—Nunquid animalis oeconomia legibus

consentiat, et ad ejusdem phænomena explicanda necessarie admit-
tenda veniat illa vitæ in animalem et organicam divisio, ab anti-
quioribus autem Philosophiæ et Medicinæ cultoribus alia nomina-
tione quondam adnotata?—25 de novembro de 1814.

AURELIANO PEREIRA FRAZÃO D'AGUIAR—Ex Hippocratis
Aphorismorum Libro, et ex Sectionis primæ Aphorismo primo—
vita brevis, ars longa etc.

Amplissima, vastissima, difficillimaque scientia Medica: impro-
bum studium, acerrima contentio, *ingenium et mens insignior*
vero Medicinæ cultori necessaria: *multos indefessa per annos* expe-
rientia, et a quamplurimis aliis scientiis disciplinisque petenda au-
xilia in eo requiruntur: nec aliter Medica sapientia, et clinica so-
lertia adipiscuntur.—28 de novembro de 1815.

(*) ANTONIO JOSÉ LOPES PEREIRA—Ex Hippocratis Aphorismorum
Libro, et ex Sectionis primæ Aphorismo secundo—*In
perturbationibus ventris et vomitibus spontaneis etc.*

Medicamina evacuantia multis curandis morbis maxime et unice
accommodata.—28 de novembro de 1815.

JOSÉ JOAQUIM PEREIRA ROSA—Vasculorum constrictio, dila-
tatio, evolutio, nova efformatio aut per omnes inflammationis perio-
dos, quid obtinet?¹—20 de novembro de 1816.

JOÃO LOPES DE MORAES—Unde phthisis per Lusitaniam fre-
quentissima? Et quibus auxiliis a therapia hygieineque desumptis
possit insævienti malo subveniri?—20 de novembro de 1816.

ANTONIO JOAQUIM BARJONA—Utrum in vivo corpore physicæ
mutationes juxta chæmiæ leges explicari possint?—20 de novem-
bro de 1816.

SEBASTIÃO D'ALMEIDA E SILVA—Unde calor animalis et san-
guinis rubedo?—15 de dezembro de 1817.

(*) MANUEL JOAQUIM ANAIA—Nunquid cordis motum a medul-
laris spinæ influxu pendere in dubio liquet?—15 de dezembro
de 1817.

¹ Transcrevi o ponto tal qual se encontra no livro das actas. É evidente
que necessita de correcção. Ou faltam palavras depois do *aut* ou esta par-
ticula deve ser anteposta a *nova efformatio*. Para o corrigir procurei na bi-
bliotheca da Universidade as theses e dissertação do dr. José Joaquim Pe-
reira Rosa; mas nem um nem outro escripto apparecem naquelle estabele-
cimento.

ANTONIO PEREIRA ZAGALLO — graduado em 30 de junho de 1818¹.

LUIZ ANTONIO PESSOA — Nunquid a stamine musculari motus, ut quidem a nerveo sensus per universam œconomiam derivatur? — em novembro de 1820?

MANUEL ALBERTO DA CUNHA MACEDO — A prava rectave Reipublicæ administratione et gentium mores, et ingenium, et temperamentum, physicave constitutio efformari, vel immutari possunt? — novembro de 1820?²

JERONYMO JOSÉ DE MELLO — Nunquid satis liquet actionem cordis non a cerebro non ab alia quacumque systematis nervosi parte, verum a spinali medulla tantummodo causam et principium trahere? — 25 de novembro de 1818.

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA PINTO — Potestates vitales ita dictæ, animantibus tributæ, an adventitiæ? Si primum quod earum subiectum? Si alterum, unde adveniunt, et quò reponuntur? — 6 de março de 1823.

MANUEL JOAQUIM DA SILVA — Sanguini quacumque arteriosi systematis propagine acto, eadem natura? Si affirmantis vices geras, unde organorum, quotquot sunt in corpore, alia principia constituentia? Si vero negantis, quod et unde discrimen? — 22 de janeiro de 1824.

ANTONIO AUGUSTO DAS NEVES E MELLO — Contraria phænomena, deleteria nempe et salutaria, ex quamplurimis et artis et naturæ substantiis, humano corpori adhibitis, toxicam et pharmaceuticam virtutem in iisdem arguunt? Utcumque decreveris, hujusmodi phænomena quomodo explicari queunt? — 18 de novembro de 1824.

ANTONIO DA SILVA PEIXOTO — Lymphaticane præter absorptionem aliam exercent functionem? Hanc vero si noscis, aut negas, quomodo tot inter theoriæ nugas mercurium symphilidem curare explicas? — 7 de dezembro de 1830.

¹ Na bibliotheca da Universidade não se encontram as theses nem a dissertação d'este doutor, e nas actas da Faculdade não ficou exarado o ponto que lhe deram para dissertar.

² Das actas da Faculdade não consta em que tempo foram approvados os pontos para as dissertações dos drs. Luiz Antonio Pessoa e Manuel Alberto da Cunha Macedo. Transcrevi-os para aqui conforme estão impressos nas theses. Ambos frequentaram o sexto anno de 1820 para 1821 e foram graduados em 1822.

FRANCISCO FERNANDES DA COSTA — Quis circa legislationis scientiam medicæ scientiæ rango? Quæ illi auxilia hæc, legumque exercitio, morumque scientiæ præstare possit?—13 de dezembro de 1834¹.

(*) JOÃO ANTONIO FERNANDES DA SILVA FERRÃO — An febres, essentielles dictæ, ita hodie admittendæ? Si primum, quænam earum proxima causa? Si alterum, ubi morbus idiopathicus, et quænam sua natura?—13 de dezembro de 1834.

FLORENCIO PERES FURTADO GALVÃO — De hominum temperamentis, eorumque influxu in physiologia, pathologia, moralique scientiis.—13 de dezembro de 1834.

CESARIO AUGUSTO PEREIRA D'AZEVEDO — Ex plurimis ac diversis erit encephalum organis compositum? Ex quibus immediata et materialis conditio derivanda ad animæ facultates, affectionesque accommodatas efficiendas? Per craniologiam adæquatum, tutum, et sufficiens iter ad illas prævidendas?—24 de dezembro de 1834.

AGNELLO GAUDENCIO DA SILVA BARRETO — Utrum unum aut magis absorptionum sint agentia? In utrocumque quomodo illas efficiant?—22 de dezembro de 1835.

JOÃO MARIA BAPTISTA CALLISTO — Quid circa dierum criticorum et crisis doctrinam sentiendum sit? Ad quos talis doctrina spectet morbos?—19 de dezembro de 1836.

ANTONIO TAVARES D'ALMEIDA — Ubi et quomodo sanguinis hæmatisis? Qualis inter hæc phenomena, respirationem, et nervorum actionem reciproca actio?—19 de dezembro de 1836.

MANUEL PAES DE FIGUEIREDO E SOUZA — Quomodo nascuntur et crescunt organa, qua lege id in ossibus fit?—11 de janeiro de 1841.

¹ Para que não pareça que houve descuido na copia manual ou na revisão das provas typographicas do ponto a que esta nota se refere, cumpre-me advertir que vae transcripto exactamente como se encontra na acta da congregação em que foi approvado. O candidato, a quem foi dado para dissertar, estampou-o nas theses conforme lh'o indicaram. Fez o que a lei e as praxes academicas têm estabelecido; nenhuma responsabilidade lhe cabe pela materia nem pela forma do ponto. É certo porem que muito conviria que o tivessem modificado ou antes alterado completamente. A primeira parte do ponto não se comprehende facilmente, já pela viciosa construcção grammatical, já porque a palavra *rango*, que deve exprimir a ideia principal, nunca pertenceu á lingua latina, nem tem significação conhecida.

JOSÉ GOMES RIBEIRO — Quæ sedes et natura phthisios? Quæ inde sua rationalis therapia?—21 de janeiro de 1842.

FRANCISCO MARIA DA SILVA TORRES — Quænam sanguinis in sano ægrotoque homine generatim anatomica et physiologica constitutio? Quantum pathologiæ et therapiæ prosit ejusmodi cognitio?—12 de dezembro de 1842.

JOÃO ANTONIO DE SOUZA DORIA — Usquequo explicari possint intellectus voluntatisque phænomena? Quale inter Psychologiam Physiologiamque discrimen?¹—12 de dezembro de 1842.

JOSÉ FERREIRA DE MACEDO PINTO — Nunquid satis liquet veram metamorphosin præire animali adsimilationi? Quantum et quomodo chæmiæ physiologiæ prodest?—12 de dezembro de 1843.

ANTONIO CARLOS DOS GUIMARÃES MOREIRA — De hominis entozois, morbisque propterea natis; et therapia demum qua profligari possunt.—12 de dezembro de 1843.

ANTONIO EGYPCIO QUARESMA LOPES DE VASCONCELLOS — Quæ diagnosis et carcinomatis natura? Quæ inde sua rationalis therapia?—18 de dezembro de 1844.

(*) THOMAZ DA PIEDADE PINTO DE FIGUEIREDO — An alii sensus, alii motus sint nervi? Ubi perficiuntur sensationes et incipiunt voluntarii motus?—18 de dezembro de 1844.

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES — Quæ in animantibus organa veram auditionem exercent? Ad quid aurium ossicula, eorumque præcocius incrementum?—15 de janeiro de 1848.

ANTONIO GONÇALVES DA SILVA E CUNHA — Nunquid verum discrimen inter nervos sensûs ac motûs quoad originem fines textum ac dispositionem? Aliud etiam genus, respiratorium dictum, a quadam tantum vertebralis medullæ parte?—15 de janeiro de 1848.

ANTONIO JOAQUIM RIBEIRO GOMES D'ABREU — An merito inter acutas, an contagiosas febres cholera orientalis Huffelando

¹ De todos os pontos para dissertações inauguraes approvados pelo Conselho da Faculdade, cuja redacção foi posteriormente modificada, nenhum sahio impresso com maiores differenças do que o do dr. João Antonio de Souza Doria. Transcrevi para aqui o ponto como o candidato o apresentou nas theses. Na acta respectiva está enunciado do seguinte modo: *Intellectus et voluntatis phænomena usquequo explicari possumus? Quid idcirco inter physiologiam et psychologiam discrimen?*

enumeratur? Quænam hujus morbi cura utilissima prophylactica atque therapeutica?—20 de novembro de 1848.

(*) LUIZ ALBANO DE ANDRADE MORAES—De combustione humana spontanea.—24 de novembro de 1851.

JACINTHO ALBERTO PEREIRA DE CARVALHO—Quid anatome in diagnoscendis ac explicandis morbis pathologica valeat? Quæ inde illis curandis utilitas?—23 de dezembro de 1852.

CALLISTO IGNACIO D'ALMEIDA FERRAZ—Nunquid satis liquet cordis imperium in sanguinis circuitu nunquam decrescere? Et hæmodynamometro Poisselliano vim cordis accurate æstimari?—25 de novembro de 1853.

RAYMUNDO FRANCISCO DA GAMA—Quæ anesthesiam faciant et quomodo? Eorum aliquæne sunt, quæ chirurgiæ præstare opem possint?—6 de dezembro de 1854.

(*) CANDIDO FRANCISCO LOPES LOBÃO—Inter choleram orientalem acutasque febres an verum discrimen circa ætiologiam et therapiam?—16 de fevereiro de 1856.

FRANCISCO ANTONIO ALVES—Nunquid inter febrem puerperalem, metro-peritonitem et phlebitem uterinam verum datur discrimen? Quæ rationalis hujus febris curatio?—15 de dezembro de 1856.

(*) JOSÉ MARIA GONÇALVES ROMA—Tollendane sunt expositorum infantium nostratia instituta? Si equidem sint, quænam alia in eorum locum substituantur, oportet? Sin minus, quomodo fiet, ne eo exceptorum infantium tanta pereat multitudo?—12 de dezembro de 1857.

Em sessão de 28 de janeiro de 1858 decidiu o conselho da Faculdade que as dissertações inauguraes fossem escriptas em portuguez e impressas. Desde então foram tambem formulados em portuguez os pontos que d'antes se davam em latim.

LOURENÇO D'ALMEIDA E AZEVEDO—Serão as cellulas, seus nucleos e granulos as unicas primitivas formações do plasma? Sendo assim, quæes serão as metamorphoses por que terão de passar até o seu definitivo desenvolvimento?—28 de janeiro de 1858.

ANTONIO D'OLIVEIRA SILVA GAIO—A lithotricia no tractamento radical dos calculos vesicaes apresenta menos perigos e in-

comodos do que a lithotomia? No estado actual da sciencia pôde dizer-se que a lithotricia chegou á perfeição? — 28 de janeiro de 1858. *Este ponto tinha sido approvado, mas redigido em latim, na sessão de 12 de dezembro de 1857.*

BERNARDO ANTONIO SERRA DE MIRABEAU — Serão principios immediatos do organismo a diastase salivar, a gasterase e a pancreatina? Cada uma d'estas substancias que importancia tem nos phenomenos chemicos da digestão? — 27 de novembro de 1858.

MANUEL PEREIRA DIAS — Existirão medicamentos, cuja acção primitiva se dirija sobre o sangue? E poderá esta estudar-se só pelo ensaio physiologico? — 24 de novembro de 1859.

JOSÉ EPIPHANIO MARQUES — Dos entozoarios, e da relação que existe entre elles e a etiologia e a symptomatologia? — 13 de dezembro de 1860.

MANUEL JOSÉ DA SILVA PEREIRA — Qual a causa da angina membranosa, que nestes ultimos annos tem grassado tanto em diversos paizes? Terá ella sido sempre da mesma natureza? — 31 de outubro de 1861.

FERNANDO AUGUSTO DE ANDRADE PIMENTEL E MELLO — Qual a causa da albuminuria das mulheres gravidas? Que relação existe entre esta doença, a chlorose e a hydropesia? — 20 de novembro de 1861.

FILIPPE DO QUENTAL — Deve permittir-se a cultura do arroz em Portugal? Permittendo-a, como tornal-a inoffensiva? Prohibindo-a, qual o genero de cultura que melhor a poderá substituir com vantagem da saude publica e com menos prejuizo da agricultura? — 31 de outubro de 1861.

ANTONIO DA CUNHA VIEIRA DE MEIRELLES — Qual a marcha da natureza no processo osteogenico? E que papel nelle representam o periosteo, a medulla e a cartilagem? — 20 de novembro de 1861.

(* **JULIO CESAR DE FARIA GRAÇA** — Na transmissão das impressões de sentimento que acção physiologica exercem os elementos nervosos da espinal medulla? Nos de movimento ha differença de agente e modo de obrar? — 12 de dezembro de 1862.

JOSÉ FERREIRA DE LACERDA — Póde o emprego do trocarte, na abertura dos abcessos, ser constantemente preferido ao do bisturi ou lanceta? Se não pode, quaes os abcessos em que seja preferivel o bisturi ou lanceta? — 12 de janeiro de 1863.

JULIO CESAR DE SANDE SACADURA BOTTE — Como obra o mercurio nas molestias syphiliticas? Haverá algum medicamento que possa substituil-o com vantagem no tractamento das mesmas molestias? — 12 de dezembro de 1863.

JOSÉ CARLOS GODINHO DE FARIA — Será o cancro uma affecção local? Em que circumstancias poderá aproveitar a sua extirpação? — 29 de novembro de 1866.

RAYMUNDO DA SILVA MOTTA — Qual o valor da cellula animal em anatomia pathologica? Os tecidos morbidos terão elementos anatomicos especiaes? — 29 de novembro de 1866.

MANUEL DA COSTA ALEMÃO — As experiencias de Claudio Bernard sobre os nervos vaso-motores explicam satisfactoriamente as pyrexias? No caso negativo qual a theoria dos phenomenos febris? No caso affirmativo qual a therapeutica racional das pyrexias? — 29 de novembro de 1866.

JOÃO JACINTHO DA SILVA CORREIA — Será conforme ao direito e á moral na praxe tocologica provocar o aborto? Qual o meio mais simples, prompto e efficaz? — 12 de dezembro de 1868.

FILOMENO DA CAMARA MELLO CABRAL — As diversas raças humanas poderão indifferentemente habitar toda e qualquer linha isothermica? Será possivel a aclimação dos europeus nas possessões portuguezas ultramarinas? — 17 de janeiro de 1870.

ESTATISTICA

DOS

Estudantes matriculados nos diferentes annos do curso medico desde a Reforma da Universidade em 1772 até 1871

Annos lectivos	Annos do curso						Total
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	
1772	46	25	-	-	12	1	84
1773	25	21	20	5	2	-	73
1774	11	23	23	11	7	-	75
1775	8	10	19	16	13	-	66
1776	1	6	10	19	15	-	51
1777	19	1	6	10	23	1	60
1778	-	2	2	4	6	1	15
1779	2	8	2	3	5	-	20
1780	7	4	8	4	7	-	30
1781	18	7	3	8	2	-	38
1782	1	8	7	4	8	-	28
1783	2	6	8	7	3	-	26
1784	10	4	6	8	6	-	34
1785	4	9	4	6	6	-	29
1786	11	6	9	4	6	-	36
1787	8	11	3	8	4	4	38
1788	12	7	10	3	9	-	41
1789	11	12	8	11	3	1	46
1790	12	12	11	8	11	-	54
1791	19	9	14	10	8	3	63
1792	16	16	12	11	10	3	68
1793	48	17	16	13	11	-	105
1794	47	48	13	17	12	4	141
1795	35	43	51	13	19	3	164
1796	45	32	36	47	16	4	180
1797	30	42	27	37	43	2	181
1798	23	32	39	29	33	6	162
1799	26	23	29	39	28	1	146
1800	27	26	17	32	35	1	138

Annos lectivos	Annos do curso						Total
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	
1801	21	30	23	21	40	1	136
1802	28	23	19	26	19	3	118
1803	18	29	18	22	21	3	111
1804	27	21	31	19	22	-	120
1805	6	29	17	25	23	2	102
1806	22	10	30	16	25	-	103
1807	17	22	8	30	17	1	95
1808	20	16	22	9	28	1	96
1809	17	15	16	19	10	4	81
1810 (a)	-	-	-	-	-	-	-
1811	8	18	11	18	12	-	67
1812	11	7	17	12	19	1	67
1813	6	11	7	17	16	2	59
1814	7	6	12	6	19	5	55
1815	13	6	6	12	6	2	45
1816	13	11	6	6	12	5	53
1817	16	11	11	6	6	9	59
1818	12	15	11	11	7	1	57
1819	24	13	14	10	11	4	76
1820	19	24	14	14	10	5	86
1821	13	19	24	12	11	4	83
1822	6	11	13	23	17	1	71
1823	14	14	7	12	22	2	71
1824	31	15	12	11	10	3	82
1825	31	27	14	12	11	-	95
1826	22	29	28	13	11	2	105
1827	26	23	27	27	9	1	113
1828 (b)	-	-	-	-	-	-	-
1829	6	15	8	13	5	1	48
1830	8	6	13	8	10	1	46

(a) Por Aviso de 10 de setembro de 1810 mandou-se fechar a Universidade no anno lectivo de 1810 para 1811, anno em que teve logar a terceira invasão franceza. O Aviso de 23 de setembro de 1811 mandou abrir as aulas.

(b) A Carta Regia de 23 de maio de 1828 mandou fechar a Universidade: a Portaria de 30 d'agosto do mesmo anno determinou que continuasse fechada. Foi mandada abrir por Carta Regia de 27 de março de 1829.

Annos lectivos	Annos do curso						Total
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	
1831 (a)	-	-	-	-	-	-	-
1832	-	-	-	-	-	-	-
1833	-	-	-	-	-	-	-
1834	19	8	9	17	11	6	70
1835	9	19	10	13	16	1	68
1836	8	9	20	9	11	2	59
1837	21	8	8	21	9	-	67
1838	51	17	8	10	21	-	107
1839	32	43	17	10	9	-	111
1840	35	27	44	17	9	1	133
1841	29	28	25	42	15	1	140
1842	11	26	30	23	42	2	134
1843	10	11	32	21	24	2	100
1844	-	10	11	32	21	4	78
1845	11	1	7	12	33	-	64
1846 (b)	-	-	-	-	-	-	-
1847	7	9	-	7	9	2	34
1848	9	7	10	-	8	1	35
1849	8	10	7	11	-	1	37
1850	14	6	10	6	11	-	47
1851	6	14	6	10	5	1	42
1852	20	6	14	6	10	1	57
1853	17	18	9	11	6	1	62
1854	6	14	16	11	9	1	57
1855	12	6	14	16	9	2	59
1856	17	11	6	15	15	2	66
1857	4	16	11	6	12	5	54

(a) Com o pretexto de se reformarem os estudos foi suspensa a abertura da Universidade por Carta Regia de 23 de setembro de 1831. Como em 8 de julho 1832 desembarcaram as tropas liberaes no Mindello, em 11 do mesmo mez e anno se expediu um Aviso á Universidade ordenando que o corpo cathedratico retirasse de Coimbra individualmente para Mortagua e Lorvão, e que o cofre passasse para Tondella. Durante o cerco do Porto, e no anno seguinte, esteve a Universidade fechada, e só foi aberta, depois de acabada a guerra civil, por Portaria de 14 de maio de 1834.

(b) Por causa das luctas civís mandou-se fechar a Universidade por Portaria de 16 de outubro de 1846. Foi aberta por Portaria de 2 d'agosto do anno seguinte.

Annos lectivos	Annos do curso						Total
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	
1858	9	5	16	11	6	1	48
1859	4	9	5	17	10	1	46
1860	15	4	9	5	17	1	51
1861	16	15	4	9	5	4	53
1862	12	16	15	7	7	4	61
1863	11	12	17	13	6	1	60
1864	16	11	12	16	13	-	68
1865	15	15	10	11	16	-	67
1866	10	14	16	10	9	3	62
1867	6	10	12	14	10	4	56
1868	10	6	10	12	14	1	53
1869	12	10	7	9	12	1	51
1870	18	12	11	6	9	-	56
1871	16	18	12	10	6	-	62

Esta Estatística foi elaborada não em face das relações impressas desde 1800, mas sim á vista dos livros das matriculas.

PARTE SEGUNDA

Noticia biographica dos professores da Faculdade de Medicina, fallecidos desde a Reforma de 1772 até o presente

SIMÃO GOOLD¹

Do Porto, onde grangeara reputação de bom medico, veio servir a Universidade o inglez Simão Goold. Foi despachado lente da segunda cadeira de practica por carta regia de 3 de outubro de 1772, e no dia 9 recebeu o gráu de doutor. Não achei noticia de trabalhos emprehendidos por este professor. É muito provavel que se impossibilitasse para reger a cadeira durante o primeiro ou no principio do segundo anno lectivo depois da Reforma; conjecturo isto, porque os ordenados só lhe foram contados por inteiro até o fim de dezembro de 1773. D'este anno em diante até 1776 apparece mencionado nas folhas com a nota de aposentado e vencendo metade do ordenado. Falleceu durante o ultimo quartel de 1776.

¹ Em variós documentos achei designado este professor com o sobrenome de Goud, Gould, Gold, e Goold. Segui a ultima variante, porque nas folhas dos ordenados está constantemente assignada sua mulher com o nome de Paschoa Goold. Que residiu no Porto, assim como o italiano Luiz Cichi, affirma o sr. S. J. da Luz Soriano na *Historia do Reinado d'el-rei D. José*, vol. II pag. 75.

ANTONIO JOSÉ PEREIRA

Cursou a Universidade e fez os actos de tentativa e formatura em 1758 o estudante de Medicina Antonio José Pereira, natural do Porto, que então se assignava com o accrescentamento = de Jesus.—Não apparece nos livros competentes o termo de que fosse approvado no acto de practica, sem a qual approvação não podia exercitar legalmente a Medicina. Mas, não obstante a falta de qualquer acto ou formalidade legal, entregou-se á praxe medica, e taes credits adquiriu como clinico e homem de sciencia, que por elles se decidiu o Marquez de Pombal a confiar-lhe a regencia da cadeira de Instituições por carta regia de 3 de outubro de 1772. Recebeu no dia 9 o gráu de doutor, e na tarde do mesmo dia recitou na sala dos Capellos a oração inaugural dos trabalhos da nova Faculdade de Medicina. Em 29 de maio de 1776 subiu a lente da primeira cadeira de practica, com a clausula de supprir as obrigações da cadeira em que tinha lido, emquanto se não dava outra providencia. Na Universidade, onde prestou bons serviços, gozou de grande reputação. Foi chamado para medico da real camara, e jubilado por uma honrosa carta regia em 14 de julho de 1776. Se para o logar que exercia no paço entrou depois da sua morte o dr. Francisco Tavares, como affirma um escriptor¹, devia ter fallecido por fins de 1792 ou nos primeiros mezes do anno seguinte.

LUIZ CICHI

Ao medico italiano Luiz Cichi, que no Porto exercia a clinica com bons credits, se commetteu a regencia da cadeira de anatomia por carta regia de 3 de outubro de 1772. No dia 11 foi-lhe conferido o gráu de doutor. Pelo decreto, que estabeleceu os or-

¹ Francisco Antonio Martins Bastos, na sua obra *Nobiliarchia Medica*, pag. 57.

denados para todos os funcionarios da Universidade, competia-lhe a somma annual de 350,000 réis; mas, como soubesse que ao lente da segunda cadeira de practica se tinham arbitrado 600,000 réis, acudiu logo a pedir para si igual quantia. Deferiu-lhe o Marquez de Pombal a petição *attendendo ao muito que promettia da sua arte*. No primeiro anno de serviço houve-se com a devida regularidade: até o Marquez em officio de 30 de junho de 1773 manifestou o seu contentamento *pelos bons principios que já tinha dado ás operações e demonstrações anatomicas o lente Luiz Cichi*. Mas logo em 25 de fevereiro de 1774 o mandou reprehender *pela falta de assiduidade*; e fallando de certos instrumentos, diz *que estariam promptos, se o mesmo Luiz Cichi não tivesse reprovado alguns, feitos conforme aos modelos dados por elle*. A reprehensão em nome do ministro e os avisos frequentes do prelado não emendaram as irregularidades do professor de anatomia; por isso no principio de dezembro de 1776 foi-lhe intimada a suspensão. Recorreu para o Governo com uma allegação de defesa, sobre a qual deu o reitor tal informação, que o recorrente, conhecendo que não podia ser reintegrado no serviço, pediu a demissão e ao mesmo tempo licença para se ausentar para a sua patria. A uma e outra cousa annuiu o Governo em 18 de janeiro de 1779, mandando então que se lhe pagassem todos os ordenados em debito.

JOSÉ FRANCISCO LEAL

No mesmo dia 3 de outubro de 1772, em que outros medicos foram despachados para as cadeiras de Medicina, foi tambem nomeado lente de materia medica e pharmacia José Francisco Leal, a quem no dia 9 se conferiu o gráu de doutor. Da correspondencia do Marquez de Pombal deprehende-se que o dr. José Francisco Leal viajára pela Europa pouco antes da Reforma da Universidade. Em officio de 12 de fevereiro de 1773 dizia o Marquez para o reitor: *Fica ainda aqui a planta do laboratorio chimico, que foi necessario formar-se pelo modelo que o dr. José Francisco Leal trouxe por ordem minha da córte de Vienna de Austria*. Isto e a circumstancia de não achar o seu nome nos livros antigos

das matriculas, actos e gráus levam-me a crer que estudou a Medicina em alguma escola estrangeira.

Em 29 de maio de 1776 foi promovido á cadeira de Instituições com a obrigação de continuar a servir na de materia medica em quanto se não tomava outra providencia. Regeu as duas cadeiras por mais de seis annos consecutivos, e por despacho de 4 de junho de 1783 foi alliviado da de materia medica, continuando todavia a receber o ordenado respectivo por graça especial e em attenção aos seus serviços. Falleceu em 1786. Deixou manuscrita uma obra, que foi publicada em 1792 por industria do dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva: *Instituições ou Elementos de pharmacia extrahidos dos de Baumé e reduzidos a um novo methodo*. Não se encontra esta obra na bibliotheca da Universidade! Debalde a tenho procurado tambem em algumas livrarias particulares. Diz o sr. I. F. da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* que é precedida do retrato do auctor e de uma *Noticia da vida e obras do dr. Leal*, escripta por Francisco Luiz Leal.

ANTONIO JOSÉ FRANCISCO D'AGUIAR

Em 24 de fevereiro de 1756 fez exame privado ante a Faculdade de Medicina e no mesmo anno foi graduado o doutorando Antonio José Francisco d'Aguiar, natural de Coimbra. Entrou para uma das conductas da Faculdade em 27 de setembro de 1759. Era ainda conductario quando se inaugurou a Reforma da Universidade, e foi comprehendido nas disposições da Carta de lei de 28 de setembro de 1772, que aposentou todos os lentes da antiga Faculdade de Medicina, conservando-lhes as suas respectivas pensões. A practica de desaseis annos tinha estabelecido ao dr. Aguiar solida reputação de bom medico; e por isso o Marquez de Pombal o aproveitou para constituir a nova Faculdade de Medicina, nomeando-o substituto das cadeiras de clinica por carta regia de 3 de outubro d'aquelle anno.

Como o quadro da Faculdade ficou incompleto e o dr. Simão Goold se impossibilitou para o serviço, regeu o dr. Aguiar por espaço de quatro annos as duas cadeiras de clinica. Subiu a cathe-

dratico e foi nomeado lente da primeira cadeira de practica na promoção de 29 de maio de 1776. Doze annos depois coube-lhe o logar de primeiro lente da Faculdade com exercicio na segunda cadeira de practica. Na congregação de 6 de maio de 1788 foi-lhe conferido por eleição o cargo de decano e director. Depois de largos e assiduos serviços no magisterio foi jubilado por carta regia de 6 de fevereiro de 1791. Não gosou por muito tempo da jubilação; falleceu, deixando em precarias circumstancias dous filhos e tres filhas de menor idade, segundo allegou a sua viuva no requerimento em que pedia uma pensão, e que foi mandado informar em 4 de fevereiro de 1803.

Foi encarregado de escrever um compendio de therapeutica medica pelo methodo nosologico. Por vezes relatou nas congregações o estado em que levava a obra; não consta porem que a concluisse, nem que apromptasse parte do manuscrito para se dar á estampa.

MANUEL ANTONIO SOBRAL

Na sala da conservatoria fez exame privado em 6 de março de 1756 o doutorando em Medicina Manuel Antonio Sobral, natural de Carnicães. A escolha da sala foi motivado por um terremoto que houve naquelle dia quando os lentes e o examinando assistiam na capella da Universidade á missa, que segundo a lei deve preceder o exame privado. Tinha alcançado o gráu de mestre em Artes durante o curso medico; e em 27 de setembro de 1759 foi nomeado para uma conducta de Medicina. Na qualidade de conductario o aposentaram em 1772; mas o seu merecimento era tal, que logo em 3 de outubro d'aquelle anno obteve a nomeação de substituto das cadeiras de Aphorismos e de Instituições. Como substituto regeu por quatro annos a cadeira de Aphorismos, cuja propriedade lhe foi conferida em 29 de maio de 1776, e nella jubilou em 23 de fevereiro de 1790. Coube-lhe a tarefa de escrever um compendio *sobre a intelligencia e exposição aos aphorismos de Hippocrates*. Apresentou parte do seu trabalho na congregação de 30 de março de 1787; mas nem esta parte, nem porção alguma da obra teve publicidade pela imprensa.

JOSÉ CORREIA PICAÑO

No Recife de Pernambuco nasceu José Correia Picanço em 10 de novembro de 1745¹. Affirma Balbi² que fôra discipulo do celebre cirurgião portuguez Manuel Constancio, e que estudára tambem na escola de Pariz. Manuel de Sá Mattos, que o conheceu pessoalmente e com elle tractou, diz³ apenas que em 1767 se encaminhou para Pariz, onde ouviu Sabatier, Morand e outros. É muito provavel que tivesse primeiro estudado no hospital de Lisboa, e que, incitado pelo desejo de mais larga instrucção, fosse aperfeiçoar em França os seus conhecimentos anatomicos e cirurgicos. Em 1772 estava já em Portugal, e gosava de tão subido conceito na sua arte, que o Marquez de Pombal o nomeou demonstrador da cadeira de anatomia por carta regia de 3 de outubro d'aquelle anno.

Em boa hora veiu José Correia Picanço tomar parte no ensino da nova Faculdade de Medicina. O italiano Luiz Cichi, a quem fôra commettida a cadeira de anatomia, e de quem se esperavam maravilhas, deu taes provas do seu desleixo e má vontade, que foi necessario dispensar-lhe o prestimo. Felizmente o demonstrador estava habilitadissimo para supprir todas as faltas, e aos serviços de tão benemerito funcionario se deve o bom andamento, que desde o principio da Reforma tiveram os estudos anatomicos e cirurgicos.

Determinavam os Estatutos que o demonstrador de anatomia regesse a cadeira no impedimento do respectivo cathedratico. Por tanto, logo que foi intimada a suspensão ao dr. Luiz Cichi, ficou com os encargos do magisterio o demonstrador José Correia Picanço. Por mais de dous annos regeu a cadeira como substituto. Foi então que patenteou largamente os seus recursos e ampliou os seus creditos. Conferiu-lhe o Governo a propriedade, quando o dr. Cichi pediu a demissão, e mandou por carta regia de 16

¹ Sigo a informação do *Diccionario Bibliographico* do sr. I. F. da Silva, e da *Bibliotheca Elementar* de Manuel de Sá Mattos.

² *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, vol. II, appendix pag. LXXI.

³ *Bibliotheca Elementar cirurgico-anatomica*. Discurso 3.º, pag. 157.

de fevereiro de 1779 que fosse graduado e incorporado na Faculdade de Medicina, como se tinha practicado com o seu antecessor.

Conservou-se por muitos annos na cadeira de anatomia, e nella jubilou por carta regia de 28 de junho de 1790, tendo antes sido egualado em prerogativas e ordenados a lente de Instituições.

Depois de jubilado exerceu o cargo de cirurgião-mór e de primeiro cirurgião da real camara. Em 1807 embarcou com a familia real para o Brazil, d'onde não voltou. Falleceu pelos fins de 1824, segundo pude averiguar das folhas dos ordenados.

Escreveu um opusculo — *Ensaio sobre o perigo das sepulturas nas cidades e nos seus contornos*, que foi impresso no Rio de Janeiro em 1812.

FRANCISCO TAVARES

O dr. Francisco Tavares nasceu em Coimbra, e foi seu pae Manuel Antonio Tavares. Frequentou os estudos medicos na antiga Faculdade de Medicina, e concluiu formatura com o acto de practica em 20 de julho de 1771. No anno immediato teve logar a Reforma da Universidade; matriculou-se então no sexto anno medico, e foi o primeiro repetente que se propoz satisfazer ás rigorosas exigencias dos novos Estatutos para alcançar os ultimos grãos academicos. Cinco annos decorreram sem que Francisco Tavares tentasse fazer os actos, que segundo os Estatutos devem preceder o doutoramento; e quando em outubro de 1778 requereu que lhe fosse assignado dia para defender theses, o Conselho da Faculdade de Medicina hesitou em lhe despachar o requerimento. Recorreu para o Governo, e em 7 de novembro obteve a permissão de fazer os actos grandes, «porquanto (diz a provisão) não tinha «perdido o direito a elles pela circumstancia de os não ter feito «no fim do sexto anno.»

Defendeu theses em 11 de novembro de 1778; fez exame privado em 23, e recebeu o gráu de doutor no dia 30. Em 12 de abril do anno seguinte foi nomeado para exercer interinamente o logar de demonstrador de materia medica. Desempenhou-se da incumbencia com tal acceitação, que dous annos depois, em 19 de

junho de 1781, affirmou a Faculdade de Medicina ao Governo «que o dr. Francisco Tavares tinha merecimentos para lente.» O Governo attendeu ao voto da Faculdade, e no despacho de 4 de junho de 1783 conferiu a propriedade da cadeira de materia medica ao dr. Francisco Tavares. Por quatro annos se occupou na regencia da cadeira e ao mesmo tempo na composição de compendios que podessem servir de norma a seus discipulos. Foi o primeiro lente de Medicina que publicou um livro apto para texto das lições. Por isso depois da promoção de 7 de novembro de 1787, em que foi nomeado para a cadeira de Instituições, obteve por carta regia de 29 de dezembro do mesmo anno que sobre o ordenado da cadeira lhe fossem contados cem mil réis annuaes.

Pela jubilação do dr. Aguiar subiu a lente de prima com exercicio na segunda cadeira de practica por carta regia de 6 de fevereiro de 1791. Pouco tempo antes tinha sido commissionado pela Faculdade juntamente com o professor de materia medica, dr. Joaquim de Azevedo, para compor a Pharmacopeia geral do reino. Não lhe foi mister auxilio extranho para levar a cabo tão momentosa commissão; e, com quanto lhe não faltassem cuidados para satisfazer a outras obrigações, em 1794 tirou do prelo os dous volumes da obra. Já por esse tempo tinha sido chamado a Lisboa para tractar da Rainha D. Maria I. Fixou desde então a sua residencia na capital, onde o detinham os encargos de primeiro medico da real camara. Foi-lhe concedida a jubilação na segunda cadeira de clinica por carta regia de 4 de abril de 1795. Não obstante o serviço do paço e outros cuidados que lhe não faltavam em Lisboa, não deixou de cultivar a sciencia, e de se entregar á composição de obras que lhe grangearam merecida reputação. Depois de gloriosa carreira como professor e como medico, veiu a fallecer em Lisboa em 20 de maio de 1812¹.

Alem da dissertação inaugural escreveu as seguintes obras:

Pharmacologia Libellus, Coimbra 1786.

Medicamentorum sylloge, ibidem 1787.

Pharmacopeia Geral do Reino, Lisboa 1794.

Sahiu segunda edição em 1823.

¹ Sobre maiores particularidades da vida e escriptos do dr. Francisco Tavares consulte-se a obra do sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, *Memorias Biographicas dos Medicos e Cirurgiões Portuguezes*, etc. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.

Advertencia sobre o abuso e legitimo uso das aguas mineraes das Caldas da Rainha, Lisboa, Typ. da Acad. 1791.

Instrucções e cautelas practicas sobre a natureza, differentes especies, virtudes em geral e legitimo uso das aguas mineraes, etc. Coimbra 1810.

Pharmacologia novis recognita curis etc. Coimbra 1809. É a segunda edição da de 1786, mas melhorada e em muitos pontos augmentada.

Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gotta, Lisboa 1802.

Manual de gottozos e de rheumaticos, Coimbra 1810.

Dissertação d'um feto monstruoso, nascido em Coimbra em 20 de novembro de 1791. Foi publicada nas Memorias da Academia.

JOAQUIM DE AZEVEDO

Foi filho de Paulo de Azevedo e natural de Coimbra. Em 1774 concluiu formatura em Medicina; e, como aspirasse a mais subida graduação academica, frequentou o sexto anno, fez os actos grandes, e recebeu enfim o gráu de doutor em 25 de julho do 1779. Em 4 de junho de 1783 teve o despacho de substituto ordinario para servir nas cadeiras que lhe fossem designadas. Na promoção de 7 de novembro de 1787 coube-lhe como cathedratico a cadeira de materia medica, que regeu por desanove annos. Em 6 de fevereiro de 1791 subiu a quarto lente da Faculdade, e em 4 de abril de 1795 foi egualado em honras e proventos a lente de prima.

Foi encarregado de escrever um compendio de pathologia, semeiotica, etiologia, e therapeutica geral, cujo plano apresentou e foi approved na congregação de 2 de dezembro de 1787. Não ha noticia de ter desempenhado a incumbencia, assim como não consta que tivesse coadjuvado o dr. Francisco Tavares na composição da *Pharmacopeia*, para trabalhar na qual fôra nomeado em congregação de 23 de julho de 1790. Obteve a jubilação por carta regia de 20 de junho de 1806. Um requerimento da sua viuva, mandado a informar em 30 de agosto de 1814, diz que «antes da invasão serviu de juiz pela ordenação, que prestou bons

«officios ao exercito anglo-luso, que se refugiou em Lisboa por ordem do general em chefe, onde exerceu o lugar de primeiro medico no hospital da Graça, e que lá adquiriu a molestia de que veio a fallecer, deixando a mulher e tres filhas em pobreza.»

JOSÉ PINTO DA SILVA

O dr. José Pinto da Silva nasceu no lugar de Muna, termo de Besteiros, e foi filho de José da Silva Pereira. Coursou na Universidade a Faculdade de Medicina; e, tendo satisfeito completamente ás exigencias da lei, recebeu o gráu de doutor em 29 de julho de 1779. Foi despachado substituto ordinario sem designação de cadeiras em 4 de junho de 1783. Na promoção geral da Faculdade de 7 de novembro de 1787 continuou na classe de substituto, mas foi igualado nos ordenados a lente de materia medica, e mandado reger a segunda cadeira de practica, que ficava vaga. Passou a cathedratico e a segundo lente de Medicina em 6 de fevereiro de 1791, e foi elevado a lente de prima com exercicio na segunda cadeira de practica em 4 de abril de 1795. Graduação igual foi tambem concedida no mesmo dia ao seu collega dr. Joaquim de Azevedo, que era mais antigo no gráu de doutor e subira primeiro a cathedratico. Disputaram os dous professores a posse do primeiro lugar na congregação de 14 de dezembro de 1795. Ambos pretendiam sentar-se á direita do prelado como lentes de prima. O dr. José Pinto da Silva mostrou-se zeloso das suas prerogativas; e, porque o vice-reitor José Monteiro da Rocha lhe contrariou a pretensão, lavrou protesto contra a decisão do prelado.

Foi nomeado physico-mór dos reaes exercitos, conservando segundo o aviso de 17 de dezembro de 1803 os ordenados de primeiro lente, enquanto se não resolvesse a materia da sua jubilação, que requereu e obteve em 24 de julho de 1804, tendo regido todas as cadeiras durante o espaço de dezoito annos.

Na congregação de 2 de dezembro de 1786 acceitou o encargo de escrever um compendio de physiologia, cujo plano chegou a apresentar, pedindo alguns esclarecimentos ao Conselho: declarou porem em 30 de março de 1787 que não podia adiantar a com-

posição do compendio, porque tinha de reger uma cadeira de practica. Não consta que se desempenhasse da incumbencia.

CAETANO JOSÉ PINTO D'ALMEIDA

Em 20 de agosto de 1738¹ nasceu em Paços de Brandão o dr. Caetano José Pinto de Almeida, filho de Manuel Pinto de Almeida.

Deprehende-se da *Bibliotheca chirurgico-anatomica*, de Manuel de Sá Mattos, que o dr. Caetano seguira (talvez no Porto) o apprendizado da cirurgia, e que pouco depois occupára o posto de cirurgião das fragatas reacs. Accrescenta o mesmo auctor que tudo deixou para ir estudar a Montpellier, d'onde voltou para o Porto, e ahi estabeleceu um theatro anatomico, o primeiro que houve naquella cidade. Se realmente sahio de Portugal em 1767, como inculca Sá Mattos², não teve demorada assistencia em Montpellier, porque já em outubro de 1769 effectuava em Coimbra a matricula no primeiro anno de Medicina³. Depois da Reforma seguiu com interrupções o curso medico, que chegou a concluir em 14 de julho de 1781.

Era ainda estudante quando foi nomeado para exercer interinamente as funcções de demonstrador de anatomia e de cirurgião do hospital. Em um e outro lugar adquiriu tal reputação, possuiu-se tanto dos seus merecimentos, que antes de acabar a formatura não duvidou solicitar carta de demonstrador de anatomia com privilegios de lente. Não lhe foi favoravel o voto da Faculdade de Medicina sobre a pretensão dos privilegios; corroborou porem que «era digno de que se lhe passasse carta de demonstrador de ana-

¹ A data é a que indica Manuel de Sá Mattos na *Bibliotheca chirurgico-anatomica*, discurso 3.º, pag. 156.

² Na mesma obra, discurso 3.º, pag. 157, quando tracta de José Correia Picanço.

³ O termo da matricula contem o seguinte additamento «incorporado com «provisão de S. Magestade nos actos de bacharel e licenciado em philosophia.» o que significa que obteve dispensa dos preparatorios que então se exigiam para a matricula em Medicina.

«tomia.» E de facto em 15 de dezembro de 1781 teve a nomeação de demonstrador e substituto de anatomia, e de cirurgião do hospital.

A lei não permittia que o demonstrador Caetano José Pinto de Almeida tivesse ascenso d'aquelles logares para as cadeiras da Faculdade; conseguiram porem os seus credits o que a lei recusava. Por carta regia de 4 de junho de 1783 foi provido na cadeira de therapeutica cirurgica, instituida naquella occasião; e ao mesmo tempo expediram-se as ordens convenientes para que o novo professor fosse graduado e considerado lente de Medicina, como já se tinha practicado com o dr. José Correia Picanço. Foi-lhe conferido o gráu de doutor em 27 de outubro d'aquelle anno, e desde então gosou das prerogativas que tinham os lentes da Faculdade. Na promoção de 7 de novembro de 1787 obteve o augmento de cincoenta mil réis no ordenado. Em 4 de abril de 1795 foi egualado nos proventos a lente de prima já em attenção aos seus serviços de 12 annos, já em premio de compôr duas partes d'um compendio. E como na mesma data se mandasse suspender o exercicio da cadeira de therapeutica cirurgica, passou a reger a primeira de practica, e nella continuou até 1798. Falleceu no decurso do terceiro quartel d'este mesmo anno segundo consta das folhas dos ordenados.

Foi-lhe incumbida a composição d'um compendio de therapeutica cirurgica. Apresentou a primeira e segunda parte da obra, e ambas foram approvadas pela Faculdade em congregação de 12 de dezembro de 1789, e mandadas adoptar nas aulas por aviso regio, de que ficou noticia na acta da sessão de 8 de maio do anno seguinte.

LUIZ JOSÉ DE FIGUEIREDO E SOUZA

Foi natural de Coimbra, e filho de Antonio José de Figueiredo. Applicou-se ao estudo da Medicina; nella concluiu formatura e aspirou a mais elevada graduação. Pelo que hoje se pode conjecturar parece que a respectiva Faculdade o não acolheu de bom grado no sexto anno. Depois do acto de conclusões magnas, fez exame privado em 25 de maio de 1785, e ficou reprovado. Assis-

tiu a todo o acto o cancellario da Universidade D. Lourenço da Virgem Maria, e na segunda lição esteve presente o reformador reitor principal Mendonça. Ambos presidiram ao escrutinio e regularam os votos, mas não quizeram assignar o termo da votação. Bons padrinhos teve o candidato junto do Governo; apesar de reprovado foi mandado graduar sem dependencia de novo exame por carta regia de 12 de setembro de 1786. Effectivamente em 11 de outubro immediato recebeu o grau de doutor com as solemnidades do estylo. E não parou aqui o favor real. No despacho de 7 de novembro de 1787 foi o dr. Luiz José de Figueiredo nomeado primeiro substituto ordinario, preterindo-se por este modo e sem motivo justificavel a antiguidade d'outros oppositores. É de presumir que não houvesse bom accordo entre os vogaes da Faculdade e o novo substituto. É certo que este alcançou a jubilação com o ordenado, que recebia, em 24 de janeiro de 1791, quando contava pouco mais de tres annos de serviço. Mais tarde requereu que lhe fosse mudada a jubilação para uma cadeira maior, e conseguiu por carta regia de 2 de agosto de 1805 ser elevado á cathedra de lente de Aphorismos com o ordenado de 400\$000 réis. Não consta que fizesse serviços litterarios dignos de tão grandes mercês; d'onde se collige que tinha junto do Governo protecções para lhe grangearer ainda maiores favores.

Falleceu em 11 de fevereiro de 1833.

JOÃO FRANCISCO D'OLIVEIRA ALVES

Nasceu na Ilha da Madeira e foi filho de Domingos Alvares. Graduou-se em 3 de julho de 1785. Na promoção de 7 de novembro de 1787 teve a nomeação de segundo substituto. Das folhas dos ordenados não consta que fizesse serviço na Universidade, nem que lhe fosse contado vencimento algum; talvez deixasse o magisterio despeitado por se ver preterido.

JOÃO JOAQUIM GRAMACHO DA FONSECA

Em Leça da Palmeira nasceu o dr. João Joaquim Gramacho da Fonseca, e foi seu pae João Loureiro da Fonseca. Havendo cursado com distincção a Faculdade de Medicina, recebeu o gráu de doutor em 29 de julho de 1785. Conseguiu entrar para o collegio de S. Paulo, onde esteve como porcionista. No despacho de 7 de novembro de 1787 foi nomeado terceiro substituto ordinario. Passou a cathedratico em 6 de fevereiro de 1791. Nas successivas promoções foi melhorando de collocação até que lhe coube o lugar de lente de prima com exercicio na segunda cadeira de practica em 20 de junho de 1806. O dr. Gramacho teve em Coimbra mercedos creditos como medico, e gosou de grande reputação na Universidade. Nos ultimos annos da sua vida substituiu o prelado todas as vezes que este se ausentava. Em 6 de março de 1811 participou o vice-reitor ao Governo o fallecimento do dr. Gramacho, a fim de se nomear quem dirigisse e inspeccionasse a Universidade na ausencia d'elle vice-reitor. Póde pois dizer-se que o fallecimento succedeu em principios de março d'aquelle anno.

JOÃO DE CAMPOS NAVARRO

Desde a primitiva fundação da Universidade até aos tempos, que vão correndo, uma só vez aconteceu que cinco membros da mesma familia, irmãos no sangue e no ingenho, frequentassem os estudos universitarios, e subissem todos ao fastigio da mais elevada graduação academica. Foram estes os afamados irmãos Navarros, filhos de Sebastião Navarro de Andrade, naturaes de Guimarães. Doutorou-se um em Direito, outro em Philosophia e tres em Medicina. O mais velho dos tres medicos, e talvez de todos os irmãos, foi João de Campos Navarro, a quem se conferiu o gráu de doutor em 20 de julho de 1788.

Frequentava o anno de repetição quando por consenso unanime da Faculdade de Medicina foi nomeado demonstrador interino de

anotomia, nomeação que o Governo confirmou em 3 de abril de 1788. Proseguiu no serviço academico, e de demonstrador e secretario passou a sexto lente cathedratico, com exercicio na cadeira de anatomia, em 6 de fevereiro de 1791. Por carta regia de 19 de outubro de 1801 foi-lhe arbitrada, para si e para todos os lentes de anatomia que lhe succedessem, a gratificação de duzentos mil réis annuaes. Parece que não lhe foram remunerados em tempo competente os serviços que prestou nas demonstrações. Ao menos assim o persuade o aviso regio de 13 de março de 1804, que lhe mandou pagar os ordenados de demonstrador.

Na promoção de 20 de junho de 1806 coube-lhe o logar de segundo lente da Faculdade com exercicio na primeira cadeira de practica, e pelo fallecimento do dr. Gramacho subiu a lente de prima em 29 de julho de 1812. Em dia egual do anno immediato foi-lhe concedido que accumulasse com o ordenado a pensão de duzentos mil réis, que havia recebido enquanto regera a cadeira de anatomia, e que a pensão lhe fosse contada desde 1805, em que passára para a primeira cadeira de clinica. Nunca antes nem depois houve outro lente de Medicina que auferisse da Universidade tantos proventos.

Quando teve logar a aclamação d'el-rei D. João VI foi por parte do corpo cathedratico felicitar o monarcha ao Rio de Janeiro, onde o detiveram as funcções de medico do paço, e de lá renunciou em 1818 o cargo de director em seu irmão o dr. Joaquim Navarro, que occupava na Faculdade o logar de lente de vespera com honras de primario. De volta para o reino obteve a jubilação em 15 de junho de 1822.

O dr. João de Campos Navarro gosou de grande e bem fundada reputação como medico e como operador. Foi brilhante ornamento não só da Faculdade de Medicina, mas da Universidade. Por isso bem cabidas foram as honras e mercês que o soberano lhe concedeu. Entre outras teve o titulo de Barão de Sande.

Segundo pude averiguar no cartorio da antiga Junta da fazenda recebeu os ordenados pela Universidade até março de 1836. Passou depois a ser pago pelo thesouro, aonde as minhas investigações o não poderam seguir. Assevera F. A. Martins Bastos¹ que fallecera em março de 1858.

¹ *Nobiliarchia Medica*, pag. 62.

Não sei que deixasse obras impressas ou manuscriptas a não ser a dissertação inaugural, que existe na bibliotheca da Universidade, e da qual faço extensa citação a pag. 145.

JOAQUIM NAVARRO DE ANDRADE

Foi irmão e condiscipulo de João de Campos Navarro. Com elle frequentou os preparatorios e todo o curso medico, e recebeu com elle o gráu de doutor em 20 de julho de 1788. Entrou logo a servir como substituto extraordinario, e em 6 de fevereiro de 1791 teve o despacho de septimo lente cathedratico com exercicio na cadeira de Instituições. Foi subindo na escala da Faculdade, e em 19 de outubro de 1801 ficou igualado a quarto lente com exercicio na cadeira de Aphorismos, em que permaneceu até jubilar. Na promoção de 29 de julho de 1812 coube-lhe o logar de lente de vespera¹. A carta regia que lhe confere a nomeação qualifica de *muito distinctos* os seus serviços no magisterio. Em 11 de outubro de 1817 foi igualado em honras e proventos a lente de prima por haver recitado a oração latina nas exequias da Rainha D. Maria I. Ao cabo de trinta e um annos de assíduos serviços, que exaltaram a Universidade e deram vivo esplendor á Faculdade de Medicina, obteve a jubilação em 15 de junho de 1822. Viveu nove annos em descanso das lidas academicas, e veiu a fallecer em 18 de junho de 1831.

O dr. Joaquim Navarro de Andrade, considerado como theorico e eloquente, sobresahe entre os principaes professores que se têm sentado nas cadeiras universitarias. Os contemporaneos distinguiram-no chamando-lhe por antonomasia *Lingua de Prata*. Pena é que de tão abalisado ingenho pouco mais ficasse para lhe perpetuar a memoria do que a tradição que ainda hoje permanece viva na Universidade.

Alem da dissertação inaugural, que se conserva manuscripta na

¹ Em 29 de julho de 1812 sómente foi assignado o despacho de promoção para os dous irmãos Navarros ; para os outros vogaes da Faculdade teve logar em 29 de julho do anno immediato.

bibliotheca, escreveu — *Distributio Methodica interpretandorum Aphorismorum Hippocratis, etc.* obra, que serviu de compendio aos alumnos do quarto anno medico, e uma *Carta apologetica e analytica*, de que achei noticia no *Diccionario Bibliographico* do sr. I. F. da Silva.

BENTO JOAQUIM DE LEMOS

Nasceu em Coimbra, e foi seu pae Antonio de Lemos e Almeida. Em 31 de julho de 1788 recebeu o gráu de doutor, e logo no anno immediato começou a servir como substituto extraordinario, e teve o despacho de primeiro substituto ordinario em 6 de fevereiro de 1791. Na promoção de 13 de março de 1798 subiu a sexto lente cathedratico com exercicio na primeira cadeira de practica. Nella foi jubilado com o ordenado e honras de quarto lente em 20 de junho de 1806, «em attenção ás suas molestias.» Apesar de jubilado, acudiu muitas vezes ás necessidades do serviço, argumentando nos actos e exames privados. Em 1823 requereu melhora na jubilação. O governo, «attendendo aos seus serviços e «a ter jubilado com antecipação em quarto lente» mandou que fosse igualado a lente de prima por carta regia de 8 de agosto d'aquelle anno. O dr. Bento Joaquim de Lemos foi comprehendido na demissão dos lentes realistas, em 15 de julho de 1834; mas, por decreto de 3 de junho de 1840 entrou novamente no goso da jubilação que lhe havia sido concedida. Falleceu, segundo informações, que obtive, em 17 de junho de 1847.

RICARDO TEIXEIRA MACONELLI

Na Irlanda dizem os termos das matriculas que nascera Ricardo Teixeira Maconelli, filho de Guilherme Maconelli. Frequentou com distincção o curso ordinario de Medicina na Universidade de Coimbra; e como se mostrasse digno de mais elevada graduação, foi-lhe conferido o gráu de doutor em 29 de julho de

1788. No anno seguinte foi nomeado substituto extraordinario, e teve o despacho de ordinario em 6 de fevereiro de 1791. Na promoção de 4 de abril de 1795 não passou a cathedratico por falta de logares, mas augmentaram-lhe o ordenado de substituto com a ajuda de custo de cem mil réis annuaes. Comquanto sejam indubitaveis os despachos que deixo referidos, nas folhas dos ordenados não se encontra este professor contado com os respectivos vencimentos.

ANTONIO GOMES DA SILVA PINHEIRO

Em 13 de julho de 1792 foi graduado Antonio Gomes da Silva Pinheiro, filho d'outro, natural de Arouca. Na congregação final d'aquelle anno obteve a nomeação de substituto extraordinario, e em 4 de abril de 1795 passou a demonstrador de anatomia. No anno seguinte subiu a substituto ordinario por carta regia de 17 de novembro. Pediu e alcançou do Governo licença para tractar da sua saude nas Caldas da Rainha desde junho até novembro de 1796. Em epocha igual do anno immediato foi encarregado da administração do hospital d'aquella villa, onde continuou assistindo. Expediram-se as ordens necessarias em 29 de abril de 1799 para ser contado na classe de substituto e como se fosse presente na Universidade, em quanto tivesse a seu cargo «a administração e regulamento do hospital das Caldas.» Jubilou em 4 de maio de 1800 com o ordenado que tinha de substituto a fim de continuar a servir naquelle hospital.

ANTONIO JOSÉ DE MIRANDA E ALMEIDA

Nasceu em Olivença o dr. Antonio José de Miranda e Almeida, e foi filho de Thomaz José de Miranda. Frequentou com distincção a Faculdade de Medicina, na qual recebeu o gráu de doutor em 13 de julho de 1792. Foi logo nomeado pela congregação substituto extraordinario, e exerceu por tres annos o cargo de secre-

tario. Coube-lhe o despacho de demonstrador de anatomia em 4 de abril de 1795. Passou a substituto ordinario em 14 de julho de 1797.

Por aviso de 29 de maio de 1799 mandou o Governo que se lhe descontassem no ordenado doze mil réis mensaes para serem entregues a sua mulher D. Marianna Magalhães Mexia Macedo Bulhões, que se tinha recolhido a uma casa religiosa. O procedimento inaudito do dr. Miranda para com sua esposa tornou o seu nome de triste celebridade entre os contemporaneos.

Na promoção de 4 de maio de 1800 sahi despachado physico-mór do Estado da India. Como pelo mesmo tempo se instituisse em Gôa uma eschola de Medicina, accumulou o dr. Miranda o cargo de physico-mór com o de professor. A carta de jubilação, que lhe foi concedida em 19 de fevereiro de 1816 com o ordenado de oitocentos mil réis, diz que se houve com muito zêlo na regencia da cadeira. Do ordenado com que jubilou se deduziu o subsidio para sustento de sua esposa. Sobre este particular procedeu o Governo com muito cuidado; quando em 3 de fevereiro de 1817 foi remettida para Gôa em segunda via a carta de jubilação, não esqueceu tornar muito explicita a clausula do desconto em beneficio D. Marianna Magalhães. Conjecturo que voltou ao reino em 1820 pouco mais ou menos. A jubilação foi-lhe confirmada por aviso das côrtes de 22 de abril de 1822. D'esta epocha em diante acham-se noticias de ter por vezes requerido que se lhe pagassem alguns vencimentos. Das folhas dos ordenados consta que fallecera em maio de 1833.

Se os dotes de bom coração correspondessem no dr. Antonio José de Miranda e Almeida á elevação da sua intelligencia, jámais teria sahido para a India, e os fastos universitarios registariam o seu nome na lista dos mais distinctos professores.

ANTONIO IGNACIO GONÇALVES FORTE

Foi natural de Coimbra e filho de João Dias Forte. Dedicou-se ao estudo da Medicina e nesta faculdade recebeu o gráu de doutor em 17 de maio de 1795. Logo na congregação de 15 de julho

foi escolhido para secretario da Faculdade, cargo que exerceu por tres annos. No principio de 1797 teve o despacho de demonstrador de materia medica. Por aviso de 5 de fevereiro do mesmo anno foi nomeado com o dr. Castilho inspector dos hospitaes militares ás ordens do physico-mór nas provincias do Alemtejo e Beira. Foi encarregado da inspecção do hospital militar estabelecido em Xabregas sem prejuizo dos despachos que lhe devessem competir na Universidade. Por graça especial obteve a jubilação na classe de substituto ordinario em 12 de agosto de 1800, devendo ser-lhe contada a jubilação desde 4 de maio do mesmo anno.

JOSE DIOGO DA ROCHA

Nasceu em Coimbra o dr. José Diogo da Rocha, e foi seu pae José da Rocha. Coursou a Faculdade de Medicina, e obteve o grau de doutor em 9 de julho de 1793. Exerceu o cargo de fiscal por espaço de tres annos, e por carta regia de 17 de novembro de 1795 foi despachado demonstrador de anatomia. Na promoção de 13 de março de 1798 passou a substituto ordinario. Não chegou a ter o despacho de cathedratico; falleceu no 1.º de julho de 1805.

ANTONIO JOAQUIM NOGUEIRA DA GAMA

Na villa de S. João d'El-rei nasceu o dr. Antonio Joaquim Nogueira da Gama; foi filho de Nicolau Antonio Coelho. Frequentou os estudos medicos até receber o grau de doutor, o que teve logar em 31 de maio de 1795. Serviu por algum tempo de secretario da Faculdade, e na promoção de 13 de março de 1797 teve o despacho de demonstrador de anatomia. Não logrou mais elevada cathegoria no quadro da Faculdade, porque a morte o arrebatou antes da promoção de 4 de maio de 1800.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

Estudou Medicina, e nesta sciencia recebeu o grau de doutor em 14 de junho de 1795, José Feliciano de Castilho, filho de José Barreto de Castilho, natural d'Aguim. Era ainda oppositor, quando por aviso do Principe Regente foi nomeado, em 5 de fevereiro de 1797, inspector dos hospitaes militares do Alemtejo e Beira ás ordens do physico-mór, sem prejuizo da antiguidade para os despachos que lhe competissem na Universidade. Serviu por muito tempo nos hospitaes militares. Do que por lá passou escreveu larga noticia, que mais tarde inseriu no *Jornal de Coimbra*. Em 4 de maio de 1800 foi despachado substituto ordinario; e, como proseguisse no desempenho da commissão de facultativo militar, em 25 de fevereiro de 1801 expediu-se ao prelado aviso regio para o considerar em antiguidade e vencimentos como se presente fosse na Universidade.

Na promoçãõ de 20 de junho de 1806 subiu o dr. José Feliciano de Castilho a quarto lente da Faculdade com exercicio na cadeira de Instituições. Teve o despacho de delegado do physico-mór em 15 de julho de 1809; mas logo em 10 de fevereiro do anno seguinte alcançou a exoneraçãõ do cargo, e veiu occupar-se no serviço universitario. Em 29 de julho de 1813 coube-lhe a nomeaçãõ de terceiro lente, e passou a reger a primeira cadeira de clinica. Exercitava os discipulos na practica da Medicina quando em Coimbra começaram a apparecer pasquins e publicações clandestinas contra o prelado e auctoridades constituidas. Houve suspeitas de que o dr. Castilho collaborasse nos *libellos famosos e papeis incendiarios espalhados na cidade*; isto bastou para que fosse suspenso e mandado julgar por aviso regio datado do Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1818. Sahiu absolvido da imputaçãõ; e o aviso de 7 de janeiro de 1820 mandou que se lhe pagassem todos os ordenados em debito. Continuou depois no serviço academico, e em 15 de junho de 1822 foi promovido a lente de prima com exercicio na segunda cadeira de practica.

Do zelo, com que o dr. Castilho administrava os negocios publicos a seu cargo, deu prova cabal em junho de 1823, quando por turno lhe pertenceu a directoria dos hospitaes. O cofre do estabe-

lecimento estava exausto; as dividas tinham augmentado consideravelmente; os credores recusavam abonar o fornecimento indispensavel para a alimentação dos doentes, e nestas circumstancias parecia inevitavel o caso extremo de se abandonarem os enfermos á caridade particular, visto que o prelado não attendia ás instantes requisições de providencias. O hospital da Universidade ter-se-hia fechado, se o dr. Castilho não obstasse a tal vergonha abonando do seu bolso para o custeamento das despesas a quantia de cincoenta mil réis. Quando o prelado teve conhecimento do facto, comprehendeu então a gravidade das circumstancias, e mandou subministrar do cofre academico os recursos necessarios para a manutenção dos doentes.

Emprehendeu o dr. Castilho de accordo com outros collegas a fundação do *Jornal de Coimbra*, redigido nesta cidade e impresso em Lisboa. No mesmo jornal de que foi assiduo collaborador estampou os seus escriptos. Não sei que divulgasse outros pela imprensa, a não ser uma *Memoria sobre as ilhas de Cabo Verde*, que sahiu posthuma, e de que tive noticia pelo *Diccionario Bibliographico*. Mas o dr. Castilho nem de tanto precisava para viver na posteridade. Levarão seu nome a idade remota o ingenho e instrucção de cinco filhos que deixou, a quem as letras patrias devem serviços assignalados. Falleceu em 3 de março de 1827.

FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA LOUREIRO

Diz um esmerado cultor das letras portuguezas ¹ que do dr. Manuel de Souza Loureiro e de D. Thereza Victoria de Souza nascera em Coimbra Francisco José de Souza Loureiro a 20 de setembro de 1772. Graduou-se em Medicina em 28 de junho de 1795, e pouco tempo depois começou a reger uma das cadeiras de practica como substituto extraordinario. Passou a ordinario em 4 de maio de 1800, e na promoção de 20 de junho de 1806 coube-lhe o quinto lugar de cathedratico com exercicio na cadeira de materia medica. Em 15 de julho de 1809 foi despa-

¹ O sr. Rodrigues de Gusmão nas *Memorias Biographicas*, pag. 148.

chado delegado do physico-mór. Em 10 de fevereiro do anno seguinte exonerou-se do cargo para continuar no serviço universitario. Subiu a quarto lente no despacho de 29 de julho de 1813, e mudou para a cadeira de Instituições, que regeu até lhe competir o logar de lente de vespera em 15 de junho de 1822, e passou então para a regencia da primeira cadeira de clinica.

Não lograram os alumnos do quinto anno as lições da esclarecida practica do dr. Loureiro, porque em 10 de julho immediato foi nomeado mestre do Infante D. Miguel, e logo por carta regia de 9 de outubro obteve a jubilação como professor da primeira cadeira de practica. Quando sabiu da Universidade para se encarregar da instrução do Infante, deram-lhe as honras de medico da Casa Real e de physico-mór do reino; arbitraram-lhe o ordenado de dous contos de réis, pagos pela casa do infantado, e alem d'isso expediu-se ordem ao Marquez de Loulé, estribeiro mór, para lhe destinar sege effectiva e um cavallo. Annos depois, em 26 de março de 1830, conseguiu a jubilação na segunda cadeira de practica com honras e privilegios de lente de prima. Continuou vivendo em Lisboa, onde falleceu em 19 de outubro de 1844.

Na capital não passou o dr. Loureiro vida ociosa. Foi director geral da Academia de Bellas Artes, e membro do Conservatorio. Dos serviços que prestára a uma e outra instituição, achamos vestigios entre as poucas producções que deu á estampa. Escreveu tambem durante a jubilação um opusculo de doze paginas, em que pretendeu demonstrar que certos preparados de quina são preferiveis ao sulfato de quinina ¹.

PEDRO JOAQUIM DA COSTA FRANCO

Foi natural de Angra e filho de Ignacio Xavier da Costa Franco. Obteve o grau de doutor em 2 de outubro de 1796, e começou logo a occupar-se no magisterio e a supprir a falta dos doutores, que da Universidade tinham sido chamados para servirem nos hospitaes do exercito. Em 4 de maio de 1800 teve o dr.

¹ Veja-se a biographia do dr. Loureiro pelo sr. Rodrigues de Gusmão na obra citada.

Pedro Joaquim da Costa Franco o despacho de demonstrador de materia medica, e em 20 de junho de 1806 passou a primeiro substituto ordinario. Neste despacho ficou preterida a sua antiguidade, porque, segundo a lei e as praxes estabelecidas, competia-lhe o lugar de sexto lente cathedratico. Emendou-se o engano, ou melhor o proposito, na promoção de 29 de julho de 1813, em que foi elevado a quinto lente com exercicio na cadeira de materia medica. Na regencia d'esta cadeira se conservou até o segundo quartel do anno de 1818, em que falleceu.

FRANCISCO SOARES FRANCO

Este insigne professor da Faculdade de Medicina nasceu em Loires, e foi seu pae Francisco Soares. Amparado pela Casa Pia pôde applicar-se ao estudo das sciencias. Houve-se com tal distincção nos cursos universitarios, que as tres faculdades em que se matriculou todas lhe galardoaram o merecimento. Finalmente o grau de doutor em Medicina, que lhe foi conferido em 13 de fevereiro de 1797, habilitou-o para mais gloriosos triumphos nas cadeiras da Universidade.

Revelára o dr. Soares Franco durante o curso medico decidida vocação para os estudos anatomicos. Bem cabida foi portanto a nomeação de demonstrador de anatomia, que lhe abriu a entrada para o quadro da Faculdade no despacho geral de 4 de maio de 1800. Grangeou taes creditos como demonstrador, que o governo, attendendo ao seu merito especial e ás conveniencias do ensino, não hesitou em o tornar successor, na cadeira de anatomia, do insigne anatomico o dr. João de Campos Navarro, de quem Soares Franco fôra discipulo predilecto. Por tanto, em 20 de junho de 1806 foi declarado sexto lente com exercicio na cadeira de anatomia, preterindo d'este modo a antiguidade do dr. Pedro Joaquim da Costa Franco. Conservou o lugar de sexto lente na promoção de 29 de julho de 1813; mas por carta regia de 20 de novembro de 1816 foi igualado a quinto lente, e em 15 de junho de 1822 passou para o terceiro lugar da Faculdade, e nesse exerceu o cargo de director.

Quando os serviços de vinte e tres annos, prestados no magisterio, no parlamento e na imprensa, lhe davam incontestavel direito á estima do publico e recompensa do governo, foi arbitrariamente jubilado com metade do ordenado por carta regia de 9 de outubro de 1823, e excluido da directoria *por não convir que continuasse na Universidade*. Os excessos partidarios davam por aquelle tempo nestes desvarios; mas a bondade do soberano remediou felizmente a taes desacertos, e o dr. Soares Franco obteve a jubilação de terceiro lente com o ordenado por inteiro por carta regia de 13 de outubro de 1825. Depois de jubilado viveu quasi sempre em Lisboa, onde lhe não faltaram occupações em serviço publico, e onde falleceu em 28 de fevereiro de 1844.

No magisterio grangeou o dr. Soares Franco optimos creditos; como escriptor nenhum collega do seu tempo o excedeu. Veja-se no *Diccionario Bibliographico* a lista das suas producções em bellas lettras, agricultura, politica e medicina. D'esta sciencia escreveu:

Elementos de Anatomia, 2 volumes, obra que por muitos annos serviu de texto nas aulas de Coimbra, Lisboa e Porto;

Memoria sobre a identidade do systema muscular na economia animal. Foi publicada no tomo v, parte II das *Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa*;

Sobre o grau de certeza que ha na Medicina practica. Sahiu no tomo III do *Jornal das Sciencias Medicas*, onde publicou outros artigos.

Pertenceu á commissão nomeada por decreto de 6 de outubro de 1838 para organizar uma nova pharmacopeia geral do reino. Foi talvez o vogal que mais trabalhou, e por isso teve grande parte na obra seguinte:

Pharmacopœa Lusitana, composta pela Commissão creada por decreto da Rainha Fidelissima D. Maria II em 6 de outubro de 1838. Lisboa, 1841.

EMYGDIO MANUEL VICTORIO DA COSTA

Nasceu em Coimbra em 22 de março de 1769, segundo affirma o sr. Rodrigues de Gusmão, e foi seu pae José Victorio da Costa.

Applicou-se ao estudo da Medicina, na qual recebeu o grau de doutor em 21 de dezembro de 1797.

A carta regia de 23 de junho de 1804 creou tres logares de ajudantes de clinica para serem providos em oppositores de Medicina. O dr. Emygdio Manuel Victorio da Costa, que se propunha seguir o magisterio na Universidade, foi provido no primeiro d'aquelles logares, como o mais antigo oppositor. Pouco tempo o serviu; na promoção de 20 de junho de 1806 entrou para o mesmo logar outro oppositor, e o nome do dr. Victorio da Costa não mais apparece desde então nos registros universitarios. Entregou-se á clinica, e foi por muitos annos medico do partido de Soure, onde falleceu a 30 de novembro de 1848.

Escreveu alguns artigos no *Jornal de Coimbra*, e deixou manuscripta a seguinte obra, que sahiu publicada depois da sua morte por diligencia de seu filho, o dr. Adolpho Manuel Victorio da Costa :

Apontamentos sobre a cholera-morbus epidemica na sua invasão em Portugal, etc. Rio de Janeiro, 1855. A obra é precedida d'um proemio, escripto pelo dr. Adolpho, em que se demonstra que á palavra cholera-morbus na lingua portugueza compete o genero feminino. É digno de se ler o proemio: se fora mais conhecido, raros ou nenhuns escriptores portuguezes attribuiriam á palavra cholera-morbus o genero masculino.

ANTONIO JOAQUIM DE ANDRADE

Em 21 de dezembro de 1797 recebeu o grau de doutor em Medicina Antonio Joaquim de Andrade, filho de Antonio Marques de Andrade, natural de Coimbra. Em 23 de junho de 1804 foi despachado ajudante de clinica com exercicio no hospital dos lazarus. Serviu de clinico neste hospital desde 8 de agosto de 1798, e continuou até 11 de dezembro de 1804. Arbitraram-lhe por tal serviço a gratificação de sessenta mil réis. Pelos fins do anno de 1804 foi a Lisboa em commissão para tractar dos negocios respectivos aos lazarus, e por isso lhe mandou o governo abonar o ordenado como se presente estivesse em Coimbra. Foi-lhe con-

cedida em 14 de outubro de 1806 uma tença de trinta mil réis annuaes, e deixou de servir nos estabelecimentos da Universidade.

Falleceu em novembro de 1810.

MANUEL PEREIRA DA GRAÇA

Foi natural de Macinhata do Vouga, antiga comarca de Aveiro, e filho de José Pereira da Graça. Obteve o grau de doutor em Medicina em 6 de maio de 1798; e como aspirava ás cadeiras da Universidade, acceitou o despacho de ajudante de clinica em 23 de junho de 1804. O seu nome não apparece mencionado nas promoções ulteriores. Consta, segundo diz o sr. I. F. da Silva no *Diccionario Bibliographico*, que fallecera na Ilha da Madeira no primeiro quartel d'este seculo. Escreveu:

Tractado da diabetes, a que se juntam observações do beneficio das aguas enxofradas naturaes nesta doença; e dous processos faceis um para obter estas aguas artificialmente, e outro para fabricar as ferreas etc. Lisboa, Typ. Lacerdina.

Supplementum in Brunonis theoriam. Lisboa, 1803.

JERONYMO JOAQUIM DE FIGUEIREDO

Nasceu na Muxagata o dr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo, e foi filho de José de Figueiredo. Dedicou-se ao estudo da Medicina, e frequentou-a nos cursos universitarios com grande aproveitamento. Em 7 de julho de 1799 concluiu a carreira academica recebendo o gráu de doutor.

Na Faculdade de Medicina, a cujos cadeiras aspirava, havia oppositores mais antigos no gráu, que lhe disputavam a preferencia no despacho; era porem tão notorio o seu merecimento, que o Governo preteriu a antiguidade de tres oppositores, e deu o lugar de segundo substituto ordinario ao dr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo na promoção de 20 de junho de 1806. Por desaseis

annos occupou o logar de substituto, e durante este tempo teve occasião de prestar relevantes serviços, sendo de todos o mais assignalado o que desempenhou como director dos hospitaes na mortifera epidemia que se desenvolveu em Coimbra no principio de agosto de 1809. Applicou-se então pela primeira vez em Portugal o chloro como desinfectante. De accordo com o dr. Thomé Rodrigues Sobral, que em tal conjunctura lhe prestára grande auxilio, redigiu o *Diario das operações que se fizeram em Coimbra a fim de se atalharem os progressos do contagio que nesta cidade se declarou em agosto de 1809*. Publicou-se este *Diario* no *Jornal de Coimbra*, de que o dr. Figueiredo foi collaborador, e talvez fundador.

Nem sempre lhe correu prospera a fortuna. Quando em Coimbra appareceram os *pasquins e papeis incendiarios*, que deram motivo para se perseguir o dr. Castilho, tambem o dr. Figueiredo foi suspenso e involvido no mesmo processo. Sahiu absolvido, e todos os ordenados lhe foram depois satisfeitos por aviso de 7 de janeiro de 1820. O logar de cathedratico só lhe veiu a pertencer na promoção de 15 de junho de 1822, em que passou a quarto lente com exercicio na cadeira de materia medica. Subiu a segundo lente em 26 de agosto de 1825. Sendo escolhido pelo Claustro Universitário para ir a Lisboa com outros collegas felicitar o Infante D. Miguel pelo seu regresso de Vienna de Austria, foi assassinado proximo de Condeixa na manhã de 18 de março de 1828.

Alem dos artigos publicados no *Jornal de Coimbra*, compoz o dr. Figueiredo a bem conhecida

Flora pharmaceutica e alimentar portugueza, ou tractado d'aquelles vegetaes indigenas de Portugal, e outros nelle cultivados, cujos productos são usados ou susceptiveis de se usar como alimentos e remedios, etc. Lisboa. Typ. da Academia Real das Sciencias, 1825.

ANGELO FERREIRA DINIZ

Em 2 de outubro de 1768 nasceu no Rio de Janeiro o dr. Angelo Ferreira Diniz. Foram seus paes Sebastião Francisco da Rosa e D. Theresa da Assumpção Vieira, naturaes da Aldeia de

Santa Luzia, na Ilha do Pico. Estudou humanidades no seminario episcopal de S. José do Rio, e em 22 de junho de 1790 aportou em Lisboa com o intento de seguir no reino os estudos superiores¹.

Com bons credits frequentou a Faculdade de Medicina, e nella recebeu o gráu de doutor em 14 de julho de 1799. Resolvido a seguir o magisterio, fixou a sua residencia em Coimbra, e começou logo a prestar bons serviços na Universidade. Em 20 de junho de 1806 foi despachado terceiro substituto ordinario, preterindo a tres doutores mais antigos no gráu, e que tinham servido no hospital. Dezeseis annos esteve na classe de substituto, e em tão longo intervallo raro deixou de ter serviço effectivo. Sobrevieram pelo mesmo tempo acontecimentos extraordinarios, em que o dr. Diniz, como funcionario e como medico, se tornou digno de reconhecimento publico. Coimbra e os seus arredores deveram-lhe muito, já pela dedicação com que se houve na epidemia de 1809, já pela perseverança com que se applicou a diffundir pelos povos os beneficios da vaccina².

Em 1812 emprehendeu com o seu collega dr. Castilho a fundação do *Jornal de Coimbra*. Neste *jornal*³ noticiou o dr. Castilho que por fins de 1814 dera o dr. Angelo Ferreira Diniz uma queda tão desastrada, que fracturara a clavícula esquerda e estivera algumas horas sem sentidos e muitas sem memoria. Convalesceu d'este perigoso accidente, e proseguiu depois nas suas occupações academicas. Lidava cuidadoso no serviço universitario, quando veio do Rio de Janeiro o aviso regio de 24 de setembro de 1818, que o mandou suspender e julgar, assim como aos drs. Castilho e Figueiredo, pelos *libellos famosos e papeis incendiarios espalhados na cidade*. Teve parte igual nas desventuras com os collegas, e como elles foi absolvido e recebeu os ordenados por inteiro.

Na promoção de 15 de junho de 1822 subiu a cathedraticeo; occupou o quinto logar com exercicio na primeira cadeira de practica. Coube-lhe a nomeação de terceiro lente em 26 de agosto de 1825, e a de lente de prima em 31 de julho de 1830. Tinha

¹ Tirei estas noticias da biographia do dr. Angelo Ferreira Diniz, escripta pelo sr. Rodrigues de Gusmão na obra citada.

² Sobre este particular veja-se o que diz o sr. Rodrigues de Gusmão, e o dr. Antonio de Almeida nos *Annaes Vaccinicos de Portugal* no tomo IV parte II das Mem. da Acad. Real das Sciencias.

³ No numero 34, pag. 195.

chegado á mais elevada cathegoria no magisterio quando por decreto de 15 de julho de 1834 foi despedido da Universidade sem contemplação pelos seus serviços de trinta annos. Viveu por muito tempo retirado de Coimbra numa propriedade que possuia em Rios Frios. Voltou para a cidade em 1843, e nella veiu a fallecer em 20 de abril de 1848.

O dr. Angelo Ferreira Diniz escreveu no *Jornal de Coimbra* muitos artigos; e são as unicas producções que imprimiu. Deixou os manuscriptos de que fallámos a pagina 164 e seguintes, que representam o cabedal de muitas lucubrações.

ANTONIO D'ALMEIDA CALDAS

De Sendim, pertencente outr'ora á comarca de Trancoso, foi natural o dr. Antonio d'Almeida Caldas, filho d'Antonio de Almeida Moraes. Coursou Medicina, e nella veiu a receber o gráu de doutor em 14 de julho de 1799. Na promoção de 20 de junho de 1806 obteve o primeiro logar de ajudante de clinica nos hospitaes da Universidade. Durante a invasão franceza passou a servir nos hospitaes militares estabelecidos em Coimbra. Nesta commissão houve-se com tanto zêlo e actividade, que o Governo *em attenção aos seus prestantes serviços* lhe deu a nomeação de substituto extraordinario da Faculdade de Medicina por carta regia de 5 de outubro de 1810. Como estivesse completo o quadro da Faculdade, continuou em commissão junto do exercito, até que em 15 de junho de 1822 se effectuou nova promoção na Faculdade de Medicina. Por então convinha-lhe mais repousar de longas fadigas do que exhaurir debilitadas forças nas lidas do magisterio. Alcançou por tanto a jubilação com o ordenado, honras e prerogativas de substituto ordinario em recompensa do seu zêlo e bons serviços prestados em diversas commissões. Não chegou a gozar um mez da jubilação. Falleceu em 9 de julho de 1822.

JOSÉ CARLOS BARRETO

Em 6 de outubro de 1799 foi conferido o gráu de doutor em Medicina a José Carlos Barreto, filho de Diogo José Barreto, natural de Coimbra. Era oppositor quando foi convidado para servir nos hospitaes militares; e em attenção aos serviços que prestou como primeiro medico e delegado do physico-mór do exercito foi nomeado substituto extraordinario da Faculdade de Medicina por carta regia de 5 de outubro de 1810. Desempenhou varias commissões dentro e fóra de Coimbra, e recebeu sempre o ordenado que lhe competia da Universidade como se nella presente estivesse. Na promoção de 15 de junho de 1822 concederam-lhe a jubilação com o ordenado, honras e prerogativas de substituto ordinario em attenção ao seu «zêlo e serviços em varias commissões.» Falleceu em 18 de outubro de 1836, e foi sepultado na egreja do extinto collegio de Santo Antonio da Estrella.

ANTONIO DA CRUZ GUERREIRO

Foi filho de Gregorio da Cruz Guerreiro, natural de Lisboa. Tendo seguido na Universidade o curso de Medicina, veiu a graduar-se nesta sciencia em 6 de fevereiro de 1803. No despacho geral de 20 de junho de 1806 foi nomeado demonstrador de anatomia, logar de que tomou posse; quando porém estava a começar o anno lectivo em outubro de 1806, obteve licença para se ausentar da Universidade sem desconto do ordenado. Serviu como demonstrador no anno lectivo de 1808 para 1809, e pelos bons serviços que prestou recebeu a gratificação de cem mil réis arbitrada pela carta regia de 19 de outubro de 1801. Nas folhas dos ordenados achei a nota de que falleceu pelos fins de 1812.

LUIZ ANTONIO DA SILVA MALDONADO

Nasceu em Coimbra, e foi seu pae João Tenente Maldonado. Seguiu os estudos universitarios da Faculdade de Medicina, na qual se graduou em 31 de julho de 1804. Obteve o despacho de demonstrador de materia medica em 20 de junho de 1806. Falleceu, segundo consta das folhas dos ordenados, durante o segundo quartel de 1812.

Heleodoro Jacintho de Araujo Carneiro, natural de Coimbra, e Vicente Navarro de Andrade, natural de Guimarães, graduaram-se na Faculdade de Medicina, e foram mandados por ordem do governo em commissão scientifica a França e Inglaterra. Nunca fizeram parte da Faculdade, e por isso os não incluo na lista dos professores de Medicina. Sobre a commissão que lhes foi incumbida fiz extensa relação a pag. 116 e seguintes.

ANTONIO JOAQUIM DE CAMPOS

Em 31 de julho de 1804 foi conferido o grau de doutor em Medicina a Antonio Joaquim de Campos, filho de Francisco Manuel de Campos, natural de Tondella. Resolvido a seguir o magisterio na Universidade, inscreveu-se na lista dos oppositores. No despacho de 20 de junho de 1806 foi nomeado segundo ajudante de clinica. Largos annos permaneceu adstricto ao serviço clinico dos hospitaes. Na promoção geral de 15 de junho de 1822 subiu a sexto lente cathedratico com exercicio na cadeira de Aphorismos. Obteve a collocação de quarto lente em 26 de agosto de 1825; e não estava muito distante do primeiro logar da Faculdade quando foi despedido do serviço universitario e perseguido por constitucional. Seis annos esteve fóra do quadro do professo-

rado; mas depois do restabelecimento do governo liberal entrou novamente para o magisterio, e occupou desde então o lugar de lente de prima com exercicio na segunda cadeira de practica. Proseguiu no desempenho do serviço academico até o momento em que foi tomado d'um insulto apoplectico, de que falleceu em 2 de fevereiro de 1853.

Foi o dr. Campos acerrimo defensor das praxes medicas traditionaes. As innovações clinicas fundadas em principios especulativos não o fascinavam nem o demoviam das prescripções estabelecidas pela experiencia. Quando a doutrina de Broussais ganhava proselytos em Portugal, o dr. Campos oppoz-lhe nas aulas de practica energica resistencia. Á cabeceira dos doentes demonstrou aos alumnos o perigo de se deixarem levar pelos attractivos d'aquella doutrina. O exercicio medico de muitos annos tornara-o practico consummado. Ainda hoje se contam muitos casos sobre a pericia com que acertara no diagnostico e therapeutica de enfermidades, para que outros medicos tinham applicado em vão assiduos cuidados.

JOAQUIM XAVIER DA SILVA

Nasceu em Coimbra, e foi seu pae André Xavier da Silva. Currou a Faculdade de Medicina, e nella recebeu o grau de doutor em 31 de julho de 1804. Obteve o despacho de ajudante de clinica para o hospital dos Lazaros em 20 de julho de 1806. No anno seguinte foi encarregado d'uma commissão medica em Lisboa, em que se occupou desde o principio de julho de 1807 até 27 de fevereiro de 1810. Voltou a Coimbra para continuar no serviço clinico. Nas folhas de 1813 acha-se a nota de que é duvidoso o vencimento de 200\$000 réis que lhe foram contados como clinico, e não mais apparece mencionado nas folhas seguintes.

JOÃO ALBERTO PEREIRA DE AZEVEDO

Em 30 de março de 1782 nasceu na villa de Alvaiazere o dr. João Alberto Pereira de Azevedo. Foram seus paes João Alberto de Azevedo Camello e D. Maria Victoria de Azevedo Pereira.

Cursou humanidades no seminario de Sernache do Bomjardim; e, applicando-se em Coimbra aos estudos superiores, concluiu formatura em Medicina nos fins de julho de 1805. Habilitavam-no para mais elevada graduação os premios pecuniarios que por vezes recebera, e as distinctas qualificações que obtivera ao terminar o curso academico. Matriculou-se pois no sexto anno, e proseguia nos preparativos para os actos de conclusões magnas e de licenciado, quando a invasão franceza lhe veiu embargar o proposito. Arrumou os livros, e concentrou os seus desvelos na defesa da patria. Nesta conjunctura prestou valiosos serviços, já coope-rando nos aprestos de varias munições de guerra dentro e fóra do laboratorio chimico da Universidade, já tomando sobre si o encargo de tractar dos feridos e dirigir algumas enfermarias no hospital. Tão singular procedimento suscitou o aviso regio de 1 de dezembro de 1808, que mandou conferir gratuitamente o grau de doutor a João Alberto «em attenção ao seu merecimento literario e ao zelo com que se distinguira no serviço publico.» E como continuasse servindo nos hospitaes, foi dispensado do acto de conclusões magnas por ordem real de 11 de outubro de 1809. Fez exame de licenciado em 7 de junho de 1810, e tomou o grau de doutor em 31 de julho do mesmo anno.

Na promoção de 29 de julho de 1813 sahiu despachado ajudante de clinica. Neste logar serviu por nove annos, coadjuvando, sempre que foi mister, em outros serviços universitarios. Passou a primeiro substituto ordinario em 15 de junho de 1822, e em 26 de agosto de 1825 subiu a quinto lente com exercicio na cadeira de Instituições. Era apontado como digno successor do dr. Joaquim Navarro e claro ornamento da Universidade; mas estes titulos de gloria e os relevantes serviços de vinte annos não lhe evitaram a demissão, nem o desgosto de se ver perseguido, simplesmente porque professava em politica ideias de liberdade. Esteve pois demittido do serviço universitario durante os seis annos do

regimen absoluto. Restaurado porém o governo constitucional, foi reintegrado no logar que lhe pertencia na Faculdade de Medicina, e ficou desde logo considerado lente de vespera.

Depois da reforma dos estudos em 1836 deixou a cadeira de Instituições, e passou a reger a primeira de practica, onde ostentou os seus vastos conhecimentos theoreticos e practicos por espaço de dezoito annos. Subiu a primeiro lente pelo fallecimento do dr. Campos, e em lente de prima jubilou quando já contava para cima de trinta annos de bom e effectivo serviço no magisterio e perto de quarenta de funcionario probo e zeloso. Poucos annos gozou da jubilação; sahindo de Coimbra para a sua casa de Alvaizere, alli falleceu no dia 9 de agosto de 1858.

Foi o dr. João Alberto varão respeitabilissimo e dotado de todos os predicados que se requerem no magisterio, predicados que raras vezes se encontram juntos num só individuo. Empreheendeu trabalhos clinicos, que seriam glorioso padrão do seu nome e da eschola em que professou, se lograssem a publicidade pela imprensa. Escreveu e lançou em apontamentos materias para muitas monographias, mas apenas mandou estampar uma obra, que tem por titulo, *A Universidade em 1843*.

Se em vida mereceu as atenções de quantos o conheceram e tractaram, bem merecido foi tambem o tributo de amizade, com que a penna elegante d'um discipulo¹ lhe perpetuou a memoria alem do tumulo.

JOSÉ IGNACIO MONTEIRO LOPO

Nasceu em S. Martinho do Bispo, nas immediações de Coimbra, o dr. José Ignacio Monteiro Lopo, e foi seu pae Bernardo da Cruz Pegas. Coursou a Faculdade de Medicina, e nella completou formatura em julho de 1805. Aspirou ao gráu de doutor, e para o conseguir empenhou-se em profundar os arcanos da sciencia.

¹ O sr. F. A. Rodrigues de Gusmão, na biographia que escreveu a pag. 120 da obra já por vezes citada. Tanto o sr. Rodrigues de Gusmão como o jornal *O Conimbricense* mencionam o fallecimento no dia 10 de agosto de 1858. Da secretaria da Universidade consta que tivera logar no dia 9, como acima refiro.

cia. Veiu tomal-o nesta occupação a guerra da independencia. Forçoso foi interromper as lidas academicas e virar a attenção contra os invasores. Prestou bons serviços, principalmente nos hospitaes; e por isso mereceu ser dispensado do acto de conclusões magnas por aviso regio de 18 de junho de 1812. Fez exame privado em 11 de março de 1813, e em 9 de maio do mesmo anno recebeu o gráu de doutor.

Proseguiu desde então junto da Universidade, servindo como oppositor no impedimento dos lentes e substitutos effectivos. Em 15 de junho de 1822 teve o despacho de segundo substituto ordinario. Na promoção de 26 de agosto de 1825 ainda continuou na classe de substituto; mas, como pouco depois sobrevieram as dissensões politicas, que determinaram a demissão e perseguição dos lentes constitucionaes, subiu o dr. José Ignacio Monteiro Lopo a lente de vespera na promoção de 31 de julho de 1830. Vê-se portanto que seguiu em politica o partido realista, e por isso, depois do restabelecimento do governo da Rainha D. Maria II, foi comprehendido no decreto de demissão de 15 de julho de 1834. Resignado com as vicissitudes da politica passou na vida privada o resto de seus annos.

JOÃO BAPTISTA DE BARROS

Foi natural de Loulé, e filho de Pedro José de Barros. Concluiu formatura em Medicina em julho de 1813, e matriculou-se em seguida no anno de repetição para alcançar o gráu de doutor. Duas vezes lhe foi dado ponto para dissertação inaugural, porque duas vezes se matriculou no sexto anno. Obteve o gráu de doutor em 23 de julho de 1815. Na promoção de 15 de junho de 1822 teve o despacho de terceiro substituto ordinario.

A celebre *Junta expurgatoria*, creada por carta regia de 5 de dezembro de 1823, para averiguar quaes os lentes e oppositores que deviam ser excluidos da Universidade, decidiu que o dr. João Baptista de Barros estava no caso de ser despedido do magisterio por *insufficiencia litteraria*. Não obstante o parecer da *Junta* foi promovido a segundo substituto em 26 de agosto de 1825. Nesta promoção passou o dr. Carlos José Pinheiro de demonstrador de

anatomia a sexto lente cathedratico, ficando preteridos os dous substitutos ordinarios José Ignacio Monteiro Lopo e João Baptista de Barros. Requereu este «que lhe fosse desfeita a preterição» e conseguiu a promessa, por aviso de 14 de setembro de 1827, de que no primeiro despacho seria considerado primeiro substituto com honras e ordenado de sexto lente.

Encostou-se ao partido realista. Na promoção de 31 de julho de 1830 coube-lhe o lugar de terceiro lente cathedratico com exercicio na cadeira de materia medica. Quatro annos mais tarde, em 15 de julho de 1834, foi com outros collegas despedido da Universidade. Consta que na vida privada passara o resto de seus dias.

CARLOS JOSÉ PINHEIRO

Este notavel professor da Faculdade de Medicina foi filho de Luiz Pinheiro Lobo, e natural de Villa Rica, capitania de Minas Geraes, no Brazil.

Cursou com distincção os estudos medicos na Universidade, onde lhe foi conferido o gráu de doutor em Medicina e cirurgia em 28 de julho de 1816. Na promoção de 15 de junho de 1822 teve o despacho de demonstrador de anatomia. Apenas tomou conta do lugar, viu-se prosperar successivamente o theatro anatomico. Nas congregações de visita aos estabelecimentos teve o Conselho da Faculdade occasião de apreciar os serviços do dr. Carlos José Pinheiro, e por isso lhe rendeu merecidos louvores. A reputação, que por taes serviços grangeara, concorreu para que obtivesse a propriedade da cadeira de anatomia na promoção de 26 de agosto de 1825, preterindo a antiguidade de dous substitutos ordinarios.

Não era o dr. Pinheiro dos mais precatados em dizer por palavras o que lhe assomava ao pensamento; e porque fallava com pouco respeito e circumspecção sobre materias religiosas, foi comprehendido pela *Junta expurgatoria* na lista dos funcionarios que se deviam excluir da Universidade. Não tiveram seguimento as propostas da *Junta*; o dr. Pinheiro continuou a servir no magisterio, e como se inclinasse para o partido realista, alcançou a collocação de quarto lente no despacho de 31 de julho de 1830.

Em 1833 foi mandado em commissão a Aveiro para estudar e oppôr os remedios convenientes contra uma epidemia que naquella cidade se desenvolvera. Concorreu eficazmente para se debellar a epidemia, sobre a qual escreveu um relatorio que foi publicado por ordem superior. Sem embargo dos bons serviços que prestara como professor e assiduo cultor da sciencia, em 15 de julho de 1834 foi demittido do logar juntamente com outros lentes realistas. Viveu desde então em precarias circumstancias até que se finou em 21 de março de 1844.

Empenhou-se o dr. Carlos José Pinheiro em formar um gabinete de anatomia normal e pathologica, digno da Universidade e da Faculdade em que professava. Para conseguir o seu intento trabalhou doze annos sem interrupção, preparando por suas mãos mais de trezentas peças, que deixou no theatro anatomico bem dispostas e classificadas quando sahiu do professorado. Se florescesse em tempos menos agitados e continuasse a servir na cadeira que tão distinctamente regia, confirmaria por maiores e mais assignalados trabalhos, os creditos de grande anatomico e bom professor.

Alem do *Relatorio sobre a epidemia de Aveiro* publicou o seguinte:

Inventario Scientifico das peças e preparados do theatro anatomico, da Universidade de Coimbra. Na Real Imprensa da Universidade, 1829.

Elenchus lectionum Anatomies, artis obstetriciae, operationumque chirurgicarum, Conimbricae, MDCCCXXXI.

Offereceu á Academia Real das Sciencias tres memorias sobre pontos importantes de Medicina.

Por diligencia do sr. Rodrigues de Gusmão permittiu que se estampassem na *Gazeta Medica do Porto* as seguintes producções:

Topographia Medica do Logar da Cova no mez de agosto e parte de setembro de 1837.

*Ensaios sobre um novo modo de ligar a arteria, no aneurisma, segundo Asthley Cooper*¹.

¹ Veja-se a biographia d'este professor, escripta pelo sr. Rodrigues de Gusmão, na obra citada pag. 34 e seguintes.

AURELIANO PEREIRA FRAZÃO DE AGUIAR

Foi natural de Coimbra e filho do dr. Antonio José Francisco de Aguiar, conductario da antiga Faculdade de Medicina, e primeiro substituto das cadeiras de practica depois da Reforma por nomeação do Marquez de Pombal.

Foi conferida ao dr. Aureliano a suprema graduação academica no 1.º de junho de 1817. Na promoção geral de 15 de junho de 1822 alcançou o despacho de demonstrador de materia medica e pharmacia, e em 26 de agosto de 1825 passou a terceiro substituto ordinario. Durante as commoções politicas, que depois sobrevieram, pronunciou-se a favor das ideias legitimistas: continuou por tanto no magisterio, e na promoção de 31 de julho de 1830 subiu a quinto lente cathedratico com exercicio na cadeira de Instituições. Como triumphasse a causa da Rainha, e fosse restabelecido no reino o governo constitucional, deram-lhe a demissão em 15 de julho de 1834, e viveu depois retirado de Coimbra.

JOÃO LOPES DE MORAES

No lugar da Gandara, freguezia de Valle de Remigio, pertencente outr'ora á comarca de Vizeu, nasceu o dr. João Lopes de Moraes a 6 de janeiro de 1783. Foram seus paes Antonio Lopes e D. Joanna Maria.

Frequentou com distincção a Faculdade de Medicina, e nella recebeu o gráu de doutor em 29 de junho de 1817. Como se propunha seguir a carreira do professorado, deu o seu nome para a classe dos oppositores, e em 15 de junho de 1822 foi nomeado ajudante de clinica para os hospitaes da Universidade. Na promoção de 26 de agosto de 1825 teve o despacho de demonstrador de materia medica, com a clausula de não receber a ajuda de custo correspondente até se regularem os negocios da Faculdade. Sobrevieram as commoções politicas, que tiveram o reino em agitação desde 1828 até 1834; e como o dr. João Lopes de Moraes pre-

ferisse ao absolutismo um governo liberal, não só foi demittido do logar que occupava na Universidade, mas até perseguido e clausurado nas cadeias de Almeida.

Já por então era o dr. João Lopes conhecido em quasi todo o reino como practico, de quem se contavam successos clinicos de muita felicidade. Os serviços medicos, que prestou em Almeida, augmentaram-lhe a reputação, e até lhe conciliaram as sympathias dos adversarios politicos. Depois do restabelecimento do governo constitucional foi reintegrado no logar que lhe pertencia na Universidade, e ficou como terceiro lente regendo a cadeira de Aphorismos. Concentrava-se nesta cadeira toda a pathologia e a doutrina hippocratica. Pelas reformas que teve a Faculdade de Medicina em 1836 e 1844 mudou-se para outra cadeira o ensino da pathologia externa, e o dr. João Lopes continuou a explicar pathologia interna e doutrina hippocratica. Por vinte annos illustrou o ensino d'estas sciencias; e como ao cabo de tão longo periodo subisse a lente de prima, conhecendo que a ultima quadra da vida mais pedia descanso de que o peso de novos encargos academicos, solicitou e obteve a jubilação em 1855. Retirou-se para a sua casa de Mortagua, e alli falleceu em 29 de outubro de 1860.

Gozou o dr. João Lopes de Moraes de subidos creditos como medico e professor. Aquella fronte saliente, que parecia comprimir e difficultar a mobilidade dos olhos, revelava grande intelligencia e profunda reflexão. E de facto eram estas as faculdades que predominavam no dr. João Lopes, e que elle desinvolveu por meio de aturado estudo sobre os livros e de longa experiencia do mundo. Não deixou escriptos por onde os vindouros possam aquilatar o seu merito scientifico, mas deixou no professorado um nome illustre e de tal reputação, que muitos o appellidaram o Hippocrates portuguez da nossa idade.

ANTONIO JOAQUIM BARJONA

Coimbra, patria de extremados varões, conta no numero de seus filhos o dr. Antonio Joaquim Barjona. Nesta cidade nasceu, e foi baptisado na freguezia de Sancta Justa em 19 de fevereiro

de 1786. Foram seus paes o dr. Manuel José Barjona, eximio professor da Faculdade de Philosophia, e D. Josepha Thereza.

Cursou com distincção na Universidade as sciencias naturaes, as mathematicas e a Medicina. Nesta concluiu a formatura e aspirou a ser laureado com o grau de doutor. Como se tinha alistado no corpo militar academico contra os francezes, foi dispensado do acto de conclusões magnas; fez exame privado, e foi depois graduado em 30 de junho de 1817.

Na promoção de 15 de junho de 1822 obteve o logar de ajudante de clinica para os hospitaes da Universidade. Por este tempo foi mandado admittir no collegio de S. Pedro, sem que precedesse proposta do collegio, como era costume. Serviu isto de pretexto para o excluir, quando em 1823 se acclamou a restauração do governo absoluto. Não lhe correu por então bonançosa a fortuna, o que em parte foi devido ao seu genio inquieto e irascivel. Na congregação de 3 de julho de 1823 apresentou o dr. Castilho, como director dos hospitaes, largas queixas contra o dr. Barjona. Logo que este teve noticia extra official do que a seu respeito se passára no Conselho da Faculdade, requereu por certidão copia da acta ou dos artigos formulados contra elle pelo dr. Castilho. Teria attenuado a accusação se reprimisse os impetos de cholera, e fosse comedido na defesa. Desabafou porem com tal excesso, que comprometteu a sua causa, e fechou sobre si a porta que lhe dava entrada para o magisterio. No despacho de 26 de agosto de 1825 não foi lembrado para occupar o logar de demonstrador. Ficaria perpetuamente excluido da Faculdade, se as vicissitudes politicas não mudassem as circumstancias da nação.

Quando em Coimbra se organisou o batalhão academico para favorecer a revolução proclamada no Porto em 16 de maio de 1828, o dr. Barjona, que abertamente defendia as ideias liberaes, alistou-se no batalhão para lhe servir de facultativo. Acompanhou o corpo academico, e emigrou com elle para a Galliza. Seis annos andou exilado por Hespanha, Inglaterra e França. Durante a emigração foi mandado riscar dos livros da Universidade por aviso regio de 28 de março de 1829. Mas, como na lucta, que pouco depois se travou em Portugal, triumphasse o partido da Rainha, cessou a causa do exilio, e pôde sem receio voltar para a patria. Quando regressou, estava já despachado quarto lente da Faculdade de Medicina por decreto de 14 de julho de 1834.

Regeu por algum tempo a primeira cadeira de practica; passou a explicar medicina legal depois da reforma que em 1836 ampliou o quadro da Faculdade. Em 1855 subiu a lente de prima. e trocou a cadeira de medicina legal pela de pathologia interna. Nesta permaneceu até os ultimos tempos da sua vida, que findou em 26 de abril de 1866.

Teve o dr. Barjona grande penetração, espirito analyticó e ingenita sagacidade para descobrir e apreciar nos homens e nas cousas particularidades, em que poucos attentam. Soube usar d'estes dotes por forma, que alcançou grande reputação, como deputado na tribuna parlamentar, e como professor nas cadeiras da Universidade. Sobresahia nelle o desapego natural das riquezas e vaidades mundanas. Os interesses pecuniarios não o demoviam, nem jámais o desviaram do seu proposito. A inteireza, com que se houve neste particular, conciliou-lhe grande respeito e auctoridade. Foi pena que de envolta com aquelles bons predicados tivesse o máo sestro de não viver bem com os collegas, e de contrariar tudo o que não procedesse de iniciativa sua.

Publicou alguns escriptos, a maior parte sobre polemica com a Faculdade, uns anonymos e outros com o seu nome. De todos o mais importante é o que se inscreve — *Breve Memoria das febres intermittentes em Portugal, Coimbra 1862*, folheto de 47 paginas de texto e 2 de notas.

SEBASTIÃO D'ALMEIDA E SILVA

Nasceu em Coimbra o dr. Sebastião d'Almeida e Silva a 5 de janeiro de 1788. Foram seus paes Francisco d'Almeida e Silva e D. Maria Rosa.

Cursava o primeiro anno de Medicina, quando teve logar a invasão franceza. Alistou-se no batalhão academico em defesa da patria, e em «attenção aos bons serviços que prestou» obteve dispensa do exame de grego até chegar ao quarto anno.

Frequentou a Faculdade de Medicina com creditos de bom estudante, e nella concluiu formatura em julho de 1813. Passado tempo, matriculou-se no sexto anno, e veio a receber o grau de

doutor em 25 de janeiro de 1818. Na promoção de 26 de agosto de 1825 foi nomeado demonstrador de anatomia com a clausula de não receber a ajuda de custo correspondente, enquanto se não regulassem os negocios da Faculdade. Era de presumir que não durasse por muito tempo a violencia de se lhe exigir serviço sem remuneração. Sobrevieram porem as commoções politicas, e como o dr. Sebastião d'Almeida professava ideias liberaes, foi despedido da Universidade. Quando tudo lhe promettia que não seria perseguido, tomou o alvitre de exercer a Medicina em Cantanhede. Restabelecida porem a auctoridade da Rainha, foi reintegrado no serviço universitario e despachado quinto lente da Faculdade de Medicina por decreto de 14 de julho de 1834.

Na distribuição que entre si fizeram os vogaes da Faculdade, coube-lhe a cadeira de anatomia. Regeu esta cadeira por vinte e quatro annos, e em 1859 passou para a de materia medica e pharmacia. A mudança decidiu-o a solicitar a jubilação, da qual gozou nos ultimos annos de vida. Falleceu em 25 de outubro de 1866.

Foi o dr. Sebastião d'Almeida professor assiduo e desvelado. No exercicio do magisterio adquiriu vastos conhecimentos anatomicos. Amenizava o arido estudo da sciencia que professava com a leitura dos classicos portuguezes e latinos. Tinha muita instrução em bellas letras. Alguns versos latinos de sua composição revelam bom gosto litterario e conhecimento particular da lingua.

LUIZ ANTONIO PESSOA

No logar do Chão do Bispo, nos arrabaldes de Coimbra, nasceu em 1792 o dr. Luiz Antonio Pessoa, e foram seus paes Vicente José Pessoa e D. Thereza Delfina Freire da Silva.

Applicou-se ao estudo da Medicina, e nella mereceu a laurea doutoral, que lhe foi conferida em 7 de julho de 1822. Resolvido a seguir o magisterio na Universidade, inscreveu-se na classe dos oppositores e promptificou-se para o serviço que lhe fosse distribuido. Tarde lhe chegaria a vez de entrar no quadro da Faculdade, porque tinha adiante de si outros oppositores bem qualificados, e os logares estavam providos. Como porem surgiram acon-

tecimentos politicos, que perturbaram a successão regular das nomeações para a Universidade, veiu o dr. Luiz Antonio Pessoa a ficar em circumstancias de poder conseguir o despacho de professor. E com effeito na promoção de 31 de julho de 1830 obteve a nomeação de sexto lente com exercicio na cadeira de Aphorismos. Pouco tempo esteve no magisterio. Em 15 de julho de 1834 foi demittido com outros lentes realistas, e passou o resto da vida retirado do bulicio academico.

MANUEL JOAQUIM DA SILVA

Foi filho de João Antonio da Silva, e natural de Souzaellas. Coursou na Universidade a Faculdade de Medicina; nella conseguiu o grau de doutor em 7 de outubro de 1827. Durante as commoções politicas, que depois sobrevieram, houve-se de modo que o não podiam acoimar de partidario. O seu intuito era alcançar um logar no professorado. Como a maior parte dos oppositores e substitutos de Medicina tinham sido perseguidos por constitucionaes e expulsos da Universidade, foi o dr. Manuel Joaquim da Silva despachado substituto ordinario em 31 de julho de 1830.

Dava-se bem com realistas e constitucionaes, mas nem por isso deixou de ser comprehendido no decreto de demissão de 15 de julho de 1834. Requerêu para ser conservado no logar que occupava. Indeferiram-lhe a pretensão; e como visse que nada podia esperar do governo constitucional, retirou-se á vida particular.

JERONYMO JOSÉ DE MELLO

Se tivessesmos de agrupar os professores que mais se distinguiram no magisterio e mais acreditaram a Universidade, nessa pleiada de lucidas intelligencias dariamos merecido cabimento ao dr. Jeronymo José de Mello.

Nasceu este insigne professor na cidade da Guarda¹, e foi baptisado na Malhada Sôrda em 6 de janeiro de 1792. Seu pae, Manuel Antonio Affonso, tomou-lhe para padrinho o prelado diocesano D. Jeronymo, de quem no bispado ainda hoje se contam obras meritorias. Entrado na adolescencia estudou humanidades com singular aproveitamento. Na Universidade frequentou com muita distincção as sciencias preparatorias e auxiliares da Medicina, e nesta Faculdade concluiu formatura em julho de 1818. Matriculou-se no sexto anno para alcançar os mais subidos graus academicos. Foi dispensado do acto de conclusões magnas por se achar comprehendido nas disposições da carta regia de 3 de maio de 1819; e o aviso de 30 de abril de 1821 ordenou que lhe fosse conferido gratuitamente o grau de doutor.

Não se aproveitou por então Jeronymo José de Mello das concessões que os poderes publicos lhe liberalisavam. Motivos particulares o decidiram a interromper a carreira academica e a entregar-se ao exercicio da clinica. Esteve nos partidos camararios de Castello de Vide e Aviz. Mas, quando a convenção de Evora Monte acabou com a tormenta da guerra civil entre constitucionaes e realistas, abriu mão dos interesses que tinha no Alemtejo, e voltou para Coimbra com o proposito de seguir o magisterio na Universidade. Fez exame privado em 18 de dezembro de 1834. Um mez depois, em 18 de janeiro de 1835, recebeu o grau de doutor. A falta de professores de Medicina naquella occasião parecia facilitar-lhe a entrada para a Faculdade; sobrevieram porém altercações com outros oppositores, e reformas universitarias que lhe demoraram o despacho, de modo que só veiu a ter a nomeação de substituto em 4 de maio de 1838.

Não tardou em passar a cathedratico. Coube-lhe na distribuição das materias que se haviam de ensinar na Faculdade a cadeira de physiologia. Nesta permaneceu durante o longo espaço da sua vida no magisterio; nella achou opportuno ensejo de ostentar os seus profundos conhecimentos não só de physiologia, mas tambem d'outros ramos do saber humano. Possuia em verdade grande eru-

¹ A certidão extrahida do assento do baptismo não diz quando nem onde nasceu, apenas designa que fôra baptisado em 6 de janeiro de 1792 na freguezia da Malhada Sôrda, d'onde era natural sua mãe. Mas nos termos das matriculas constantemente se inscreveu natural da Guarda, e por isso não duvido assignar-lhe esta cidade por patria.

dição litteraria e scientifica, e ao cabedal proveniente de aturado estudo junctava larga experiencia do mundo e a instrucção adquirida numa viagem que fizera a Inglaterra e França. Deu provas exuberantes do seu ingenho e sabedoria, tanto no difficil encargo de apostolar a sciencia, como em varias commissões de serviço publico, para que os seus merecimentos o indigitavam.

Nas congregações da Faculdade e nos claustros, no parlamento e na imprensa foi o dr. Jeronymo José de Mello incançavel defensor das prerogativas universitarias. Mas, assim como pugnava pelo conservação na Universidade do primado scientifico e docente, da mesmo modo insistia pelo cumprimento dos deveres a que tinha de satisfazer o corpo cathedratico. Por sua parte foi exactissimo no desempenho das suas obrigações academicas; ninguem o excedeu em zelo, poucos o igualaram em pontualidade. Consumindo enfim grande parte da existencia no serviço da Faculdade, de que foi claro ornamento, veio a fallecer em 25 de fevereiro de 1867.

Publicou um opusculo com o titulo *Memoria Filosofica sobre a Megalanthropogenesis*. Deu artigos para varios jornaes politicos e litterarios: no *Instituto* principalmente imprimiu muitos escriptos. Mas a sua obra de maior merecimento, aquella que como trabalho litterario e scientifico lhe grangeou subida reputação, foi a que escreveu para servir de norma a seus discipulos, *Primeiras Linhas de Physiologia*, de que tirou duas edições. No tempo em que foi escripta representava fielmente o estado da sciencia. Os progressos incessantes da physiologia diminuíram-lhe o interesse scientifico; não lhe cercearam porem o valor litterario. Será em todo o tempo modelo de estylo didactico e apreciavel monumento de boa linguagem portugueza.

FLORENCIO PERES FURTADO GALVÃO

Na quinta do Freixo, freguezia de S. Miguel da Villa de Pennella, nasceu em 27 de março de 1799 o dr. Florencio Peres Furtado Galvão. Foram seus paes Luiz José Peres de Almeida Freire e D. Joanna Florinda Galyão.

Estudou Medicina na Universidade, onde concluiu formatura em 30 de julho de 1824. Dez annos depois resolveu entregar-se novamente ás lidas academicas para conseguir mais elevada gradação. Matriculou-se no sexto anno; satisfz ás prescripções dos Estatutos, e em 20 de julho de 1835 foi-lhe conferida a laurea doutoral a que aspirava. Promptificou-se como oppositor para desempenhar o serviço que lhe fosse distribuido; e, tendo por vezes substituido os professores effectivos, deu provas na regencia de algumas cadeiras da sua aptidão para o magisterio, pelo que obteve o despacho de substituto em 4 de maio de 1838. Em breve passou a cathedratico, e ficou proprietario da cadeira de materia medica e pharmacia. Nesta permaneceu, até que ao cabo de vinte annos de bons e effectivos serviços requereu e alcançou a jubilação no principio de 1859.

Foi o dr. Peres partidario decidido da homeopathia. Profundou esta doutrina, e explicou-a a seus discipulos enquanto esteve na Universidade. Depois de jubilado depoz os cuidados pela cultura da sciencia: retirou-se para a sua casa de Penella, onde falleceu em 17 de agosto de 1865.

AGNELLO GAUDENCIO DA SILVA BARRETO

De Francisco João de Assis e de D. Maria Laura nasceu na Villa do Rabaçal o dr. Agnello Gaudencio da Silva Barreto a 14 de dezembro de 1806. Coursou Medicina na Universidade com aproveitamento e distincção, pelo que mereceu o gráu de doutor, que lhe foi conferido em 31 de julho de 1836. Entrou por provas de concurso no magisterio, e foi despachado substituto da Faculdade de Medicina em 11 de setembro de 1838. Doença pertinaz, que lhe tomou as faculdades intellectuaes, impossibilitou este professor de prestar os bons serviços que d'elle se esperavam. Succumbiu ainda no vigor da idade em 7 de janeiro de 1851.

JOSÉ GOMES RIBEIRO

Este medico eximio e digno professor de clinica na Universidade nasceu em Alijó a 3 de outubro de 1807. Foram seus paes José Gonçalves Seára e D. Anna Albertina.

Mal afortunados lhe correram os annos da juventude. Quando mais carecia de socego para estudar humanidades, sobreveiu-lhe atroz perseguição dos realistas, e lá foi com seu pae expiar numa enxovia a culpa de ser constitucional. Restabelecido o Governo da Rainha em 1834, applicou-se na Universidade ao estudo das sciencias preparatorias para o curso medico. Frequentou com aproveitamento as aulas de instrucção superior, e em 1841 concluiu a formatura em Medicina. Deliberou fixar a sua residencia em Coimbra e seguir a carreira do professorado. Matriculou-se no sexto anno, e em 31 de julho de 1842 recebeu o gráu de doutor. Estavam por aquelle tempo vagos alguns logares da Faculdade. Entrou o dr. José Gomes Ribeiro no concurso que então se abriu, e em 12 de agosto de 1843 foi provido numa substituição. Por doze annos serviu como substituto. Quando entrou para cathedratico coube-lhe a propriedade d'uma das cadeiras de practica, onde se conservou até conseguir a jubilação ao findar o anno de 1863.

Excellentes professores têm occupado as cadeiras de clinica da nossa Universidade; mas com serem famosos tão abalisados ingenhos, não escurecem os predicados por onde se distinguio o dr. José Gomes Ribeiro. Possuia o tino medico em gráu eminente, e d'este natural condão deu provas indubitaveis não só quando iniciava os discipulos nos reconditos mysterios da praxe, mas tambem em repetidas consultas e conferencias para que era chamado. Abonaremos a realidade da sua sagacidade medica citando um facto, que ainda hoje é conhecido em Coimbra, e que por interesse da humanidade bom seria que o fosse por outras terras.

Ao começar o terceiro quartel do seculo actual reinaram por Coimbra e suas immedições epidemias, que os medicos capitulavam de febres typhoides. E na verdade, os symptomas por que a doença se representava, a marcha insidiosa que seguia, a investigação das causas e mais pontos, que exteriormente podiam escla-

recer o diagnostico, conspiravam para que se tomasse a epidemia de cada inverno por andaço de febres de mau character, descriptas nos livros modernos de pathologia com o epitheto de typhoides. Todavia as applicações therapeuticas, que mais convêm a estas febres, longe de alliviar os enfermos, aggravavam-lhes em geral a doença. Coube ao dr. José Gomes Ribeiro a gloria de determinar a natureza do mal e de indiar a therapeutica, com que se devia debellar. Estudando attentamente á cabeceira dos doentes os symptomas e a sua successão, ponderando com muita reflexão os factos clinicos e as suas relações, chegou enfim a concluir que as doenças reinantes não eram typhos nem febres typhoides, mas sim gripes intensas, de que havia exactas descrições nos annaes da Medicina. Nesta conformidade instituiu o tractamento a seus doentes. Os bons resultados que obteve confirmaram o diagnostico, e decidiram outros medicos a seguir o seu exemplo.

Concorriam no dr. José Gomes Ribeiro outras qualidades e disposições que lhe ampliavam os creditos de bom professor. Era assiduo e pontual no cumprimento das suas obrigações academicas, exigente e severo na manutenção da disciplina; tractava porem os discipulos com lhaneza, e folgava de lhes explicar e repetir á cabeceira dos doentes todas as particularidades sobre a difficil applicação da sciencia e arte de curar.

Desempenhou com zêlo os encargos do magisterio; bem mereceu a jubilação que pediu quando chegou alquebrado de saude ao termo de vinte annos de bons e effectivos serviços. Poucos mezes viveu jubilado; opprimiu-o nos ultimos tempos da vida pertinaz enfermidade, a que succumbiu em 29 de maio de 1864.

ANTONIO CARLOS DOS GUIMARÃES MOREIRA

Nasceu em Leiria a 13 de fevereiro de 1818. Foram seus paes José Lourenço dos Guimarães Moreira e D. Maria da Piedade.

Resolvido a seguir a vida litteraria, para que o chamavam as tendencias naturaes, deu provas indubitaveis do seu ingenho e applicação nos cursos universitarios. Concluiu formatura em Medicina em julho de 1843. As qualificações que obteve facilita-

vam-lhe o accesso a mais elevada graduação. Preparou-se para a conseguir, e no 1.º de dezembro de 1844 coroou a laurea doutoral a perseverança de seus esforços.

Dous mezes antes tinha sahido o decreto de 20 de setembro de 1844, cujas disposições sobre o provimento dos logares no magisterio universitario acabavam com a forma de concurso publico, e restabeleciam o methodo de longa opposição. O dr. Antonio Carlos, que aspirava ao professorado, matriculou-se como doutor addido á Universidade; fez o serviço que o habilitou a passar para a classe de oppositor, e por decreto de 4 de agosto de 1846 foi despachado demonstrador de materia medica e pharmacia. Pouco mais d'um anno sobreviveu ao despacho; em 2 de novembro de 1847 exhalou o ultimo suspiro, victima d'uma escarlatina, de que fora contagiado, quando prestava serviços medicos a um enfermo tomado da mesma doença.

ANTONIO JOAQUIM RIBEIRO GOMES D'ABREU

Á porta de Custodia Teixeira, moradora no lugar de Barbosa, freguezia de Moreira de Rei, foi exposto um menino no correr da noute de vinte e dous de fevereiro de mil e oitocentos e doze (?) Trazia o innocentinho um escripto de letra desconhecida, em que se declarava não ser baptizado. No dia vinte o quatro de referido mez e anno recebeu solemnemente as aguas do baptismo e os santos oleos na freguezia de S. Martinho de Moreira de Rei. Deram-lhe o nome de Antonio Joaquim, e teve por padrinhos o padre José Novaes de Campos e sua irmã Marianna Novaes de Campos. Permittiu a Providencia que não lhe faltasse amparo desde a infancia. Cresceu em annos e letras, e entrado na idade viril decidiu cursar a Universidade, onde em outubro de 1838 effectuou matricula no primeiro anno mathematico e philosophico. Nesta e em todas as matriculas subseqüentes invariavelmente se inscreveu «Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, filho de João Ribeiro de Novaes, natural de Monte-Longo, districto de Braga ¹.»

¹ Da certidão do baptismo, dos termos das matriculas e mais documentos respectivos existentes no archivo da Universidade extractei quanto acima

Frequentou com muita distincção as sciencias preparatorias e auxiliares da Medicina, e abriu matricula no primeiro anno d'esta Faculdade em 10 de outubro de 1842, apresentando certidão de bacharel em Mathematica. Nos estudos medicos houve-se por modo, que ao concluir a formatura em julho de 1848 muitos professores da Faculdade lhe mostraram o desejo de o terem por collega no magisterio. Cedeu a tão honrosa demonstração, e proseguiu na frequencia das aulas até findar o anno de repetição em maio de 1849. Demorou por algum tempo as provas dos actos grandes; e, como em 1851 e no anno seguinte houvesse perdão de acto, foi por isso dispensado de ostentar a defeza de conclusões magnas. Fez exame privado em 22 de maio de 1852, e no dia 23 recebeu o gráu de doutor.

A carta de lei de 19 de agosto de 1853 restabeleceu a classe dos substitutos extraordinarios, e o methodo de concurso publico para se proverem os logares do magisterio na Universidade. O dr. Gomes d'Abreu entrou no primeiro concurso que se abriu em Medicina, e como obtivesse plena approvação, foi despachado substituto extraordinario por decreto de 14 de fevereiro de 1855. Tomou posse do logar, e seguia no desempenho do serviço universitario, quando por decreto de 5 de março de 1856 mandou o

relato. Desci a taes particularidades, porque não se tem geralmente por bem averiguado qual fosse a naturalidade, quaes os progenitores do dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu. O illustrado auctor do *Diccionario Bibliographico* no tomo oitavo pag. 191 diz que apezar de todas as diligencias não conseguira ainda apurar com exactidão o que respeita á naturalidade. Accrescenta «que uns o suppunham nascido em Guimarães, outros em «Monte-Longo.» Cita o testemunho do sr. Pereira Caldas, companheiro de estudos e intimo amigo do dr. Gomes d'Abreu, que «mui positivamente «affirma ter nascido na freguezia de S. Gens, concelho de Fafe, aos 22 de «fevereiro de 1809, e que fôra baptisado na freguezia de Moreira de Rei, «do mesmo concelho, sendo seu pae João Ribeiro de Novaes.»

Concorda quasi em todos os pontos o dizer dos documentos com a affirmativa do sr. Pereira Caldas. A mais notavel discrepancia é a que se refere ao anno do nascimento. Cumpre-me porem advertir que na certidão do baptismo, onde a data está exarada por extenso, a ultima palavra, que designa o anno, foi evidentemente viciada. Parece que primeiro se tinha escripto *nove*, e que, depois, do *n* se fez um *d*. A forma da letra é tal que nada mais foi preciso para que se podesse ler *doze*. Na margem da certidão está por algarismo 1812; mas a letra e a côr da tinta revelam ser accrescentamento de mão extranha. Por isso apresento com o indicio de duvidoso o anno do nascimento.

governo que os professores da Universidade como funcionarios do Estado prestassem juramento de fidelidade á dynastia reinante e ás instituições vigentes. Não se conformou com similhante determinação o dr. Gomes d'Abreu, partidario intransigente das doutrinas legitimistas. Deixou logo a Universidade, e pouco depois dirigiu uma carta ao Conselho da Faculdade de Medicina, lida e ouvida com pezar na congregação de 12 de abril de 1856, em que se despedia de seus mestres, amigos e collegas. Por mais de quatro annos persistiu na alternativa ou de o dispensarem do juramento ou de o demittirem. Nem as instancias de amigos nem os bons officios de collegas o demoveram do seu proposito. O Governo por sua parte persistia tambem com firmeza na exigencia do juramento. Sendo pois inadmissivel qualquer meio de conciliação, forçoso foi conceder ao dr. Gomes d'Abreu a escusa do serviço por decreto de 30 novembro de 1860.

Não quiz a fortuna que tão insigne varão deixasse no professorado rastro luminoso; mas o que as circumstancias lhe não permitiram na patria facultou-lh'o em terra extranha o principe proscripto, a cuja causa se devotara, escolhendo-o para preceptor de seus filhos. Sahiu do reino para desempenhar tão honrosa incumbencia em agosto de 1863. Infelizmente a mudança para a Allemanha e os esforços talvez pela educação de seus queridos discipulos aggravaram-lhe padecimentos antigos. Conheceu que a doença o impellia acceleradamente para o termo da existencia. Resignado com os infortunios, e contrapondo ás adversidades d'este mundo a esperanza da vida futura, expirou em Bronnbach aos 15 de junho de 1867.

Escreveu o dr. Gomes d'Abreu numerosos artigos sobre materias politicas, scientificas e litterarias. As suas producções andam dispersas pelas folhas de varios jornaes. Não sei que publicasse em livro senão um notavel discurso proferido na Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa. Sahiu sob o titulo *A organização dos estudos medicos em Portugal etc.*, Lisboa, 1853; 142 pag. em 8.º pequeno. Bastaria esta obra para firmar a reputação litteraria do auctor, se trabalhos anteriores lh'a não tivessem solidamente estabelecido.

ANTONIO DE OLIVEIRA SILVA GAIO

De Manuel Joaquim de Almeida e Silva e de sua mulher D. Anna Augusta de Oliveira e Almeida nasceu em Vizeu o dr. Antonio de Oliveira Silva Gaio aos 14 de agosto de 1830.

Cedo manifestou nas aulas de humanidades concepção rapida, imaginação viva, e loquela expedita e agradável. D'estes dotes se prevaleceu no tracto social e nos cursos de instrucção superior, onde conseguiu honrosas distincções academicas. O estudo das sciencias positivas parecia coadunar-se com a sua indole e com as aspirações do seu espirito ardente; e se tivera cursado Jurisprudencia, diverso teria sido talvez o seu destino. Aconteceu porém formar-se em Medicina; e com o intuito de seguir o magisterio na Universidade, matriculou-se no anno de repetição, e proseguiu nas lides academicas até que lhe foi conferido o gráu de doutor em 31 de julho de 1858.

Achavam-se então vagas tres substituições extraordinarias na Faculdade de Medicina. Entrou o dr. Silva Gaio em concurso com outros candidatos, e, sendo approvedo, obteve o despacho para um dos logares por decreto de 4 de janeiro de 1859. Subiu por antiguidade na escala do professorado, e chegou a cathedratico em 1866. Por este tempo começou a sentir incommodos que progressivamente augmentaram, e que pouco depois o impossibilitaram de reger a cadeira de medicina legal, de que era proprietario.

Foi nos ultimos annos da vida, quando por falta de saude não podia satisfazer ás obrigações universitarias, que o dr. Silva Gaio se entregou á composição de obras litterarias que tiveram em geral benigno acolhimento. A primeira producção que tirou a publico foi um romance historico, sob o titulo de *Mario*, allusivo ás luctas civis de 1828 a 1834. D'esta obra fallou com merecido louvor a imprensa periodica portugueza e alguns jornaes estrangeiros. Animado pôr tão feliz estreia e desejoso de maiores glorias, escreveu um drama em cinco actos: *O Arcebispo D. Frei Ceatano Brandão*, que no theatro normal em Lisboa e no academico de Coimbra suscitou vivos applausos. Imprimiu esta peça em 1869 com uma carta dedicatoria ao seu amigo Thomaz Ribeiro, e um *Escoço Biographico* concernente ao venerando prelado bracarense.

Sobre materias scientificas apenas deu á estampa a dissertação inaugural, cujos exemplares são hoje raros; debateu-se porem com enthusiasmo nas lides jornalisticas, e revelou a sua aptidão para este genero de trabalho em alguns jornaes provincianos.

Occupava-se ultimamente na composição de novas peças dramaticas; para algumas tinha planos traçados e trabalhos adiantados. Se a doença o não opprimisse, e morte prematura o não arrebatasse, deixaria por certo maiores documentos do seu ingenho e fecundidade. Falleceu no Bussaco, retiro da sua predilecção, em 8 de agosto de 1870. De lá foi conduzido na madrugada do dia 10 para o cemiterio do alto da Conchada em Coimbra, onde repousa.

MANUEL JOSÉ DA SILVA PEREIRA

Na Cumieira, junto ao Pezo da Regoa, nasceu o dr. Manuel José da Silva Pereira a 21 de agosto de 1836. Foram seus paes Domingos José da Silva e D. Candida Carolina.

Foi prenuncio auspicioso a vivacidade que desde tenros annos mostrou, e que muito influiu para lhe darem profissão pelas letras. Proximo da casa paterna aprendeu as primeiras disciplinas de instrucção secundaria, e veiu acabar em Coimbra o curso de humanidades. Habilitado para frequentar os estudos superiores, matriculou-se no primeiro anno de Mathematica e de Philosophia, e proseguiu nestas Faculdades até completar os preparatorios indispensaveis para Medicina. Houve-se com distincção no curso medico; e como após a formatura insistisse em profundar a sciencia para alcançar a suprema graduação universitaria, corroborou na defesa das theses e no acto de licenciado os creditos adquiridos, e bem mereceu a coroa com que foi laureado em 13 de julho de 1862.

Entrou por concurso no magisterio e teve o primeiro despacho de substituto extraordinario da Faculdade de Medicina em 29 de setembro de 1865. Subiu pouco depois a substituto ordinario, e como tal regeu a cadeira de histologia, onde largamente patenteou as suas qualidades de professor. Soube dar a seus discipulos tão solida instrucção sobre as propriedades, structura e contextura

dos tecidos organicos, que no fim do anno lectivo não careciam de estudo previo nem de avivar ideias para fazerem exame d'aquellas materias. De mim confesso que me surprehendeu a promptidão e certeza com que nos actos respondiam a particularidades histologicas muito alheias do ponto, que a sorte lhes destinara.

Era o dr. Silva Pereira entusiasta dos commettimentos elevados, e ousado para os emprender. Obedecendo aos impulsos naturaes, concebeu o projecto de ir estudar a organização do ensino medico e os progressos da sciencia nas escholas da America. Deu-se pressa em executar o projecto; e para evitar os attritos que mais o podiam demorar, prescindiu do subsidio com que o governo costuma auxiliar as viagens scientificas, e tão sómente requereu a conservação do seu ordenado e licença para sahir do reino. Uma e outra cousa lhe foi concedida sem difficuldade. Animado de grandes esperanças sahiu a barra de Lisboa em direcção ao Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1868. Era digno de que boa fortuna o acompanhasse em tão singular empreza: quiz porem o seu destino que a sorte lhe corresse ora prospera ora adversa, e que o andamento d'esta alternativa acabasse enfim pela desventura. Chegado á capital do Brazil começou a intender nos encargos da viagem e ao mesmo tempo a prestar seccorros medicos a muitos enfermos, que se valiam da sua pericia. Como prolongasse a assistencia entre os fluminenses, entretido naquellas occupações, sobreveiu uma epidemia de febre amarella, de cuja mortifera influencia não pôde resguardar-se. Longe da patria, mas em terra de irmãos e hospitaleira, exhalou o ultimo suspiro no dia 8 de março de 1870.

Alem da dissertação inaugural escreveu o dr. Silva Pereira alguns artigos sobre expostos em polemica scientifica com adversarios respeitaveis¹. Sahiram na *Liberdade* e no *Commercio de Coimbra*, jornaes que em 1865 se publicavam nesta cidade.

¹ Entre os contendores figuravam o sr. Thomaz Ribeiro, e o sr. Caetano de Seixas e Vasconcellos, que então exercia o cargo do governador civil de Coimbra.

MANUEL PAES DE FIGUEIREDO E SOUZA

Expozemos até agora as noticias biographicas dos professores de Medicina, fallecidos depois da Reforma, seguindo a ordem chronologica da sua entrada no magisterio; ao chegarmos porem á derradeira estancia d'esta já cançada peregrinação, seja-nos relevado que alteremos a regra estabelecida, não só para que o final das noticias se ajuste com a ultima perda que soffreu a Faculdade de Medicina e o professorado, mas também para que o nome e a memoria d'um varão respeitavel assignale a meta de nossos trabalhos. Illuminemos pois o marco extremo d'esta viagem com os traços biographicos do dr. Manuel Paes de Figueiredo e Souza, por cujo fallecimento sentidas lagrimas humedecem ainda as faces de seus amigos e collegas ¹.

Nasceu, este illustre professor em Canas de Senhorim a 25 de abril de 1810. Foram seus progenitores João Paes de Figueiredo e Souza e D. Josepha Nunes.

Tinha entrado na juventude, e cursava os estudos universitarios, quando começou a incendiar-se a discordia civil entre constitucionaes e realistas. Neste révolver de paixões, em que a ninguem se permittia moderação e menos ainda neutralidade, inclinou-se a favor da causa liberal, para onde o moviam precedentes de familia e as proprias inclinações. Soffreu por isso amarguras nos primeiros annos do Governo absoluto; e como presentisse, depois do desembarque do exercito libertador, que maior tormenta o ameaçava, disse adeus á casa paterna; tomou em direcção do Porto, e lá foi alistar-se entre os combatentes em pró da liberdade. Serviu na arma de artilheria, e esteve por alguns mezés de guarnição na Serra do Pilar. Terminada a lucta que restabeleceu o Governo

¹ O lugar que segundo a regra estabelecida pertencia ao dr. Manuel Paes de Figueiredo e Souza era entre o dr. Agnello Gaudencio da Silva Barreto e o dr. José Gomes Ribeiro.

Não foi sem ponderação que me resolvi a collocar as noticias biographicas pela ordem chronologica do primeiro despacho dos professores. D'entre os alvitres, que o assumpto me suggeriu, pareceu-me preferivel o que adoptei. Se tivesse seguido a chronologia dos fallecimentos, não sahiria de constantes embaraços, por não poder averiguar com exactidão o obito de muitos professores.

constitucional, largou as armas, e veio continuar os estudos nas aulas da Universidade.

Cursou com distincção a Faculdade de Medicina, e nella tomou o gráu de doutor em 25 de julho de 1841. Como aspirava ao magisterio, deu provas, no concurso immediato, de seus conhecimentos e aptidão, e sendo approvado conseguiu o despacho de substituto por decreto de 12 de agosto de 1843. Permaneceu por dez annos na classe de substituto ordinario, e durante este espaço regeu diversas cadeiras da Faculdade no impedimento dos respectivos cathedrauticos, sendo que na de physiologia teve por vezes demora prolongada, o que lhe proporcionou ensejo de exercitar os seus talentos. Ao passar para professor effectivo foi occupar uma das cadeiras de practica.

Largô estadio lhe offereciam as aulas de clinica para desenvolver os seus recursos intellectuaes e grangear creditos de bom professor. Compreendeu o alcance da sua missão, e soube desempenhá-la cabalmente mais com o intuito de cumprir os seus deveres, do que levado pelo incentivo da gloria. Apenas assumiu a regencia da cadeira, desterrou da aula a regra habitual de grandes discursos á cabeceira dos doentes, e estabeleceu costumes novos em conformidade com as prescripções dos Estatutos. Sob a sua direcção os alumnos de practica haviam, primeiro que tudo, de explorar e observar minuciosamente o estado dos doentes. Cumpria-lhes em seguida ponderar os factos observados, e apreciar-os á luz da anatomia, da physiologia e da pathologia. Proseguindo emfim na avaliação das causas, symptomas, alterações organicas e desvios funcçionaes, chegavam sem rodeios ao diagnostico e ás indicações therapeuticas correspondentes. É manifesto que os alumnos, dirigidos por este modo, e instados para darem a razão das suas asserções, contrahiam nas aulas habitos de verdadeiro medico, e adquiriam ao mesmo tempo copiosa instrucção clinica.

Proficuo e demorado foi o exercicio do dr. Paes de Figueiredo nas cadeiras de practica, onde com as funcções do ensino desempenhou dignamente as de director dos hospitaes. Era seu intento continuar nos trabalhos academicos, em quanto a saude lh'o permitisse. Como pois se detivesse no professorado, ao cabo de vinte e seis annos de serviço subiu a lente de prima, decanno e director da Faculdade de Medicina. Chegado ao supremo limite da carreira do magisterio empenhou-se em cumprir com todo o zêlo

as obrigações inherentes á elevação do cargo. Foi então que muito se distinguiu por seu conselho e prudencia, e por excellentes qualidades pessoaes que o caracterisavam. Soube moderar os espiritos exaltados, conciliar os divergentes, e attrahir o respeito e affecto de todos. Sob a sua direcção deu a Faculdade de Medicina o salutar exemplo de mutua amizade e união entre seus vogaes, condição importantissima para que possam prosperar e progredir as corporações d'esta ordem.

Proseguia o dr. Paes de Figueiredo nas funcções do magisterio, gosando da estima e consideração que os seus merecimentos pediam. A sua disposição era tal, que, não obstante contar sessenta e dous annos de idade, promettia ainda a continuação de bons serviços. Quando pois parecia que a vida lhe corria tranquilla e duradoura, morte inesperada o arrebatou no dia dezenove de julho do anno corrente! Desceu ao sepulchro estimado e bemquisto de todos, deixando de si honrada memoria no professorado.

Coimbra, 1.º de outubro de 1872.

FIM.

INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA	3
DISCURSO PRELIMINAR:	
I Do ensino medico da Universidade no seculo XVIII antes da Reforma em 1772	9
II Do desenvolvimento dos systemas medicos e dos progressos da Medicina em geral desde os fins do seculo XVII até 1770	23
III Preludios da Reforma — Compendio Historico	35

PARTE PRIMEIRA

CAPITULO I Estatutos Medicos	47
CAPITULO II Preliminares para a execução dos novos Esta- tutos Medicos	57
CAPITULO III Serviço da Faculdade nos onze annos conse- cutivos á Reforma — Primeiros estabelecimentos..	67
CAPITULO IV Apreciação da Reforma do ensino medico ..	83
CAPITULO V De 1783 a 1795 — Costumes e praxes univer- sitarias	95
CAPITULO VI De 1795 a 1822 — Promoções. Viagens scien- tificas. Invasão franceza. Declinação dos estudos. Administração dos hospitaes	111
CAPITULO VII Doutrinas medicas professadas na Universi- dade desde a Reforma até 1822	133
CAPITULO VIII De 1822 a 1836. Decadencia dos estudos medicos. Projecto da Reforma. Influencia das lu- tas civis	155

	Pag.
CAPITULO IX De 1836 a 1844. Reforma dos estudos medicos na Universidade — Successos posteriores	177
CAPITULO X De 1844 a 1863. Nova organização de estudos — Serviços da Faculdade	189
CAPITULO XI De 1863 a 1872. Ampliação dos estudos medicos. Viagens scientificas. Estabelecimentos. Promoções. Estado actual.	207
EPILOGO	237
Pontos para dissertações inauguraes, escolhidos pela Faculdade de Medicina desde a Reforma até ao presente, e datas das congregações em que foram approvados	241
Estatistica dos estudantes matriculados nos differentes annos do curso medico desde a Reforma da Universidade em 1772 até 1871	253

PARTE SEGUNDA

NOTICIA biographica dos professores da Faculdade de Medicina, fallecidos desde a Reforma de 1772 até o preentes:	
Simão Goold.	257
Antonio José Pereira	258
Luiz Cichi.	»
José Francisco Leal.	259
Antonio José Francisco d'Aguiar	260
Manuel Antonio Sobral	261
José Correia Picango	262
Francisco Tavares	263
Joaquim de Azevedo	265
José Pinto da Silva	266
Caetano José Pinto d'Almeida.	267
Luiz José de Figueiredo e Souza	268
João Francisco d'Oliveira Alves	269
João Joaquim Gramacho da Fonseca.	270
João de Campos Navarro	»
Joaquim Navarro de Andrade	272
Bento Joaquim de Lemos	273
Ricardo Teixeira Maconelli	»
Antonio Gomes da Silva Pinheiro	274
Antonio José de Miranda e Almeida	»
Antonio Ignacio Gonçalves Forté.	275

	Pag.
José Diogo da Rocha.....	276
Antonio Joaquim Nogueira da Gama.....	»
José Feliciano de Castilho.....	277
Francisco José de Souza Loureiro.....	278
Pedro Joaquim da Costa Franco.....	279
Francisco Soares Franco.....	280
Emydio Manuel Victorio da Costa.....	281
Antonio Joaquim de Andrade.....	282
Manuel Pereira da Graça.....	283
Jeronymo Joaquim de Figueiredo.....	»
Angelo Ferreira Diniz.....	284
Antonio d'Almeida Caldas.....	286
José Carlos Barreto.....	287
Antonio da Cruz Guerreiro.....	»
Luiz Antonio da Silva Maldonado.....	288
Antonio Joaquim de Campos.....	»
Joaquim Xavier da Silva.....	289
João Alberto Pereira de Azevedo.....	290
José Ignacio Monteiro Lopo.....	291
João Baptista de Barros.....	292
Carlos José Pinheiro.....	293
Aureliano Pereira Frazão de Aguiar.....	295
João Lopes de Moraes.....	»
Antonio Joaquim Barjona.....	296
Sebastião d'Almeida e Silva.....	298
Luiz Antonio Pessoa.....	299
Manuel Joaquim da Silva.....	300
Jeronymo José de Mello.....	»
Florencio Peres Furtado Galvão.....	302
Agnello Gaudencio da Silva Barreto.....	303
José Gomes Ribeiro.....	304
Antonio Carlos dos Guimarães Moreira.....	305
Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu.....	306
Antonio de Oliveira Silva Gaio.....	309
Manuel José da Silva Pereira.....	310
Manuel Paes de Figueiredo e Souza.....	312

ERRATAS

<i>Pag.</i>	<i>Linha</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
12	39	Fen primi quarti	Fen prima quarti
47	4	tinha patentado	tinha patenteado
51	30	se deve aperfeiçor	se deve aperfeiçoar
62	11	Ao lente de primeira cadeira de practica	Ao lente da segunda cadeira de practica
.	12	Ao lente da segunda cadeira de practica	Ao lente da primeira cadeira de practica
105	9	O compendio de Roeder	O compendio de Roederer
.	27	nos livros das actas	nos livros dos actos
109	25	Em Medicina chama-se	Em Medicina chamava-se
114	14	29 de julho de 1812	29 de julho de 1812 e de 1813
128	1	aos dois lentes de Medicina, José Feliciano de Castilho, e Jeronymo Joaquim de Figueiredo.	aos tres lentes de Medicina José Feliciano de Castilho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Angelo Ferreira Diniz.
.	20	foram ambos	foram todos tres
142			
153	15	foram dispensados	foram dispensados
155	26	julho de 1812	julho de 1813
183	3	pluralidade	pluralidade
275	5	29	28
.	20	Gôa	Coimbra
309	22	1866	1867